

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE GUAJARÁ-MIRIM
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

EVERALDO LINS DE SANTANA

**ESTUDO DOS VOCÁBULOS BANTU DA TENDA DE UMBANDA
VOVÓ CAMBINDA – ROLIM DE MOURA (RO)**

**GUAJARÁ-MIRIM/RO
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

EVERALDO LINS DE SANTANA

**ESTUDO DOS VOCÁBULOS BANTU DA TENDA DE UMBANDA
VOVÓ CAMBINDA – ROLIM DE MOURA (RO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia, campus de Guajará-Mirim, como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.
Orientador: Prof.^a Dr. Marco Antônio Domingues Teixeira.

**GUAJARÁ-MIRIM/RO
2009**

FICHA CATALOGRÁFICA

Santana, Everaldo Lins de
5232e

Estudo dos vocabúlos bantu da Tenda de Limbanda Vovo Cambinda -
Rofim de Moura (RO) / Everaldo Lins de Santana, Porto Velho, Rondônia,
2008.
133f. il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) Fundação Universidade Federal
de Rondônia / UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Domingues Teixeira.

1. Bantu 2. Religiões Afro-brasileiras 3. Bantuísmo I. Teixeira, Marco
Antonio Domingues II. Título.

CDU: 81-2:258(811.1)

Elaborada pela Biblioteca Ozalino Saldaña
Biblioteca Central / UNIR

Faz Dissertação em Juizada suficiente e como um dos requisitos para obtenção do título de mestre em Ciências da Linguagem, opção etno-linguística Africanista, e aprova-se em sua forma final pela Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Fundação Universidade Federal do Rio de Janeiro/UNIRJ.

Guará-Mirim, 19 de outubro de 2008

Prof. Dr. Marco Antônio Domingues Felfels
Presidente do Programa de Mestrado em Ciências Linguísticas,
Juliana de Moraes em 19.10.2008

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antônio Domingues Felfels
Presidente do Programa de
UNIRJ/Porto Velho - RO

Profa. Pós-Dir. Cátia Regina de Souza Kempf
Examinadora
UNIRJ/Guará-Mirim - RO

Profa. Dr. Dorisni Alves Mendes
Examinadora
UNIRJ/Guará-Mirim - RO

Prof. Dr. Nairé Ribeiro de Feneças
Suplente
UNIRJ/Porto Velho - RO

Sou grato...

Ao Professor Dr. Marco Antônio Domingues Teixeira, como orientador, indicador de caminhos.

Ao Professor Dr. Jean-Pierre Angenot.

À Professora Dr^a. Catherine Barbara Kempf

À Mãe de Santo Maria Hevani Costa.

A eles e a elas devo muito.

RESUMO

A partir de dicionários africanos bantu e do Glossário de Bantuismos Brasileiros do professor Jean-Pierre Angenot, este trabalho pretende mostrar que os vocábulos, recolhidos na Tenda de Umbanda Vovó Cambinda na cidade de Rolim de Moura (RO), têm grande probabilidade de serem parentescos de palavras bantu. Além disso, procurou-se examinar essa casa de santo, levando em conta sua etnografia sem deixar de considerar o contexto das religiões afro-brasileiras em Rondônia.

Palavras-chave: Bantu, semelhante, religiões afro-brasileiras, bantuismos

ABSTRACT

Through bantu african dictionaries and Glossary of Brazilian Bantuism from professor Jean-Pierre Angenot, this work proposes to show the vocabularies collected in Tenda de Umbanda Vovó Cambinda at the city Rolim de Moura (RO) have big probability to be kinship of bantu words. Besides intended to explore this house of Umbanda through its ethnography in view of the afro-brazilian religions in Rondônia.

Keywords: Bantu, similar, afro-brazilian religions, bantuisms.

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO	8
1. CAPÍTULO I	
1.1. OS CULTOS AFRO-BRASILEIROS EM RONDÔNIA	22
1.1.1. Contexto dos cultos de terreiros em Rondônia	22
a) Aspectos sociais	22
b) O terreiro	25
c) A FEUR	26
d) As matrizes dos cultos de terreiros em Rondônia	27
1.1.2. Casas de terreiro em Porto Velho	32
1.1.3. A Umbanda em Guajará-Mirim	34
1.1.4. A Umbanda em Rolim de Moura	36
2. CAPÍTULO II	
2.1. A TENDA DE UMBANDA VOVÓ CAMBINDA	38
2.1.1. O município de Rolim de Moura	38
2.1.2. A mãe de santo Maria Costa e a Vovó Cambinda	39
2.1.3. Aspectos etnográficos da Tenda de Umbanda Vovó Cambinda	40
a) O histórico do terreiro	40
b) O espaço físico	42
c) A família de santo	46
d) As entidades	48
e) Os rituais	53
f) Os trabalhos	58
g) Sequência de uma sessão	60
h) Elementos dos principais assentamentos e seus pontos	61
i) Pontos cantados	64
3. CAPÍTULO III	
3.1. ESTUDO DOS VOCÁBULOS BANTU DA TENDA DE UMBANDA VOVÓ CAMBINDA	72
3.1.1. As línguas bantu : aspectos gerais	72
a) O termo bantu	72
b) A família bantu	74
c) Zonas e grupos de línguas bantu	75
d) Breve informação histórica	77
e) Classificação das línguas Níger-congo	78
f) Expansão das línguas bantu	78

3.1.2. Aspectos sucintos da estrutura das línguas bantu	80
a) Fonética	80
b) Fonologia-tonologia	81
c) Morfologia	81
3.1.3. O corpus	85
3.1.4. Considerações finais	93
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
5. ANEXOS	103
Anexo A: fotos do terreiro	104
Anexo B: discografia	126
Anexo C: documentos	130

INTRODUÇÃO

a *negritude*, como método de observação participante, representa a unidade entre a teoria e a prática no sentido de desalienar não apenas as populações negras, mas todos aqueles estratos populacionais que, de uma maneira ou de outra, se sentem oprimidos e/ou marginalizados pelo sistema dominante em qualquer parte.

(MOURA, 1983)

Por falta de documentação fiável, é impossível ter um levantamento exato do número de africanos – homens, mulheres e crianças – trazidos para a América à força e feitos escravos, porém, e de forma genérica, é possível dizer, seguindo Albuquerque que:

(...) entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças foram transportados para as Américas (...) A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. (ALBUQUERQUE, 2006, p.39).

Chegados ao Brasil na condição de escravizados, esses africanos foram “objetos” de vários interesses, entre os quais, primeiro e sobretudo, interesses econômicos; em segundo lugar e muito mais tarde, interesses culturais, históricos, políticos, religiosos, sexuais e antropológicos por parte de uma elite capitalista.

Entre essa elite, destaca-se o antropólogo e médico Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906). Nascido no Maranhão, ele viveu e exerceu sua atividade profissional na Bahia. Ele é considerado um pioneiro no que diz respeito aos estudos referentes aos africanos e afro-descendentes no Brasil. Para alguns estudiosos, ele, além de ser um pioneiro, é referência nesses mesmos estudos.

Silvio Romero, embora favorável ao branqueamento da população brasileira por meio da miscigenação, proclama:

É uma vergonha para a ciência do Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e das religiões africanas (...) o negro não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e malgrado a sua ignorância, um objeto da ciência. Apressem-se os especialistas, visto que os pobres moçambiques, benguelas, monjolos, congos, cabinda, caçangas ... vão morrendo. O melhor ensaio, pode-se dizer, está passado com a benéfica extinção do tráfico.

Apressem-se porém, senão terão que perdê-lo de todo. (Romero, 1888:10-1. apud: Rodrigues, 1977[1932]: XV)

Nina Rodrigues seguiu a orientação de Silvio Romero, pois transformou o negro num objeto de ciência. Estudou sua religião, sua língua, ou seja, interessou-se por tudo aquilo que, no negro, é mais óbvio, seu aspecto físico e suas manifestações religiosas.

Baseado no evolucionismo social, Nina Rodrigues concebia o negro como um ser inferior. Diz ele: " (...) de fato não é a inferioridade social dos negros que está em discussão (...) E tanto importa contestar a própria evidência". (Rodrigues, 1977[1932]:262).

A partir desse pequeno fragmento, constatamos o ponto de vista preconceituoso e pseudocientífico desse antropólogo sobre o negro. E ele vai adiante afirmando: "(...) consideramos a supremacia imediata ou mediata da raça negra nociva à racionalidade, prejudicial em todo caso a sua influência não sofreada aos progressos e à cultura do nosso povo. (Rodrigues, 1977[1932], p. 7)"

Essa visão, esse modo de pensar o negro, refletia a ideologia científica que contemplava a Europa e o Brasil no século XIX.

Em Alagoas, nasce o antropólogo e médico Arthur de Araújo Pereira Ramos (1903 – 1949). Ele passa a estudar o negro tomando como referencial a psicanálise e a antropologia cultural combinadas com a teoria do mentalismo pré-lógico. Arthur Ramos, considerando-se como filiado à escola de Nina Rodrigues, embora deixando de lado o evolucionismo social, ainda sustenta uma visão deturpada do negro e da sua cultura, quando evoca o primitivismo do negro numa roupagem pré-lógica. afirma categoricamente:

(...) não endosso absolutamente como várias vezes tenho repetido os postulados de inferioridade do negro e sua incapacidade de civilização. Essas representações coletivas existem em qualquer grupo social atrasado de cultura. É uma consequência dos pensamentos mágico e pré-lógico (...) é preciso conhecer essas modalidades de pensamento "primitivo." (Arthur Ramos, apud: Salgueiro, 2005, p.97-98).

Em 1851, na Bahia, nascia Manuel Raimundo Querino. Professor, escritor, pesquisador e negro. Faleceu no ano de 1923. Foram 72 anos de vida dedicada a mostrar a contribuição do negro para a cultura brasileira. Nos seus estudos Querino tentava explicitar para os próprios negros a importância que tiveram para o desenvolvimento do Brasil e informar sobre a dívida que os brasileiros tinham com os antepassados e com a África.

Na sua ênfase em indicar a contribuição do negro e de seus descendentes, elenca um conjunto de eminentes nomes :

Sem nenhum esforço, podemos aqui citar o Visconde de Jequitinhonha, Caetano Lopes de Moura, Eunápio Deiró, a privilegiada família dos Rebouças, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Cruz e Souza, José Agostinho, Visconde de Inhomirim, Saldanha Maranhão, Padre José Maurício, Tobias Barreto, Lino Coutinho, Francisco Glicério, Natividade Saldanha, José do Patrocínio, José Teófilo de Jesus, Damião Barbosa, Chagas, o Cabra, João da Veiga Muriel e muitos outros, só para falar dos mortos. (Querino, 1938, p.160).

Ainda sob a inspiração de Nina Rodrigues e Arthur Ramos, entra no cenário dos estudos afro-brasileiros o baiano Edson de Souza Carneiro (1912 – 1972) antropólogo negro. Reconhecido como um renomado pesquisador das culturas de matriz africana, revelou seu preconceito ao ratificar, sobre os cultos afro-brasileiros, um ponto de vista anti-científico :

Seja qual for o modo em que se apresentam, são um mundo, todo um estilo de comportamento, uma subcultura que pode ser vencida somente a través de alterações profundas e substanciais das condições objetivas e subjetivas arcaicas de que são certamente o reflexo. (Carneiro. Candomblé da Bahia, p.36)

Por volta da década de 1940, esboça-se uma idéia segundo a qual a mestiçagem daria espaço para uma convivência harmoniosa entre índios, europeus e africanos. Entre vários nomes que defendiam essa mesma idéia, o sociólogo pernambucano Gilberto de Mello Freyre (1900 – 1987) se destaca, pois conforme Kabengele Munanga:

Freyre consolida o mito originário da sociedade brasileira configurada num triângulo cujos vértices são as raças negra, branca e índia. E foi assim que surgiram as misturas. As três raças trouxeram também suas heranças culturais, paralelamente aos cruzamentos raciais, o que deu origem a uma outra mestiçagem no campo cultural. (Kabengele Munanga, apud: Salgueiro, 2005, p. 136).

Nesse clima acadêmico, representado pelos cinco estudiosos da questão negra no Brasil mencionados acima, surge a figura de um sociólogo francês cujo nome é Roger Bastide (1898 – 1974), chega ao Brasil. Ele passa a desenvolver várias atividades acadêmicas, entre as quais se destacam os estudos relativos às culturas e religiões afro-brasileiras. Bastide propõe que se abandone o etnocentrismo e se reconheça que o pensamento, a cultura e a religião do africano e do negro brasileiro trazem em seu bojo um manancial de ricos e profundos conceitos concretos e particulares, abstratos e universais. Estes conceitos se expressam numa visão de mundo, ou seja, o pensamento africano e, por consequência, o pensamento

do negro brasileiro, trazem em si uma filosofia digna de ocupar seu lugar no pódio dos conhecimentos tidos como de grande relevância para a humanidade.

Roger Bastide estudou as religiões de matriz africana com bastante profundidade, porém deu grande enfoque a um tipo específico de expressão religiosa afro-brasileira, qual seja, o candomblé keto-nagô; isto é, deixa transparecer que a cultura ionubá seria mais refinada, mais elaborada e com um sistema mitológico coerente e muito consistente; por outro lado, deixa também transparecer que a cultura e a religião de matriz bantu seriam pouco consistentes, pouco refinadas e com um sistema mitológico frágil. Até que ponto essa visão sugerida por Bastide se sustenta?

Alguns estudiosos louvam a pureza do candomblé nagô e lamentam a mistura, a "contaminação" do candomblé angola. Se há uma suposta pureza no candomblé nagô, isso implicaria numa impureza do candomblé angola? Isso não seria uma visão ilusória, utópica dos puristas? Existe, de fato, essa coisa a qual chamam de pureza?

Esse tema da pureza sugere outro: como definir quem é negro no Brasil? O que implica também em saber quem é branco no Brasil. A questão racial, a questão do negro passa pela própria consciência que o negro tem de si próprio, pela desalienação tão procurada pelos afro-descendentes.

Ser negro é (...) tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si mesmo, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (Souza, 1983, p.77).

O tornar-se negro implica em reconhecer que o racismo, o preconceito e a discriminação desumanizam o negro, tomando-o revoltado e, ao mesmo tempo, um guerreiro em busca não da guerra, mas de seus direitos como um ser humano digno de respeito. Trata-se, portanto, de uma batalha por direitos iguais, oportunidades iguais a partir de situações históricas desiguais.

Ora, se há uma situação historicamente desigual para o negro, então isso resulta também historicamente numa pseudodemocracia racial, já que a democracia pressupõe situações iguais para todos. Pensando nisso, o sociólogo Florestan Fernandes afirma: "O pensamento de que o Brasil, como democracia racial, constitui um exemplo de experimento bem sucedido, traduz essa ideologia como um valor,

cuja investigação e discussão só são permitidas com reservas. (Fernandes, 1952, p. 105).”

Essa “democracia racial” esconde e revela preconceitos que na prática se concretizam na pele do povo negro. Dessa forma, Rosenfeld (1993, p.24) nos confirma que “(...) ideologicamente, o preconceito contra os negros é quase sempre totalmente negado, e o brasileiro se gaba com o orgulho de sua falta de preconceito”. A ideologia do preconceito está de tal forma enraizada que chega-se até a naturalizá-la. “Os brancos isolaram certos aspectos do comportamento dos negros das condições que os produziram, passando a encará-los como atributos invariáveis da “natureza humana” dos negros. (Cardoso, 1977, p.251).”

Diante do fato da inexistência de uma democracia racial, o negro não ficou passivo, pelo contrário, lutou desesperadamente, reagiu obstinadamente, confrontando-se com todo tipo de preconceito, deu a sua vida pela liberdade, pela dignidade, pelo reconhecimento de que também é um ser humano. Ao negro foi negado cidadania, ao negro foi negado dignidade, ao negro foi negado humanidade; por isso ele é sujeito da sua própria luta.

E uma das expressões dessa luta pela dignidade do negro consiste na sua religiosidade. Diz-se que o africano, o negro, é religioso por natureza, que é impregnado de religiosidade e que não é possível compreendê-lo, desligando-o de sua religião, que não é possível entendê-lo, fazendo abstração de sua espiritualidade, de seu interesse pelo sobrenatural. A vida do africano é pautada, nos seus afazeres diários, por manifestações expressivas do sobrenatural. Esse, por sua vez, é representado pelas divindades e pela ancestralidade. O africano vê o mundo pelo viés do sagrado, os fenômenos da natureza são manifestações do divino. O universo se expressa através do natural e do sobrenatural, do visível e do invisível, da matéria e do espírito, porém unidos pelo ser supremo, pela força vital manifesta do senhor do universo, Olorum (língua iorubá) e Zambi (em algumas línguas bantu).

Essa cosmovisão africana chega ao Brasil e, a partir de reinterpretações e releituras dentro do contato de culturas no Brasil, dará origem às religiões afro-brasileiras. É nesse contexto que vão surgir o candomblé e a Umbanda.

Sobre o candomblé, representando as outras religiões afro-brasileiras, citam-se três considerações de Roger Bastide.

1) (...) o candomblé é uma ética. Pelo menos se definimos a ética por meio

de deveres e responsabilidades. A imagem dionisiaca proposta por aqueles que não assistiram senão a festas públicas, sem participar da sua existência cotidiana, da vida de seus membros e do espírito da religião africana, é uma imagem falsa, que deve ser atirada para o refúgio das velharias sem valor. (Bastide, 1973,p.373).

2) Há no candomblé uma importante filosofia sutil (em outra oportunidade, diria, antes uma metafísica) que merecia ser exposta.

(...)

Os primeiros livros de Griaule (...) que aproximadamente ao mesmo tempo chegava a conclusões semelhantes às minhas sobre a religião dos Dogon, que contém uma filosofia tão rica e válida quanto a de um Platão ou de um Aristóteles. (Bastide, 1973, p. xii da introdução de 1972).

3) (...) penso que minha grande descoberta (...) foi ter verificado a existência nos candomblés de uma metafísica subjacente. (Bastide, 1973,p. xiii da introdução de 1972).

Os negros africanos, ao aportar no Brasil, na condição de escravos, trouxeram consigo seus corpos, suas culturas, suas religiões e suas línguas. Essas mesmas línguas os identificavam aos seus povos, às suas etnias respectivas. Com essas línguas vinham seus modos de pensar, suas visões de mundo e só com elas poderiam expressar sua dor.

De um modo genérico, os negros escravizados que aqui chegaram, falavam algumas línguas da família bantu, algumas línguas da família kwa, e línguas do grupo yoruba (yoruboide) respectivamente, as primeiras com maior e as outras com menor grau de expansão territorial. Além disso, havia escravizados falantes de línguas haussá, tapa e outras.

Quanto ao idioma iorubá, o mesmo concentrou-se sobretudo em terreiros de candomblé keto-nagô, tornando-se, portanto, uma língua de culto. Exemplo de um canto, em iorubá, para Exu :

Candomblé nagô.

Baraobebe tiriri l'óná
Èsù tiriri Baraobebe
Tiriri l'óná

Baraobebe - uma qualidade de Exu
Tiriri - hesitação
L'óná - pelo caminho

(CARVALHO, 1993, p.40).

Alguns aspectos da língua icrúbá:

- 1) é uma língua tonal, isto é, os tons marcam as palavras e os morfemas.
- 2) possui três tons : alto (´), baixo (`) e médio (-).
- 3) é uma língua prefixal.

Exemplos: ró (com tom alto) – pensar
 rò (com tom baixo) – soar
 ro (com tom médio) – pingar

Lù (bater), com prefixo ì, ilù (tambor)
 Ta (queimar), com prefixo a , ata (pimenta)

4) composição de palavra

Exemplo: bí (nascer) – èji (dois) = bé.ji = Ibeji (nascido em dois).

Sobre as línguas bantu, ver o capítulo terceiro deste trabalho.

Feitas essas considerações de caráter geral sobre o negro no Brasil, é oportuno mencionar que a entrada do negro escravizado na região amazônica em geral e no Vale do Guaporé em particular, deu-se em função da mineração e foi devida também a todo tipo de trabalho, pois o escravo realizava toda espécie de atividade a mando do senhor.

A chegada e permanência dos escravos no Vale do Guaporé, sobretudo do Guaporé rondoniense, propiciaram o desenvolvimento de práticas religiosas em contato com as crenças dos indígenas e dos católicos. Dessa forma, sabe-se, por meio de informantes, documentos e relatos de viajantes, que "(...) As populações negras do Guaporé praticaram rituais de culto a entidades africanas, sincretizando suas práticas com elementos rituais indígenas e portugueses. (Araújo e Teixeira, 2006 p.2)."

Em Porto Velho, capital do estado de Rondônia, entre os séculos XIX e XX, com a Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) afluem para a região do Vale do Madeira negros barbadianos com sua religião anglicana; não se pode deixar de mencionar a possibilidade de que, com eles, também tenham vindo suas crenças tradicionais, o que vale dizer, rituais religiosos do Caribe que teriam por origem a África.

É neste contexto geral do negro no Brasil e na região amazônica, exposto acima, que se insere este trabalho cujo objetivo geral refere-se ao estudo de vocábulos bantu da Tenda de Umbanda Vovó Cambinda, localizada no município de Rolim de Moura em Rondônia. O objetivo específico deste estudo diz respeito a palavras ou termos (lexias) de possível parentesco bantu, isto é, termos que se assemelham a palavras existentes em umas ou outras línguas bantu.

A relevância em examinar esses vocábulos está nos seguintes pontos: a) pelo fato de a Umbanda, além de usar expressões predominantemente em língua portuguesa e algumas palavras, provavelmente, em iorubá ou em uma das línguas indígenas, conserva muitos termos possivelmente de origem bantu; b) também pelo motivo de esses mesmos possíveis termos bantu estarem com grande chance de desaparecerem; c) pela inexistência de estudo que comprovem a origem, o étimo desses prováveis vocábulos bantu recolhidos na casa de santo acima mencionada; d) pela lacuna relacionada à pesquisa que dê indício da relação entre os termos coletados neste terreiro e os vocábulos bantu.

A intenção única desta pesquisa consiste em comparar os 80 vocábulos evantados neste terreiro de Umbanda com vocábulos bantu e bantuismos brasileiros, para com isso apresentar indícios de que esses 80 termos tenham probabilidade de serem aparentados com termos bantu.

Para este trabalho, utilizaram-se, basicamente, a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica.

Quanto à pesquisa de campo, essa se processou por meio de observação direta e observação participativa. Na primeira, apenas seguiu-se a seqüência dos fatos observados sem nenhuma interação com eles; já na segunda, essa se desenvolveu por meio de interação entre o pesquisador e os agentes e elementos de que se compõem o evento observado.

A respeito da pesquisa bibliográfica, essa se estruturou embasada numa bibliografia específica e uma bibliografia geral. No que toca à específica, foram consultados dicionários africanos bantu e o glossário de bantulismos brasileiros dos professores Jean-Pierre Angenot e Geralda de Lima V. Angenot. Quanto às obras gerais, tratou-se de consultar aquelas que se relacionavam com as religiões de matriz africana. Entre elas destacam-se: A macumba em Porto Velho do professor Marco Antônio Domingues Teixeira. Nela podemos observar preciosas informações sobre os cultos de terreiro em Porto Velho e sobre a extinta Federação Espírita e Umbandista de Rondônia. Este texto foi de grande valia para a feitura deste trabalho. Além deste texto, o artigo da professora Marta Valéria de Lima intitulado História e Estrutura Ritual de um Terreiro Gege-Nagô em Porto Velho e sua dissertação de mestrado cujo título é Barracão de Santa Bárbara em Porto Velho: mudanças e transformações das práticas rituais foram importantíssimos, pois relatam fatos da história da primeira casa de culto afro em Rondônia e trazem informações que remetem à ligação entre Rondônia e Maranhão no que diz respeito a religiosidade de matriz africana. Outra importante obra é a da professora Nilza Menezes Com Feitiço e com Fetiche: a trajetória do bairro de Moçambo em Porto Velho. Aí ela faz uma relevante pesquisa sobre esse bairro da periferia de Porto Velho, trazendo, assim, valiosas contribuições para a compreensão e implicações da presença dos cultos de terreiro em Rondônia, sobretudo em Porto Velho com a casa de santo Barracão de Santa Bárbara. Por fim, deve-se mencionar o artigo O Folclore de Rondônia da professora Yedda Maria Pinheiro Borzacov onde ela destaca a relação entre o negro, o terreiro e a beleza do culto. Eis aí alguns textos sobre os cultos de terreiro em Rondônia, porém é conveniente observar que a história desses cultos, no estado, está por se fazer e para tanto é preciso tomar essas obras acima citadas como referencial.

E para que se pudesse ter uma abordagem teórica abrangente sobre os cultos afro-brasileiros, foram consultadas obras sobre a Umbanda, tais como, Fundamentos da Umbanda (Byron Torres de Freitas e Tancredo da Silva Pinto), Camba de Umbanda (dos mesmos autores citados), Umbanda (José Guilherme e Cantor Magnani), Umbanda: uma religião brasileira (Maria Helena Vilas Boas Concione), Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda-integração de uma religião numa sociedade de classes (Renato Ortiz), Umbanda Sagrada (Rubens Saraceni) - essa obra traz uma concepção nova, atual da Umbanda abordando aspectos

esotéricos. Sobre o candomblé, consultaram-se obras como: Jamberesu - as cantigas de Angola (Mário César Barcellos), Candomblé - tradição e mudanças (Júlio Braga), Candomblé da Bahia (Edison Carneiro), Candomblé de Angola-Nação Kassanje (José Rodrigues da Costa), Candomblé-Religião e Resistência Cultural (Raul Lody), A Linguagem do Candomblé-Níveis Sociolinguísticos de integração afro-portuguesas (Ruy do Carmo Povoas), O Candomblé da Bahia (Roger Bastide) e outras obras de igual importância foram examinadas.

Sabe-se que os estudos relacionados com as línguas africanas nas religiões de matriz afro-brasileiras, isto é, candomblés e Umbandas, são bastante escassos; obviamente existem algumas obras sobre o assunto, entretanto, em termos acadêmicos, a restrição é patente e demanda futuras pesquisas. Nesse sentido, Barros, na sua dissertação de mestrado Traços do Kimbundu numa casa de Candomblé Angola (2000, p.11) afirma categoricamente:

Há poucos estudos sobre a lingüística africana no Brasil. Sobre as línguas do grupo bantu, os estudos são bastantes escassos. Obras que tratam das línguas existentes nos candomblés Angola são, praticamente, inexistentes. Existem literaturas de caráter puramente religioso que não dão conta da linguagem de maneira acadêmica e alguns poucos textos de autores acadêmicos.

Como na Umbanda entraram muitos termos de candomblé Angola, essa observação da professora Barros aplica-se também a literatura umbandista, e, nesse sentido, este trabalho Estudo dos Vocábulo Bantu da Tenda de Umbanda Vovó Cambinda é uma tentativa de juntar esforços na intenção de diminuir essa escassez. Para isso, é preciso, logo ao entrar numa casa de Umbanda, perceber que, misturadas as palavras portuguesas, "iorubas" e "indígenas", há um grupo de outras palavras que, em suposição, diz-se que são bantu. Entretanto, essa suposição é sustentada pela palavra de autoridade do pai ou mãe de santo, sendo guardião ou guardiã da tradição, e que remetem essas palavras à África. Se essa tradição é oral, e por isso sujeita a variação no tempo e no espaço, isso implica numa grande dificuldade em dizer categoricamente que as referidas supostas palavras africanas são de fato bantu. Pois, cientificamente, para tal afirmação seria necessário um exame que atestasse tal proposição ou no mínimo entender essa proposição como uma mera hipótese a ser comprovada ou rejeitada pela investigação científica.

Admitamos que esse grupo de palavras seja bantu; para sustentar essa hipótese, é preciso recorrer a um estudo etimológico, coisa ainda a ser feita, pois

as etimologias de vocábulos supostamente bantu, no Brasil, se aproximam da fantasia. A esse respeito, o professor Jean-Pierre Angenot, em artigo intitulado Cognato e Étimo não são sinônimos- um equívoco da tradição comparativista dos estudos bantuístas no Brasil (2007, p. 3) afirma:

É desalentador o balanço atual dos estudos etimológicos já realizados, tanto no Brasil como fora do país a respeito dos inúmeros afro-brasileirismos de origem bantu que se integraram ao português brasileiro seja a nível nacional ou seja a nível regional. A busca etimológica dos bantuísmos do Brasil é, infelizmente, uma área ainda no limbo.

Como esse estudo etimológico, ao qual se refere o professor, no que toca aos vocábulos afro-brasileiros de origem bantu, é lacunar no Brasil, torna-se possível apenas o exame desses vocábulos quanto aos termos semelhantes nas línguas bantu, e cognatos entre si, e não ao étimo, uma vez que cognato faz alusão à formas aparentadas de um termo, ao passo que o étimo alude a origem (e, eventualmente, à reconstrução) de um termo. No dizer do professor Jean Pierre Angenot (op. cit. p. 3): "(...) um cognato de um determinado vocábulo é apenas uma forma aparentada desse vocábulo que é atestada numa língua da mesma família".

Para que fosse possível estudar as palavras supostamente bantu, seguiu-se um procedimento metodológico de coleta de dados por meio de diálogo, conversa formal e informal, lista de palavras, perguntas-respostas, pontos cantados, gravações em discos vinil disponíveis na Tenda; dessa forma chegou-se a um corpus vocabular de 80 palavras. Elas foram analisadas utilizando o método comparativo e quadro de equivalência de sentido.

Considerando que este trabalho é composto de duas partes, uma etnográfica e outra etnolinguística, convém tecer rápidos comentários sobre cada uma dessas partes.

Quanto à etnografia, ela descreve aspectos socioculturais de um povo, de um grupo social; ela consiste num estudo de objetos e eventos através de experiência, de vivência, de contato direto com o meio, o espaço real, natural no qual esses mesmos objetos e eventos estão inseridos. Dessa forma, uma abordagem etnográfica tem por finalidade compreender um objeto, um evento desconhecido. Para isso, ela utiliza técnicas, métodos e procedimentos variados para a coleta de dados, os mais detalhados possíveis. Alguns procedimentos etnográficos, como encontro inicial, descrição, observação, vivência no meio pesquisado, aliados ao fato

de recorrer a informantes, foram usados na casa de santo aqui estudada. O estudo etnográfico foi realizado na Tenda de Umbanda Vovó Cambinda. Porque estudar, etnograficamente, essa casa de culto e porque ela é considerada umbanda? Pelos seguintes fatos: 1) ela possui todos os elementos básicos que caracterizam a Umbanda, tais como: a) Crença num ser supremo denominado, nesse caso, Zambi; b) Culto dos orixás; c) Culto dos guias: Caboclos, Pretos Velhos, Crianças, Baianas, Boiadeiros, Marinheiros, Pombagiras, Zé Pelintra, Ciganos; d) segue as 7 linhas da Umbanda; e) os ogás tocam os tambores com as mãos; f) cultiva elementos católicos e espíritas; g) pontos cantados predominantemente em português, mas com algumas palavras provavelmente iorubá, indígena e bantu; h) um calendário ritualístico próprio da Umbanda; i) utiliza como oráculo as cartas de baralho cigano; j) utilização sistemática de pontos riscados. 2) é o culto de terreiro mais antigo do município de Rolim de Moura; 3) é o único terreiro de umbanda aceito e respeitado pela comunidade local; 4) é a única casa de culto afro-brasileiro do município cuja mãe de santo ainda conhece algumas palavras de provável origem bantu; 5) é o único terreiro ao qual recorrem aqueles que têm mesa de cura (conhecido também como "banca de cura"), quando precisam de algum esclarecimento doutrinário umbandista ou espiritualista.

É em virtude dessas particularidades que essa Tenda é objeto de estudo etnográfico, visando, com isso, destacar a relevância desse templo religioso para a sociedade brasileira, e em particular para a comunidade rolimourense.

Quanto à lingüística, dito melhor, quanto à etnolingüística, esta consiste no estudo da relação entre a língua e o povo que a fala, entre a língua e a cultura desse povo. Nesse sentido, conforme Coseriu (apud PEIXOTO, 2007, p.47) a etnolingüística relaciona-se com "o estudo da linguagem em relação com a civilização e a cultura das comunidades falantes". Daí pode-se compreender que a etnolingüística é o conhecimento da lingüística aplicado a um povo, a um grupo social, a uma comunidade ou sociedade, levando em conta seus aspectos socioculturais. Nessa linha de idéia, insere-se o estudo da família de línguas bantu. Como nesse terreiro de Umbanda Vovó Cambinda se constatou, empiricamente, um grupo de palavras possivelmente bantu, conclui-se que a etnolingüística, agora como etnolingüística africanista, será o meio adequado para dar conta metodologicamente do exame comparativo dos 80 vocábulos coletados nesse terreiro. Para isso, foram consultadas as seguintes línguas bantu:

Linguas bantu	Zonas e Grupos linguísticos
Kimbundo	H21
Kikongo	H16
Laadi	H16f
Umbundo	R11
Cokwe	K11
Luvade	K14
Gimbala	K51
Pende	L11
Kaonde	L41
Ciluba	L31
Xironga	S54
Nyanja	N31a
Macua	P31
Chi-yao	P21
Kinande	J42
Rundi	J62
Taita	E74a

Por fim, é conveniente salientar que, embora haja poucas pesquisas relacionadas com a temática lingüística dos cultos afro-brasileiros de um modo geral, faz-se necessário estudar e registrar os 80 vocábulos provavelmente bantu recolhidos na Tenda de Umbanda Vovó Cambinda, pois, nesse terreiro, a mãe de santo Maria Costa é a única pessoa que conhece com razoável segurança esses vocábulos e seus sentidos.

Nesse clima de intróito vale a pena dizer que a Umbanda é uma religião de caráter urbano e como tal carrega em seu bojo elementos do imaginário social, além de plasmar, de "incorporar" arquetipicamente figuras, personagens ligados diretamente ao real. Entre essas figuras simbólicas estão: caboclos, pretos velhos, erês, baianos, boiadeiros, marinheiros, ciganos, pombagiras, zes pelintras. Esses guias formam o universo de entidades que falam diretamente ao ser interior das pessoas. Sobre essas entidades, Concone, no capítulo Caboclos e Pretos-Velhos da Umbanda (2001, p. 287) escreve:

As duas primeiras figuras míticas (tipos) mencionadas (caboclos e pretos-velhos) correspondem a uma dimensão propriamente mítica da sociedade, na medida em que são mitos e símbolos fundantes da brasilidade (Concone, 1984). As demais e mais comuns (marinheiros, boiadeiros, ciganos, baianos etc.) correspondem a símbolos mais diversificados ou mais contemporâneos, mas, sobretudo, correspondem a símbolos de liberdade, livre iniciativa, maíandragem.

É, portanto em virtude dessas considerações de Concone que se diz da Umbanda que é uma religião essencialmente brasileira.

Este trabalho dividiu-se em 3 capítulos. O primeiro capítulo trata do cenário das religiões afro-brasileiras no estado de Rondônia; apresenta uma visão geral, não abrangente, dos cultos de terreiro. O segundo capítulo dá ênfase à alguns aspectos da etnografia da casa de que trata este estudo; busca, com isso, conhecer o terreiro Tenda de Umbanda Vovó Cambinda. No terceiro e último capítulo são apresentados e analisados os vocábulos, recolhidos nessa casa de santo, os quais fazem parte do corpus.

1. Capítulo I

1.1 OS CULTOS AFRO-BRASILEIROS EM RONDÔNIA

O objetivo deste capítulo consiste em apresentar uma visão geral dos cultos de terreiro no Estado de Rondônia, o que vale dizer, destacar alguns aspectos mais relevantes das religiões de matriz africana que compõem o panorama afro-religioso do Estado.

1.1.1 Contexto dos cultos de terreiro em Rondônia.

a) Aspectos sociais

Não se pode negar que a Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) seja uma das referências históricas para o surgimento dos cultos afro-brasileiros em Rondônia. Isso porque, foi influenciadas por essa ferrovia que se desenvolveram duas importantes cidades, Porto Velho e Guajará-Mirim. Foi a partir daí que apareceram muitos bairros populares, nas periferias dessas cidades. E foi nesses bairros que, inicialmente, teriam sido introduzidas as religiões de matriz africana. Lima, no artigo História e Estrutura Ritual de um terreiro GeGê-Nagô em Porto Velho – RQ (2002), afirma que “esses cultos foram implantados, sobretudo, em bairros populares”. Um dos bairros que surgiram nesse contexto da EFMM foi o Mocambo, formado por pessoas vindas de vários estados brasileiros, tais como, Ceará, Bahia, Maranhão e outros. Sobre esse bairro e alguns de seus aspectos sociais diz Menezes, na sua obra Com Feitiço e com Fetiche: A Trajetória do Bairro de Mocambo em Porto Velho – Rondônia (1998, p. 6):

O Mocambo, que surgiu ao partir de um terreiro de Umbanda, tendo como anteparo às convenções sociais e à moral religiosa predominante o muro do cemitério dos Inocentes, passou pelo auge da borracha e da cassiterita, teve seu tempo de orgia e boêmia. Ao longo de sua história foi freqüentado e visto de forma ambígua pelo restante da cidade, particularmente sua elite que sempre o freqüentou.

Além da importância dado ao bairro acima mencionado, é notório que, socialmente, as cerimônias dos cultos de terreiro chamam a atenção da comunidade, do bairro, ou seja, da sociedade de um modo geral. Portanto, suas festas deixam uma expressiva marca no espírito das pessoas; marca essa agradável ou desagradável, dependendo do ponto de vista de quem a recebe. Nesse sentido, Borzacov, no seu artigo O Folclore de Rondônia (1993, p. 97-98), comenta que:

Em Porto Velho, pelos Idos de 1920 até 1960, existiu um terreiro famoso, o de São Sebastião, da popular Chiquinha Macaxeira. Lá se reunia um grupo de negros com suas danças e suas cantigas, expressando pensamentos, sentimentos e comentários sobre fatos de vida de todo dia. Ainda hoje, encontramos alguns terreiros, raríssimos, porém o espetáculo continua belo, os cantadores dão larga a sua imaginação, encerrando os versos com rimas escolhidas.

É bem sabido, por outro lado, que nem toda a sociedade brasileira acolhe com "bons olhos" as tradições religiosas afro-brasileiras, e a sociedade rondoniense não foge à regra, pois há relatos constantes e quase cotidianos de agressão aos direitos de liberdade religiosa, constatações de violação ao direito de culto, crime contra a pessoa humana dos sacerdotes, sacerdotisas, filhos e filhas de santo. Tudo isso reflete o preconceito com relação aos cultos afros.

É coerente afirmar que as casas de culto estão inseridas no seio da sociedade, por isso, nela são acolhidas e representadas todas as matizes sociais; dito de outra forma, as classes sociais têm nelas, nas casas de santo, um espaço para se expressarem sem discriminação. As religiões de terreiro são as únicas que abrigam, sem distinção, pessoas de diversas ideologias, crenças religiosas, indivíduos de várias matizes sexuais, as variadas etnias; considerando-as como pessoas humanas e que, por essa razão, são dignas de respeito.

A grande maioria, por ignorância, qualifica as religiões afro-brasileiras como espaço religioso de pobre, de pessoas sem educação, de ambiente "pesado"; entretanto, observa-se, empiricamente, por um lado e, estatisticamente, por outro, que há uma crescente participação de uma faixa da população considerada como elitizada" nas casas de culto de Rondônia.

No Estado, os cultos afro-brasileiros são conhecidos, pela sociedade, com os seguintes nomes: Batuque, Umbanda e Candomblé, quando não são apelidados de macumba ou feitiçaria. Entre essas denominações, o termo macumba é o mais conhecido e usado pela população para se referir, genericamente, às religiões de origem africana. Em termo sociolinguístico, a palavra macumba recebe uma semântica popular, de fundo depreciativo, preconceituoso, discriminatório e segregativo, uma vez que o próprio qualificativo "macumbeiro" dado a alguém, torna-o suspeito de feitiçaria, de bruxaria, de praticante de magia negra, fazedor do mal, representante do capeta e coisa parecida. O macumbeiro é a "persona non grata" na sociedade.

Diz-se, de um modo geral, que alguns praticantes de cultos afros são dotados de superpoderes, capazes de manipular forças mágicas contra as pessoas ou a favor delas. Até a legislação admilita esses poderes sobrenaturais dos ditos macumbeiros, já que o próprio código penal da República (1890) rezava para os que praticavam os ditos poderes: "Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usando talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, incultar (sic) curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar ou subjugar a credulidade pública: penas de prisão celular por um a seis meses e multa de 100 a 500.000 reis."

Para muitas pessoas da época, começo do século XX, a primeira mãe de santo do Estado de Rondônia, a senhora Esperança Rita, fundadora do terreiro de Santa Bárbara, primeira casa de culto de terreiro do Estado, era possuidora de poderes sobrenaturais, o que se pode concluir a partir do depoimento do senhor Chicorote (Menezes, op. cit. p. 58): "A Dona Esperança tinha uma força enorme. Quando o barracão era aqui, eu tive a oportunidade de ver uma cena. O delegado, na época, mandou uns policiais para acabar com o terreiro, pois foi muito perseguido o povo do terreiro, alegavam feitiçaria, nunca conseguiu nada, mas reclamaram."

Os supostos poderes que os membros de terreiro possuem são sabidamente contratados por personalidades, autoridades e pessoas importantes da política e da chamada alta sociedade. Teixeira, no seu artigo A Macumba em Porto Velho (1994, p. 63), relata dois caso desse tipo:

1º Caso

Em 1989, assistimos a um trabalho chamado pelo babalorixá Gilberto D'Omuli como de Alta Magia, em que um membro do Governo do Estado solicitava a urgente intervenção do Exu Marabô nos destinos de um processo judicial sobre crimes de garimpo. Sorte, fatalidade ou eficiência do Exu, as coisas se resolveram satisfatoriamente logo em seguida. Um caso que parecia resolvido sofre uma reviravolta dramática beneficiando a esse cliente que passou a madrugada em uma tronqueira de flores sacrificando a Exu Marabô.

O 2º caso se destaca, no Estado de Rondônia, pela sua repercussão na sociedade, diz Teixeira sobre um governador que constantemente consultava seu babalorixá:

2º. Caso

Ao recusar-se a governar o Palácio Presidente Vargas, comentava-se em toda a cidade que o motivo da recusa e a transferência de todo o aparato do Palácio para outro prédio seria um possível "trabalho" que havia sido feito e enterrado nas dependências do "Presidente Vargas". Durante todo o seu governo, sua Excelência se recusou a despachar no Presidente Vargas.

Ainda hoje se vê a relação entre autoridades do poder político e os cultos afro-brasileiros tanto em âmbito nacional quanto na esfera regional, no caso de Rondônia, Menezes (op. cit. p. 38) comenta que:

Personalidades como Aluisio Ferreira nada fazia sem os conselhos de Dona Esperança. Mais recentemente, com o centro já transferido para outro local, o coronel Jorge Teixeira o visitava frequentemente do mesmo modo nossas personalidades mais recentes que sempre estiveram presentes nas festas organizadas pelos povos umbandistas (...)

b) O terreiro

O espaço religioso dos cultos afro-brasileiros tem várias denominações, ilê, canzuá, barracão, casa, centro, tenda e roça, porém a palavra terreiro sintetiza toda uma mística das tradições religiosas de matriz africana no Brasil e, em particular, em Rondônia. Conforme Nascentes (1966, p. 726), a palavra terreiro vem do Latim "terrariu". Nesse termo vislumbramos o vocábulo terra : as religiões africanas e seus avatares brasileiros reverenciam e sacralizam a terra.

Os terreiros têm, de um modo geral, uma estrutura semelhante entre as religiões afros. Essa estrutura, em síntese, consiste em assentamento de Exu, roncô, altar, camarinhas, pegi, espaço para o público, WC, salão, poço de nanã buruquê, assentamentos de santo, etc.

Podemos caracterizar o terreiro tomando como referencial as seguintes idéias do professor Teixeira (op. cit. p. 55):

- 1) "O terreiro é um espaço de transformação do indivíduo";
- 2) "O terreiro retoma em sua estrutura, enquanto casa cultural do sagrado, o simbolismo cósmico";
- 3) "O terreiro recria o mito da gênese, sendo ele próprio um universo miniaturizado"

Além desses aspectos, os terreiros têm seus patronos, suas entidades para as quais eles foram consagrados; eles são identificados com o nome dessas entidades. Às vezes, o terreiro e o domicílio do pai ou mãe de santo localizam-se no mesmo espaço físico, porém com uma nítida separação entre o espaço sagrado (a casa de santo) e o espaço profano (a casa residencial).

Por fim, o terreiro, enquanto santuário, guarda em seu bojo uma relação de segredo; assim, Lody (1987, p. 18) escreve que:

O santuário é o espaço destinado à guarda, fixação, atribuição e perpetuação do axé, estando situado num conjunto de elementos materiais e mágicos. A arquitetura dos santuários, externa e internamente, relaciona-se com as demais construções do terreiro, ampliando-se ainda para as áreas verdes chamadas roças, termo substituído, às vezes, por candomblé, entendido como local onde são realizadas as cerimônias privadas e públicas.

c) A FEUR

Em relação à organização dos cultos afro-brasileiros em Rondônia, faz-se necessário mencionar o papel importante de uma entidade conhecida por FEUR.

A Federação Espírita e Umbandista de Rondônia (FEUR) foi fundada pelo empresário Carlos Melhoral em 17 de agosto de 1977, sendo ele seu primeiro presidente.

Os objetivos da Federação Espírita e Umbandista de Rondônia consistiam nos seguintes pontos:

- 1) Unificação dos cultos afros em Porto Velho;

- 2) Assegurar assistência social e jurídica aos seus membros assim como lutar pela eliminação do preconceito contra as religiões de matriz africana;
- 3) Fazer valer os direitos constitucionais relacionados com a liberdade de culto e a igualdade entre as crenças e os credos;
- 4) Organizar, sistematizar e normatizar as práticas dos cultos de terreiro no Estado de Rondônia.

Paralelo a esses objetivos, a FEUR promovia uma comunicação equilibrada entre as casas de santo e os órgãos do governo, estimulava o cadastramento dos terreiros nas repartições governamentais específicas, visando a proteção e segurança para os próprios terreiros, dava impulso no sentido de melhorar as relações entre as religiões de matriz africana e os diversos setores da sociedade civil organizada, promovia vários eventos, entre os quais, o Encontro dos Orixás, realizado todo ano no mês de julho.

Sobre a relevância das federações, Teixeira (op. cit. p. 73) dá a seguinte nota destacando dois aspectos:

BIRMAN resume a importância da Federação no contexto da vida dos terreiros a partir de dois níveis de atividades. O primeiro atua no plano político: a federação estabelece uma ação assistencialista e desenvolve a consciência dos direitos e da legitimidade religiosa. O segundo é encontrado no plano religioso. Nessa área, as federações, embora não tenham conseguido estabelecer a unidade doutrinária ritualística, conseguiram, em muitos casos, criar uma linguagem comum entre os terreiros, que atua no sentido de formar a consciência de uma mesma religião.

Conforme esses comentários acima, é possível dizer que a Federação Espírita e Umbandista de Rondônia, embora não exista mais em virtude de fatos político-sociais, deixou um legado para a sociedade rondoniense, para uns, positivo, para outros negativo, cabendo a cada membro de um culto afro avaliar.

d) As matrizes dos cultos de terreiro em Rondônia

Por matriz, quer-se dizer a filiação, a relação de parentesco dos cultos de terreiro de Rondônia, ou seja, referimo-nos a que corrente das religiões afro-brasileiras as casas de santo de Rondônia se filiam direta ou indiretamente.

Essas correntes são: tambor de mina, candomblé, umbanda, pajelança, e batuque paraense. Eis, então, sinteticamente, suas respectivas caracterizações.

Tambor de Mina – consiste numa religião iniciática afro-brasileira do Maranhão. Essa religião cultua os voduns, orixás e encantados (espíritos de reis, nobres, índios, turcos e outros). Nessa religião as entidades têm nomes africanos e portugueses e são agrupadas em família. Nela há uma predominância de mulheres. Não há culto a Ifá, não há jogo de búzios, ausência de representação de Exu. É uma religião sincretizada com o catolicismo. Nesse sentido, arma-se presépio, erguem altar com imagens de santos católicos. Os tambores são de madeira com couro de um só lado e tocados com aguidavi. Canta-se em Jeje, nagô ou português. Não há, no Tambor de Mina, uma vestimenta rebuscada. O transe é simples e discreto. Não é costume o sacrifício de animais.

Candomblé - é uma religião de matriz africana que consiste no culto aos orixás, inquices ou voduns, tendo uma divindade suprema denominada olorum, olodunmare, zambi ou mavu Lissa. Nele há a prática do sacrifício animal. Os cantos são em língua iorubá, em uma das línguas da família bantu ou em ewe-fon. É uma religião iniciática cuja iniciação requer um longo período de tempo. Possui basicamente dois tipos de oráculos, o jogo de búzios e o opelê de Ifá. Possui também uma complexa organização ritualística. Além de outros instrumentos de toque, os atabaques se destacam, os mesmos podendo ser percutidos com aguidavi (tipos de vareta) ou com as mãos. Diferentemente do Tambor de Mina, no candomblé há assentamento de Exu e culto a Ifá. Há nessa religião uma hierarquia que vai do babalorixa, ialorixá até a abiã. Não existe um só tipo de candomblé, mas quatro, tais como, o candomblé Ketu, (orixás, língua ioruba, atabaques tocados com aguidavi, babalorixa, ialorixá), o candomblé jeje (voduns, língua ewe-fon, atabaques tocados ora com aguidavi, ora com as mãos, ora combinados aguidavi- mãos, dote (sacerdote), doné (sacerdotisa), o candomblé de caboclo (a ênfase ao invés de ser nos orixás, dar-se aos caboclos, entidades remetendo a um índio mítico) (caboclos, língua portuguesa, atabaques tocados com as mãos, pai de santo, mãe de santo) e o candomblé angola (inquices, língua portuguesa e uma das línguas bantu, atabaques tocados com as mãos, tateto, mameto), cada um com sua sistemática de culto. No candomblé a doutrina é transmitida de forma oral e prática. É uma religião fundamentado num sistema ético-moral bem estruturado, que se expressa através

de rituais restritos aos iniciados, e de rituais abertos à comunidade, como as festas públicas.

Quadro de equivalências entre as entidades mais cultuadas dos candomblés

Nação keto	Nação Jeje	Nação Angola	Nação Caboclo
Ser supremo	Ser supremo	Ser supremo	Ser supremo
Olorum	Mavu Lissa	Zambi	Zambi
Orixá	Vodum	Inquice	Caboclo
Exu	Legba	Aluvaia	Exu
Ogum	Gu	Sumbo Mucumbe	Sumbo Mucumbe
Oxossi		Mutalambô Tauamim	Sultão das matas
Omolu	Sapata	Burungunço Cuquete	Burungunço Cuquete
Ossaim	Agüé	Catendê	Dona do mato Caipora
Oxumaré	Bessém	Angorô	Angorô
Xangô	Sobô	Cambaranguanje Zaze	Cambaranguanje zaze
Oxum	Aziribóssi	Quicimbe Caiala	Quicimbe Caiala
Iansã	Oiá	Bamburucema Matamba	Bamburucema Matamba
Iemanjá	Abe	Dandalunda	Janaina, Dona do Mar, Sereia do Mar
Nana	Nana	Querê-Querê	Rorocô
Oxalá	Olissa	Lembá	Caboclo Malembá

Varias dessas entidades são também conhecidas por outros nomes

Umbanda – é uma religião afro-brasileira composta de alguns elementos oriundos da tradição afro-brasileira, do kardecismo, do catolicismo, e de um complexo de representações a respeito das religiões orientais e da religiosidade do índio brasileiro. É, portanto, uma religião multifatorial. Seus principais fundamentos são: a) crença num ser supremo (Zambi), b) culto aos orixás, c) mediunismo, d) crença na imortalidade da alma, e) um corpo doutrinário, f) orientação e proteção dos guias, g) crença na reencarnação e no carma h) valorização da fraternidade, caridade e respeito ao próximo.

Além desses princípios fundamentais, há, na umbanda, sete linhas, quais sejam: linha de Oxalá, linha de Iemanjá, linha de Oxossi, linha de Xangô, linha do Oriente, linha das almas e linha de Ogum. Existe uma trindade composta por

Obatalá, Oxalá e Ifé respectivamente pai, filho e espírito santo. Essencialmente, a Umbanda cultiva as seguintes entidades: caboclos, pretos velhos, boiadeiros, marinheiros, baianos, ciganos, pombagiras e crianças.

Embora se possa definir a Umbanda conforme Magnani (1991, p. 61): "Umbanda: religião mediúnica formada a partir de elementos doutrinários e rituais de cultos africanos, indígenas, espiritismo kardecista, catolicismo e baseada na incorporação, nos iniciados, de entidades espirituais (caboclos, pretos-velhos etc.) agrupados em linhas e falanges."

Ela possui várias ramificações; nesse sentido é comum ouvir-se falar em várias Umbandas. São elas: a) umbanda popular (forte sincretismo, santos católicos e orixás, praticada antes de Zélio de Moraes¹), b) umbanda tradicional (a partir de Zélio de Moraes – 1908), c) umbanda branca (quase ausência de orixás, de tambores, cultua os caboclos, os pretos velhos e as crianças, presença forte do Espiritismo), d) umbanda omolocô (combinação entre culto dos orixás e culto dos guias), e) umbanda traçada (prática paralela entre Umbanda propriamente dita e o candomblé), f) umbanda esotérica (entendida com um conjunto de leis divinas), g) umbanda iniciática (forte influência oriental, convergência doutrinária e síntese), h) umbanda mística (ênfase no estudo do misticismo), i) umbanda de caboclo (ênfase nos caboclos), j) umbanda de preto velho (ênfase nos pretos velhos) e outras.

Alguns elementos marcantes da umbanda são: 1) sua dualidade, ou seja, a linha de direita e a linha de esquerda, 2) seus pontos cantados e seus pontos riscados, 3) suas giras, seus trabalhos, suas obrigações, seus rituais e suas festas, 4) a prevalência da língua portuguesa como língua ritualística, 5) sua musicalidade marcada pelo som dos tambores tocados à mão e 6) sua simplicidade representada na branca roupa do umbandista descalço a trabalhar em prol da comunidade e da sociedade.

Pajelança - consiste numa religião de caráter indígena, nela a figura do pajé adquire grande relevância. Ele é o xamã indígena. A pajelança se caracteriza a partir desses pontos: a) uso do instrumento sagrado chamado maracá, b) rituais de canto e dança, c) crença em encantados, d) crença no "encante" (fugar dos encantados), e) uso do fumo como elemento ritualístico, f) uso de ervas e rezas como elementos de cura. Pode-se dizer que existem dois tipos de pajelança: uma indígena e outra

¹ Zélio de Moraes (1891-1975) está relacionado com o mito fundador da Umbanda, em 15 de novembro 1908.

não indígena. A primeira é praticada pelos diferentes povos indígenas, já a segunda é chamada de pajelança rural ou cabocla, pois é exercida pelo caboclo amazônico.

Batuque paraense – o batuque, no Pará, é uma religião de base afro-brasileira, entendida como uma variação do babaçuê no estado de Belém. Já o próprio babaçuê tem por matriz os cultos jeje-nagô e uma semelhança com o candomblé de caboclo. O ritual dessa religião se processa por meio de toques de três tambores, uma cabaça e um chocalho de folha de flandres. Seus cantos são expressos em língua africana ou em português.

O primeiro terreiro do Estado de Rondônia conhecido como Barracão de Santa Bárbara tem, originariamente, filiação com a tradição religiosa afro-brasileira mina-nagô oriunda do Maranhão, através do Tambor de Mina. Quanto a isso, diz Lima (op. cit. 2002):

(...) o pai-de-santo da tradição mina, Francelino de Shapanan, que reside na cidade de Diadema-SP e é considerado entre os pais-de-santo como um dos maiores conhecedores da tradição mina no Brasil, se surpreendeu com o conjunto das doutrinas que conservavam, apesar do isolamento do terreiro em relação a outras casas de tradição mina-nagô de outros estados e por ser ela, talvez, a última depositária da tradição mina-nagô em Porto Velho.

Essa tradição mina-nagô não se restringiu apenas a Porto Velho, mas irradiou-se para outros lugares, entre os quais, o município de Guajará-mirim.

É importante lembrar que o terreiro de Santa Bárbara recebeu também influência da umbanda, como nota a professora Lima (op. cit. 2002): “É possível afirmar que Seu Albertino preparou o caminho do terreiro para a umbanda, enfraquecendo, cada vez mais, a tradição maranhense.” Ela continua dizendo que “a sua atual estrutura ritual pode ser classificada como encantaria umbandizada.”

Nesse contexto de filiação, foi através da Federação Espírita e Umbandista de Rondônia (FEUR) que se introduziu o candomblé no Estado. Isso com a vinda, nas décadas de 1970 e 1980, de babalorixás e ialorixás de diferentes estados do país e praticantes de diversos candomblés, tais como, de nação keto, jeje e angola para a iniciação de vários membros de terreiro. Com isso, passou-se a ter, no Estado, o candomblé keto, o candomblé jeje e candomblé angola, aos quais se filiavam as crescentes casas de santo.

1.1.2. Casas de terreiro em Porto Velho

É sabido que em Porto Velho se concentra a maior quantidade de terreiro de religiões afro-brasileiras, chegando a mais de 100 casas de culto, numa estimativa não oficial. Tanto no estado quanto na capital, as religiões de matriz africana se filiam direta ou indiretamente às tradições dos candomblés keto, congo-angola, candomblé de caboclo, ao tambor de mina e também à pajelança e à Umbanda. Recentemente, lançou-se um CD (19/02/2008) intitulado Cantos e Encantos nos terreiros de Porto Velho com o objetivo de documentar pela primeira vez os cantos de terreiro de Porto Velho. São 15 saudações às entidades das cinco matrizes afros dos terreiros de candomblé e Umbanda de Porto Velho. São saudações às entidades das matrizes jeje, nagô, mina, angola e Umbanda.

a) O Barracão de Santa Bárbara

Em 1917, uma maranhense de Codó, Esperança Rita da Silva(1888? / 1972) e um maranhense também de Codó, Irineu dos Santos (? / 1946) fundam, no bairro do Mocambo em Porto Velho, o primeiro terreiro de culto afro-brasileiro, no Estado de Rondônia, denominado Recreio de Yemanjá. A partir de 1970 passou a ser conhecido popularmente como Barracão de Santa Bárbara. Em termo doutrinário e ritualístico, o Santa Bárbara se estrutura a partir da tradição mina-nagô com influência do Catolicismo, da Umbanda, dialogando também com a Pajelança e o Espiritismo.

b) O Terreiro de São Sebastião

Em 1964, Dona Esperança e Seu Albertino fundam a Casa de Umbanda São Sebastião que passa a ser dirigida pelos pais de santo Celso e Hilton, ambos com brilhantes atuações no meio umbandista.

c) O Terreiro do Glorioso São José

Em 1947 é fundado, por Celso e Hilton, o terreiro do Glorioso São José na colônia dos Periquitos, um espaço rural cuja proprietária é dona Raimunda Pereira. Inicialmente, essa casa de santo foi dirigida pelo pai de santo Celso, após ser transferida para o bairro Mato Grosso passa a ser dirigida pela mãe de santo Raimunda Pereira.

d) O Terreiro de Samburucu

Esse terreiro, também conhecido como São Benedito, foi criado por Chica Macaxeira cujo nome real era Ceci Lopes Bittencourt. Localizado na rua Marechal Deodoro com a rua Abunã. Com relação a esse terreiro, o professor Teixeira (op. cit. p. 51) afirma que:

Terreiro de Samburucu ou de São Benedito pertencente a Chica Macaxeira, que surgiu de uma casa de pajelanço onde se trabalhava com choacalho, penachos, infusões, maracás e ervas. Essa casa teria pertencido a uma curandeira local D. Maria e teria sido "apossada" por D. Chica Macaxeira. O terreiro de Samburucu atuou até a década de 1960.

e) O Terreiro de Nossa Senhora da Conceição

Na década de 1970, o pai de santo Edmilson inicia a direção espiritual da casa de santo Nossa Senhora da Conceição localizada na rua Getúlio Vargas com a Quintino Bocaiúva.

f) O Terreiro Ilê Axé Ogum Dajolekan

O bababorixá da nação Keto, o carioca Torodê chega a Porto Velho em 1987 e faz alguns filhos de santo, entre os quais, destaca-se o senhor Hilton de Ogum, atualmente uma respeitada autoridade em candomblé Keto de Porto Velho.

O baboborixá Hilton de Ogum funda o terreiro Ijê Axé Ogum Dajclekan em 1993, localizado na rua Percy Holder número 3923 no bairro Cidade do Lobo em Porto Velho.

1.1.3. A Umbanda em Guajará-mirim

Já se mencionou neste trabalho que Guajará-mirim recebeu influência da tradição mina-nagô, porém a umbanda, nesse município, deixou como herança duas casa principais:

a) O Centro Umbandista Nossa Senhora da Conceição Mamãe Oxum

Essa casa de Umbanda foi criada, segundo seu fundador e pai de santo Antônio Lamego Borges, em 4 de dezembro de 1979. É o terreiro de Umbanda mais antigo em funcionamento no município de Guajará-mirim. Localiza-se na rua Cândido Rondon número 258, bairro Tamandaré.

De acordo com seu Antônio, havia 40 médiuns freqüentando a casa, hoje chega a um número reduzidíssimo deles. É conveniente dizer que algumas pessoas da elite procuravam e procuram, sutilmente, os trabalhos do centro.

Algumas entidades cultuadas nessa casa

1) Caboclo Arranca toco (entidade de cabeça do seu Antônio)

2) Linha vermelha da Jurema

π Índio ubirajara

π Cabocla jureminha

π Índio sete flechas

3) pretos velhos

π pai preto

π pai José

4) os encantados

Principais festas da casa

π 13 de maio – festa dos pretos velhos

π 26 de julho – festa da Vovó Santana

π 8 de dezembro – festa de Nossa Senhora da Conceição

π 27 de setembro – festa de Cosme e Damião

Alguns trabalhos realizados pelo terreiro

π Reza

π Benzimento

π Faz garrafada

π Banhos

π Problemas particulares

Conforme seu Antônio, o centro faz oferenda aos orixás, porém eles não baixam, não incorporam.

b) O terreiro Ilê de Oxossi – São Sebastião

Esse é o terreiro mais novo de Guajará-mirim. Segundo o pai de santo e fundador Eduardo de Oxossi, o terreiro começou a funcionar em 1991. Localiza-se

na rua Clara Nunes número 1820 no bairro Santa Luzia. Conta com aproximadamente 16 médiuns.

Algumas entidades cultuadas na casa

- π Pai 7 flechas
- π Mãe Jurema
- π Seu marinho

Alguns trabalhos realizados pelo terreiro

- π Trabalho de cura
- π Banhos
- π Rezas

Conforme o pai de santo Eduardo de Oxossi, essa casa de Umbanda está em transição de terreiro de Umbanda para terreiro de Candomblé, porém as entidades de Umbanda, no seu dizer, não deixarão de ser cultuadas.

1.1.4. A Umbanda em Rolim de Moura

No município de Rolim de Moura existe, de forma organizada e bem estruturada, apenas uma única casa de culto afro-brasileiro. Esse terreiro é conhecido como Tenda de Umbanda da Vovó Cambinda (T.U.V.C.). Foi fundado em 8 de março de 1974 na cidade de Altônia, Estado do Paraná, pela mãe de santo Maria Hevani Costa. Sua finalidade é o estudo teórico, espiritual e prático do culto de Umbanda. Em 1984, dona Maria Costa chega em Rolim de Moura, Rondônia e se estabelece com sua tenda na Avenida Macapá número 5792, bairro São Cristóvão. A partir daí passa a prestar serviços espirituais à comunidade local.

É conveniente salientar que antes do terreiro de dona Maria Costa, havia algumas mesas, bancas de cura, algumas casas que praticavam alguns trabalhos de Umbanda, porém não era uma estrutura organizada de terreiro como o de dona Maria.

Atualmente, a Tenda de Umbanda Vovó Cambinda, objeto de estudo deste trabalho, é o único terreiro de Umbanda, reconhecido, respeitado e aceito pela comunidade local, em funcionamento no município.

Vale salientar que, em Rolim de Moura, não existe nenhuma representação das tradições dos candomblés Keto, Jeje , Congo-angola nem Candomblé de Caboclo.

2. CAPÍTULO II

HINO DA UMBANDA

*Refletiu a luz divina
 Com todo o seu esplendor
 É o reino de Oxalá
 Onde há paz e amor
 Luz que refletiu na terra
 Luz que refletiu no mar
 Luz que veio de Aruanda
 Para todos iluminar
 A Umbanda é paz e amor
 É um mundo cheio de luz
 É a força que nos dá vida
 E a grandeza nos conduz.
 Avante filhos de fé,
 Como a nossa lei não há,
 Levando ao mundo inteiro
 A Bandeira de Oxalá!
 Levando ao mundo inteiro
 A Bandeira de Oxalá!

2.1. A TENDA DE UMBANDA VOVÓ GAMBINDA

Neste capítulo tratar-se-á de alguns aspectos etnográficos da casa de santo em estudo e também, de forma sucinta, da cidade na qual está localizado o terreiro e da sacerdotisa responsável pelo mesmo, de maneira que essa casa de culto seja contextualizada.

2.1.1. O MUNICÍPIO DE ROLIM DE MOURA

Rolim de Moura, município do estado de Rondônia, está situado a 486 km da capital Porto Velho. Localizado na região centro-sul do estado, possui clima equatorial com variações para tropical quente e úmido, com rios, riachos e igarapés, com uma área de 1.487,30 km², uma população de 47.382 habitantes (IBGE 2005). Considerada a capital da zona da mata em virtude de sua centralidade e também por outras particularidades. Seu nome deve-se ao português Dom Antônio Rolim de

¹ Edição atribuída a autora do hino da Umbanda ao português José Manuel Alves que teria feito o hino na década de 1960 e apresentado ao caboclo das sete encruzilhadas. Esse hino foi oficializado na 1ª Convenção do CONDU no ano de 1976.

Moura Tavares governador, no século XVIII, da província de Mato Grosso. Foi colonizado, povoado por imigrantes de diversos estados do país. Essa colonização se deve ao incentivo do governo através da distribuição de lotes de terra pelo INCRA (1975). Em virtude disso, houve um considerado crescimento que provocou seu desmembramento do município de Cacoal, resultando na sua emancipação em 05 de agosto de 1983 através do decreto-lei 071 do mesmo ano.

Localização de Rolim de Moura



2.1.2. A MÃE DE SANTO MARIA COSTA E A VOVÓ CAMBINDA

É nesse contexto geopolítico-histórico e migratório de Rolim de Moura que chega, migrando do estado do Paraná, a esse município, em 1984, dona Maria Costa, trazendo a casa de culto de Umbanda Vovó Cambinda. Maria Hevani Costa nasceu no Ceará em 10 de outubro de 1942, filha de pais católicos, frequentou a escola primária, mas não a completou. Casada com o senhor Matias Carvalho Costa, tem um casal de filhos (1º casamento). Desde os 9 anos de idade já manifestava sinais da presença de entidades, embora não se soubesse do que se tratava. Essa presença se expressava, muitas vezes, através de incômodos, mal-

estar. Isso era atribuído, por parentes e amigos, a doenças. Por volta dos 13 anos transfere-se, com a família, para o estado do Paraná. Continuaram os incômodos. Aos 16 anos de idade é informada de que esses incômodos significam o desejo dessas entidades de se comunicarem, de se manifestarem para fazer caridade, pois ela teria um dom dado por Deus. A partir daí começou sua formação na Umbanda, em Altônia – Paraná. A iniciação formal (reclusão, raspagem, etc), acontece com a idade de aproximadamente 24 anos, num candomblé Angola em Londrina. É no candomblé que fica sabendo, através dos búzios, que é filha de oxalá, oxum e xangô. Mas, com 16 anos de idade já tinha recebido a primeira entidade da Umbanda, a preta velha vovó Cambinda, que dá nome ao terreiro. Essa entidade, já se apresentou com esse nome. Segundo a própria mãe de santo, dona Maria Costa, vovó Cambinda é uma velha negra, vinda ainda jovem da África como escrava. Aqui, no Brasil, nessa condição sofreu muito, mesmo assim, quando está presente, no barracão, trabalha para o bem, aconselhando e amenizando o sofrimento das pessoas.

2.1.3. ASPECTOS ETNOGRÁFICOS DA TENDA DE UMBANDA VOVÓ CAMBINDA (T.U.V.C)

"Não criticar as coisas que a gente não entende, porque não cai uma folha seca de uma árvore sem que Jesus Cristo dê consentimento. Somos todos irmãos, filhos do mesmo pai".

[Dona Maria Costa – mãe de santo] (T.U.V.C.)

a) Histórico do Terreiro

A palavra tenda vem do baixo latim "tenda" cujo sentido relaciona-se com "barraca". Antropologicamente consiste numa construção cônica armada com varas ligadas na extremidade superior, coberta por peles ou casca de árvores, fácil de transportar, ocupa pouco espaço, é resistente a chuva, vento, calor, frio e neve. Diz-se que a armação de tenda se fazia em terreno elevado. A simbologia da tenda, no seu aspecto de resistência e simplicidade, foi herdada pela Umbanda.

A Tenda de Umbanda Vovó Cambinda foi fundada em 6 de março de 1974 na cidade de Altônia, Estado do Paraná, pela mãe de santo Maria Hevani

Costa. Sua finalidade é o estudo teórico, espiritual e prático do culto de Umbanda. Em 1984, dona Maria Costa chega em Rolim de Moura, Rondônia e se estabelece com sua tenda na avenida Macapá, nº5792, bairro São Cristóvão. A partir daí passa a prestar serviços espirituais à comunidade local.

A relação entre a Tenda de Umbanda Vovó Cambinda e a sociedade rolimourense, atualmente, é de amistosidade; isso significa dizer que o terreiro é aceito, bem aceito e respeitado pela comunidade. Isso é confirmado pelo fato de a mãe de santa Maria Costa ser, em algumas ocasiões, convidada para falar sobre sua casa de santo e sobre Umbanda em instituição de ensino. Além disso, o terreiro é procurado, às vezes, por alunos em busca de informações, para realização de seus trabalhos escolares propostos por seus professores. Houve época, segundo a mãe de santo, que até presidiário ia acompanhado de policiais assistir aos trabalhos da Tenda.

Mas houve uma época em que a animosidade, por parte de algum grupo religioso e por particulares, foi constante, chegando ao ponto de uma determinada representação religiosa agir de forma agressiva jogando sal no terreiro e intimidando a própria mãe de santo. Por outro lado, conforme declara dona Maria Costa, há uma convivência harmoniosa entre seu terreiro e algumas denominações religiosas como a Batista, a Católica, a Testemunha de Jeová e a Espírita.

Vale dizer que nunca houve perseguição de órgão oficial, leia-se polícia, em relação à Tenda Vovó Cambinda. Portanto trata-se de uma casa de Umbanda credenciada pela sociedade.

Tomando por base o procedimento da conversa informal e da observação participativa, percebeu-se que os filhos e filhas de santo procuram o terreiro em virtude de doença, por dom, por afinidade espiritual, por influência familiar, por indicação de amigos; esses membros ou médiuns são oriundos de uma classe social mediana. Vale observar que há membros e médiuns oriundos também de classes mais abastecidas.

Quanto aos clientes, obedecem à mesma estratificação social. Esses clientes procuram a Tenda pelos mais variados motivos, cabendo à mãe de santo avaliá-los.

Imagem 1 – Entrada do Terreiro



Foto do Autor (2008)

b) Espaço Físico

A Tenda de Umbanda Vovó Cambinda (T.U.V.C) está inserida num território contínuo dividido entre o espaço sagrado (o barracão) e o espaço não sagrado (a residência da mãe de santo). Ambos estão localizados no mesmo terreno. A rua onde está o terreiro é uma avenida asfaltada, uma rua residencial, com repartições públicas, comércio, escola e próxima ao centro comercial, centro da cidade. Ele é rodeado de casas residenciais.

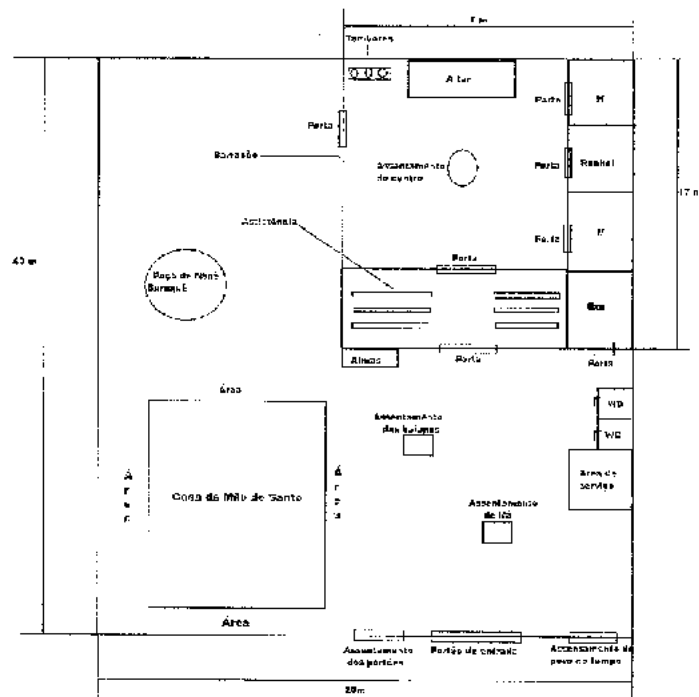
Logo na entrada, no portão, à direita está o assento do povo do tempo, à esquerda fica o assentamento dos portões. Adentrando o terreiro à esquerda está situada a casa da mãe de santo, aproximadamente no meio estão, entre as plantas, o assento respectivamente de ifá e dos baianos. Já na entrada do barracão, à esquerda localiza-se o assentamento das almas e à direita o assentamento de exu, a tronqueira, na lateral esquerda do barracão fica o poço de Nanã buruquê. Não podemos deixar de mencionar que o espaço físico do terreiro é repleto de plantas bem cuidadas, as quais servem de ervas para os trabalhos, as obrigações.

Já, dentro do barracão, há duas divisões, uma logo na entrada para assistência, dividida em dois espaços com bancos. Os bancos da esquerda são para os homens e os da direita para as mulheres; e outra divisão, o espaço sagrado para o ritual, a gira. Nesse, estão nos seus devidos lugares específicos os assentos de

xangô e oxum respectivamente à esquerda e à direita do gongá (altar) que fica ao fundo do salão. Também à esquerda próximo ao assento de xangô, ficam os tambores, do lado oposto, ou seja, no lado direito, ficam dois quartos para os médiuns se trocarem e entre esses dois quartos está o ronco. No meio do barracão, na parte central do chão está o assento da firmeza do terreiro; por fim, o teto do barracão é ornamentado com fitas coloridas, bandeirolas, cartolinas coloridas em forma de flores e outros motivos.

Segue a planta do terreiro

Planta do Terreiro e do Barracão



Fonte: o autor (2008)

Descrição de alguns elementos da planta

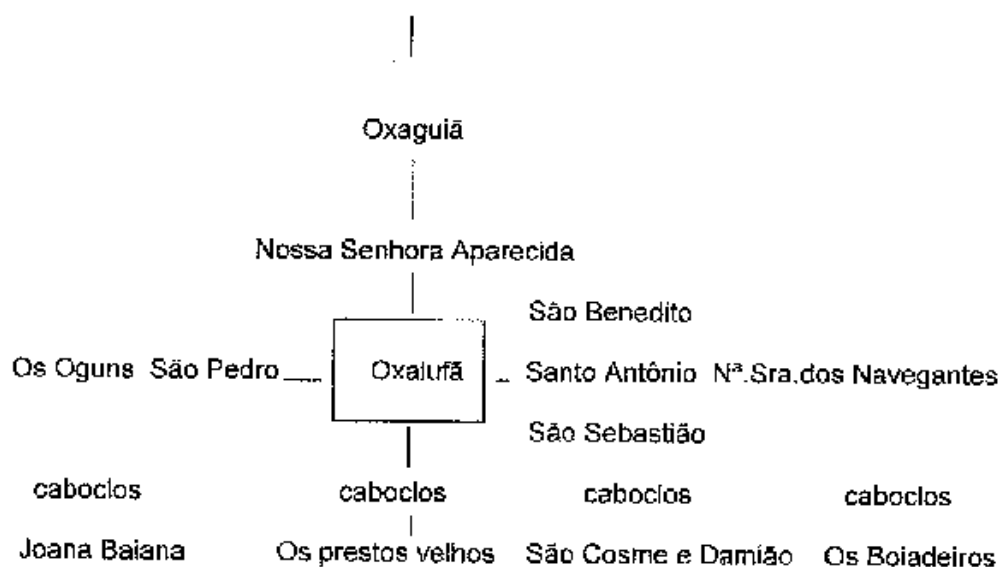
1) gongá

Imagem 2 – gongá



Foto do autor – (2008)

Cada casa de Umbanda tem uma forma de organizar o gongá (altar), porém há um padrão a ser seguido, isso quer dizer que a imagem maior e central deve ser a de Oxalá, as outras podendo variar de posição.



- 2) H – quarto para os homens se trocarem.
- 3) Roncó – quarto onde se faz obrigação do santo. Só entra nela quem já tem obrigação.
- 4) M – quarto para as mulheres se trocarem.

5) Tambores:

imagem 3 – Tambores



Nesta foto observa-se o cuidado, a reverência com que são tratados os tambores; vê-se, ainda, que esses mesmos tambores têm dimensões diferentes. Na Umbanda, eles são tocados com as mãos e têm no caboclo Giramundo seu patrono, conforme essa casa de santo.

Foto do autor – (2008)

- 6) "Poço de Nanã Buruquê" – suas águas são usadas para limpeza do roncó, do barracão e outras utilidades

Imagem 4 – Firmação do Terreiro



Foto do Autor (2008)

Observa-se nessa foto da firmação do terreiro (entoto no candomblé) um ponto riscado no centro do chão do barracão cujo objetivo é estabelecer a firmeza do centro, esta firmação tem a proteção de São Miguel e do caboclo Tira-teima.

- 7) "Assentamento dos portões" – entidades representativas Xangô- Agodô e São Pedro.
- 8) "Assentamento do povo do tempo" – entidade representativa Iansã.
- 9) Exu – casa de Exu, assentamento de Exu, a tronqueira, neia está o garfo, um dos símbolos de Exu.

c) A Família de Santo

Entre os membros de uma casa de santo há uma relação hierárquica semelhante a uma família consanguínea, isto é, existe uma relação de pai-filho, mãe-filho, avô, avó, tio, tia, irmãos, irmãs de santo. A essa relação de parentesco fundada no santo, chama-se família de santo. Lody (1987, p. 44), nesse sentido comenta:

Um forte e elaborado parentesco ditado pela hierarquia e pela iniciação forma uma verdadeira família, sujeita a deveres voltados ao poder do dirigente ou aos deuses tutelares. Os membros de um terreiro assumem um tipo de relacionamento que reproduz os princípios de uma família ordenada por laços consanguíneos.

A família de santo obedece aos mesmos parâmetros da família consangüínea, ou seja, há os pedidos de bênçãos, os tabus sexuais, os conflitos entre irmãos, a punição pela desobediência e até desagregação e crise da família de santo. Ora, esse último aspecto teria razão de ser, uma vez que essa tipologia de família, em essência, se pauta pelo "olhar" atencioso dos orixás, voduns ou inquices? A resposta a essa pergunta poderia ser sim, já que na própria família mitológica dos orixás, pela qual se mira a família de santo, há mitológicos conflitos, crises e até quebra de tabus. Nesse sentido, a família de santo imita a família dos orixás.

Lody conclui: "como nas famílias civis, a família de santo é movida por lutas internas pelo prestígio religioso, econômico e moral" (1987, p. 48).

Embora a Tenda de Umbanda Vovó Cambinda já tenha sido composta por cerca de 32 médiuns ou filhos de santo, hoje a família de santo do terreiro é composta por 13 filhos de santo, dois ogás, 1 porteiro e a mãe de santo.

São estes os componentes da família de santo da Tenda e algumas de suas respectivas funções.

0. Maria Hevani Costa – (Mãe de santo)

1. Ana Maria – (Mãe pequena)

2. Leonina Chaves - (Cambone)

3. Valdir Signato - (Ogã)

4. Matias Carvalho – (Ogã)

5. Pedro Matins – (Porteiro)

6. Maria Tavares

7. Jeovana Gedalva

8. Maria de Fátima

9. Anízia Laércia

10. Nice Signato – (Cambone)

11. Laércio de Oliveira

12. José dos Santos

13. Jorge
14. Gleison Silva
15. Alaércio
16. Laura de Oliveira

Essa noção de família de santo traz consigo a idéia de hierarquia que no caso da Tenda Vovó Cambinda consiste na autoridade da mãe de santo Dona Maria Costa abaixo dela a mãe pequena Dona Ana Maria e abaixo desta os filhos de santo.

d) As Entidades

Quando se mencionam as religiões afro-brasileiras, logo faz-se referência ao politeísmo. Vem a pergunta, em seguida, elas são monoteístas ou politeístas? Uns defendem a idéia de que os cultos afros são, de fato, politeístas, outros argumentam que o politeísmo dessas religiões é uma expressão de seu monoteísmo ou que o monoteísmo é uma expressão do politeísmo. Azevedo afirma quanto a isso, o seguinte: "(...) podemos dizer que a Umbanda assume, assim, um caráter politeísta, crendo contudo, num deus único e superior, criador de tudo que existe. Essa teogonia peculiar organiza-se desde as instâncias superiores – divinas – até as mais próximas dos homens. (2008, p. 46)."

A relação entre monoteísmo e politeísmo assume um caráter preconceituoso no sentido em que uma religião se definindo pelo monoteísmo implicaria numa respeitabilidade e seriedade, ao passo que uma outra se definindo pelo politeísmo resultaria numa falta de seriedade e numa irresponsabilidade. Por que não harmonizar essas duas formas de viver a religiosidade?

Azevedo continua, ainda, numa visão conciliadora entre monoteísmo e politeísmo quando diz:

(...) Umbanda. Ela relaciona Deus (no topo da pirâmide, relacionado com Oxalá e Jesus Cristo, mantendo de forma peculiar a trindade cristã), abaixo dele, os Orixás (divindades provenientes dos cultos africanos que são sincretizados com os santos católicos e regem elementos naturais), em seguida as entidades em ordem de grau evolutivo (caboclo, pretos-velhos, ciganos, marinhos, boiadeiros, balaos, mestres, exus, etc.) [2008, p. 45]

HIERARQUIA DAS DIVINDADES SEGUNDO A UMBANDA

Deus

Orixás/Santos

Entidades e Espíritos-Guias

Na Tenda Vovó Cambinda são cultuadas as seguintes entidades.

Quadro das entidades - I

Orixás	Como são vistas na tenda vovó Cambinda
Exu	Alejobá
Ogum	São Jorge
Oxossi	São Sebastião
Ossaim	Dono das folhas
Xangô	São Jerônimo
Obaluaiê	Médico dos pobres
Omolu	Rei dos cemitérios
Oxumaré	Das águas , a cobra
Iensá	Santa Bárbara
Oxum	Nossa Senhora da Conceição
Obá	Santa Joana D'arc
Naná	Nossa Senhora Santana
Iemanjá	Do mar
Ibeji	São Cosme e Damião, As Crianças
Ifá	Divino Espírito Santo
Oxalá	Jesus Cristo

É sabido que nos cultos de matriz afro-brasileira cada pessoa está associada a um ou mais orixás. A respeito disso, Azevedo (2008, p. 46) explica: "Na Umbanda, cada pessoa está ligada a um desses orixás, cujas características são encontradas

nelas, em forma física ou mais evidente nas características psicológicas e comportamentais.”

Podemos, com isso, associar essas características psicológicas e comportamentais aos arquétipos, que são modelos, tendências estruturais e simbólicas da psiquê humana. Mas, é importante salientar que a personalidade de cada ser humano é complexa, isso implica dizer que não se pode enquadrar uma pessoa apenas em um só aspecto arquetípico, pois o ser humano é uma miríade de qualidades arquetípicas.

Dessa forma, seguem-se os arquétipos dessas entidades (perfil das pessoas):

- 1) Exu – pessoas de temperamento forte, desordeiro, alegre, ciumento, interesseiro. Personalidade boa e ruim.
- 2) Ogum – pessoas de temperamento agressivo, emotivo. Personalidade forte, gosta de tomar iniciativa, são pessoas de corpo atlético, gostam de ser conquistadores e são temperamentais.
- 3) Oxossi – pessoas românticas, festeiras, narcisistas, criativas, agressivas, responsáveis, curiosas.
- 4) Obaluaíê – pessoas generosas, responsáveis, familiares, reservadas, caseiras, intuitivas.
- 5) Omolu – pessoas pessimistas, teimosas, depressivas, irritantes, exigentes, sem brilho, amargas, porém trabalhadoras, amigas e gostam de ajudar.
- 6) Ossaim – personalidade sonhadora, pessoas prestativas, delicadas, reflexivas, gostam de liberdade e são familiares.
- 7) Oxumaré – pessoas ativas, espertas, generosas, curiosas, exibicionistas, perseverantes, atraentes.
- 8) Xangô – pessoas orgulhosas, elegantes, infiéis, ciumentas, gostam da justiça, gostam de liderar, apreciam a vida.
- 9) Oxum – pessoas elegantes, sensuais, encantadoras, vaidosas, delicadas, falsas, meigas.
- 10) Iansã – pessoas audaciosas, possessivas, dinâmicas, fiéis, ciumentas, astutas.

- 11) Obá – pessoas agressivas, viris, ambiciosas. "masculinizadas".
- 12) Iemanjá – pessoas com temperamento de mãe, esposa, pessoas ciumentas, exigentes.
- 13) Nanã – pessoas com temperamento de velho, pessoas calmas, sábias, carinhosas, severas.
- 14) Oxalá – pessoas respeitáveis, sábias, calmas, dignas, autocontroladas, seguras, líderes, perfeccionistas.
- 15) Ibeji – pessoas de temperamento infantil, pessoas dependentes, amorosas e possessivas, festeiras, ativas, brincalhonas.
- 16) Ifá-orunmilá – pessoas que têm conhecimento, sábias, que aconselham, orientam, tem premonição, pensam muito no futuro, são intuitivas.

OUTRAS ENTIDADES

As outras entidades cultuadas na Tenda da Vovó Cambinda são: Caboclos, pretos velhos, boiadeiros, baianos, marinheiros, ciganos, pombagiras e erês.

Essas entidades, às vezes, chamadas de encantados, são relacionadas com as sete linhas da Umbanda e que se manifestam nos médium. É ainda Azevedo (2008, p. 96) que diz: "Tradicionalmente, na Umbanda, eles são chamados guias, isto é, os espíritos que se tornaram responsáveis pela orientação espiritual e doutrinária da Umbanda. São aqueles que atuam sob uma determinada linha de trabalho que, por sua vez, está ligado diretamente a um orixá."

NOME GENÉRICO DAS ENTIDADES							
Caboclos/as	Pretos velhos	Boiadeiros	Baianos	Marinheiros	Ciganos	Pombagiras	Erês
NOMES ESPECÍFICOS DAS ENTIDADES							
Linha coral	Pai Jubá	Lenço preto	Manuel baiano	Marinheiro da guia	Sandra Rosa	Moças bonitas	Crianças
Linha preta	Pai Francisco	Lajedo	Severina Baiana	Marinheiro Arbabá	Izaura	Moça da praia	

Tupinambá	Pai João	Boiadeira Joaninha	Joana Baiana	Martim Pescador	Cigenita	Moça da rosa	
Sete flechas	Pai José	Chico Boiadeiro	João Baiano	Zé pretinho	Igor		
Glória	Pai Josias	Zé troteiro	Zé do coco	Capitão piloto			
Roxo	Vovó Ana	Vicente boiadeiro	Tia Laurença	João Morro			
Ubirajara	Vovó Sabrina	Boiadeiro de Minas	Valdir Baiano	Zé da canoa			
Juçaná	Vovó Catarina	João Boiadeiro	Zé Baiano				
Praí	Tia Maria de Angola						
Saracutinga	Tia Maria de Guiné						
Arranca- toco							
Guiné							
Tracema							

O papel que esses guias exercem na Umbanda é de tal relevância que simbolizam diferentes tipos de arquétipos, os quais determinam o comportamento, as atitudes de cada ser humano. E sendo assim, não podemos deixar de mencionar as esclarecedoras palavras de Azevedo:

Os guias se manifestam por meio dos médiuns, sendo a prática da incorporação a matriz de seu trabalho. Esses espíritos se valem dos mais diferentes arquétipos pelos quais se apresentam. Cada arquétipo está ligado a uma determinada linha espiritual. Podemos dizer os arquétipos são roupegens utilizadas pelos guias para se apresentarem nos terreiros (...) [2008, p. 97].

Seguem-se os arquétipos dessas entidades.

1) caboclos – entidades que se comportam como índios, usam os apetrechos indígenas e, muitas vezes, falam palavras do repertório indígena. Representa o poder da luz. Fumam charuto, usam cocar.

2) pretos velhos – representam o sábio, a experiência de vida, são calmos, prudentes, aconselhadores, dão lições de vida. Fumam cachimbo.

3) erês - são as crianças, representam a jovialidade, o espírito de brincadeira. Usam brinquedos.

4) balanos- representam o ser humano livre e feliz. Fumam cigarro de palha, usam peixeira.

5) boiadeiros – representam o sertanejo, o peão. Usam berrante, chicote, boleadeira.

6) marinheiros – representam todos aqueles que usam a água como fator de vida, simbolizam a vida como um barco, uma navegação, a vida como flutuação, imponderabilidade. Bebem cachaça.

7) ciganos – representam o mistério, o segredo das coisas humanas. Simbolizam o ser livre, dono de si, libertador.

8) pombagiras – representam a mulher livre, desinibida, livre das convenções sociais, exibida, sedutora, liberal, mulher da vida, dona de si, vaidosa. Bebe champanhe.

e) Os Rituais

As religiões possuem seus procedimentos, suas regras e cerimônias cujo objetivo diz respeito ao culto do divino ou especificamente à prática dos seus preceitos doutrinários. A esses procedimentos dar-se no nome de ritual. Existem vários tipos de rituais, entre os quais, cita-se : ritual de iniciação, propiciatório, de passagem e festivo. Além disso, há rituais que são abertos ao público e outros que são fechados, restritos, deles só participam os iniciados.

Quanto ao ritual ou culto umbandista, Azevedo (2008, p. 25) afirma que: "O culto umbandista se realiza, prioritariamente, em dois tipos de lugar: no centro,

terreiro ou templo/ tenda, mas também pode se realizar, em ocasiões de festividades, comemorações ou trabalhos, no ambiente natural de alguns dos orixás - pedreiras, cachoeiras, beira-mar etc.”

Nesse sentido, na Tenda de Umbanda Vovó Cambinda existem vários tipos de rituais que podem ser privados ou públicos. O ritual privado é vedado ao público e permitido o acesso apenas à comunidade de santo. Já ao ritual público conhecido, popularmente, como festa, é permitida a participação de pessoas fora da comunidade de santo. As festas da Tenda vovó Cambinda, e seus respectivos dias são os seguintes:

Quadro de festas

DIA	FESTA
20 de janeiro	Festa de Oxossi, São Sebastião, os caboclos
13 de maio	Libertação dos escravos, Nossa Senhora de Fátima
26 de julho	Naná buruquê – Senhora Santana
27 de setembro	Cosme e Damião
4 de dezembro	Iansã – Santa Bárbara
8 de dezembro	Oxum – Nossa Senhora da Conceição
31 de dezembro	Entrega do ano velho para o ano novo

Descreveremos, de modo sucinto, três dessas festas. A festa de 13 de maio, a de 31 de dezembro e a de 20 de janeiro.

n. A festa de 13 de maio

Sobre essa festa, a Umbanda relaciona o 13 de maio, “libertação” dos escravos com Nossa Senhora de Fátima. Isso meramente em função de uma data, pois no dia 13 de maio de 1917, Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo, teria aparecido a três crianças, Lúcia, Jacinta e Francisco, numa localidade portuguesa chamada Fátima. Não há, portanto, nenhuma relação espiritual, nesse particular, entre a Umbanda e o catolicismo.

Feitas essas observações, vejamos a festa

Imagem 5 -- "Festa dos Escravos" (13 de maio)



foto da Mãe de Santo

Nesta foto, a mãe de santo e seus filhos e filhas de santo estão paramentados como pretos velhos e pretas velhas, conforme a orientação da casa.

É um ritual festivo aberto ao público relacionado com a "libertação" dos escravos e com Nossa Senhora de Fátima. Consiste em toque de tambores, danças, comidas e bebidas.

Comida: Feijoada (Ingredientes)

Chuchu (*Sesuvium edule swartz*), abóbora (*Cucurbita pepo L.*), maxixe (*Cucumis anguria L.*), couve (*Brassica oleracea L.*), pé-de-porco, feijão preto, carne seca, lingüiça, azeite de dendê (*Elaeis guineensis L.*), cheiro verde (*Coriandrum sativum L.*), piqui (*Caryocar brasiliensis*)

Preparação da Feijoada

- 1) cozinha o feijão preto
- 2) os outros ingredientes cozinha-se em panelas separadas
- 3) em seguida mistura tudo
- 4) põe para ferver
- 5) coloca cheiro verde e piqui
- 6) põe para ferver novamente

7) a partir daí está pronta a feijoada

• Bebida: Licor de vinho (Ingredientes)

Canela (*Cinnamomum zeylanicum* breyn.), cravo (*Caryophyllus aromaticus*), guaraná (*Paullinia cupana kunth*), água de limão (*Citrus limonium*), açúcar, garrafão de vinho.

• Levando a feijoada:

Ao levar a feijoada os filhos de santo cantam:

<p>Oi na minha urucaia tem quimbombo Na minha urucaia Oi quem vem de Bahia com seu patuá Na minha urucaia É o senhor do Bonfim é quem vai me ajudar na minha urucaia</p>
--

<p>Ageó, ageó a comida de santo se come com a mão Ela é sagrada, meu pai, ela é sagrada Quanta gente nesse mundo, quanto sangue derramado Oi valei-me meu pai oxalá e a hóstia consagrada</p>
--

A festa de 20 de Janeiro

É uma festa muito esperada pela comunidade religiosa, pois Oxossi é, no candomblé Keto, o rei de keto e nessa tradição nagô, sua cor é azul, ele é das matas, suas armas, o arco e flecha e a lança. No cuito de nação angola e na Umbanda sua cor é verde. Ainda na Umbanda, Oxossi é o rei das matas.

Além disso, sobre Oxossi, confirma Magnani (1991, p. 52): "(...) Oxossi, "Rei das Matas", comanda uma linha de caboclos (Araribóia, Pena Branca, Cobra Coral, Urubató etc.), adornados com muitas penas, cocares e outras marcas convencionalmente atribuídas aos indígenas."

A festa dedicada a Oxossi

Imagem 6 – “ Festa de Oxossi”

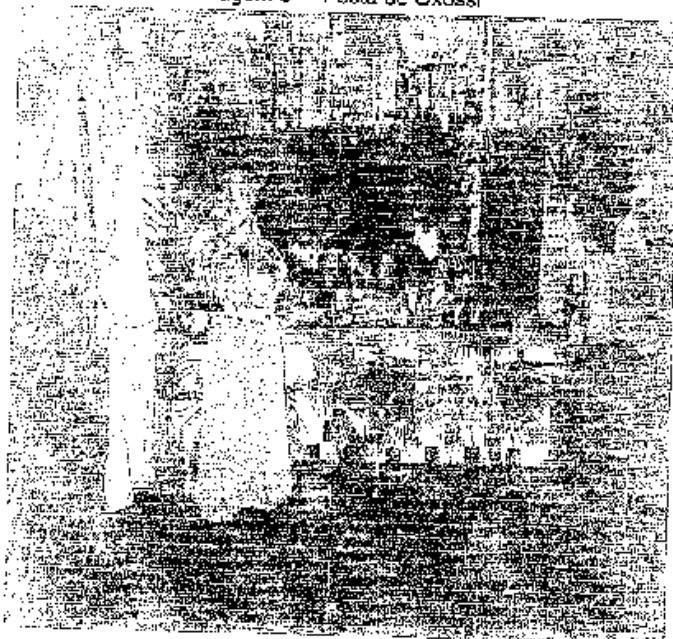


Foto da Mãe de Santo (1997)

Observam-se, na foto, as cores do Orixá Oxossi verde e azul, sua arma o arco e flecha, a representação da mata, o arquétipo caboclo ou cabocla.

Consiste em:

- π Toque de tambores (com as mãos)
- π Armação da árvore de Oxossi com todos os frutos. Alguns frutos: coco, manga (*Mangifera indica*), banana (*Musa sapientum*), maracujá (*Passiflora edulis* S.)...
- π Sob a árvore fazem-se os símbolos, os pontos
- π Bebida: vinho
- π Comida: a carne de Oxossi é servida em folha de bananeira e apurada no limão e um pouco de mel ou açúcar.

Para o povo (é assim, que, no contexto, é chamada a comunidade exterior ao povo de santo):

- π Carne moída com pão
- π Um latão de salada de frutas com vinho

π **A festa de 31 de dezembro**

É uma festa ritualística onde a figura divina de Iemanjá é destaque, pois essa festa é também conhecida como ritual para Iemanjá. Se essa festa consiste na entrega do ano velho para o ano novo, então pode-se entender que houve uma mudança no tempo e, nesse sentido, há uma entidade do candomblé angola que responde pela mudança do tempo, dos temporais, dos ventos, das rajadas de ventos que é Kitembo ou Kitembu, reverenciada também por candomblés nagô e pela Umbanda com o nome Tempo. Daí, por que não entender que nessa passagem de ano há a influência da entidade Tempo? Seria a mudança temporal um domínio de Tempo?

Essa festa é a entrega do ano velho para o ano novo.

Consiste em:

- π Toque de tambores (com as mãos)
- π Comida: Manjar de leite com maisena e coco (Cocos nucifera L.) bolo, torta...
- π Flores: rosas, lírios...
- π As cartas de baralho dizem o santo do ano. Procedimento: a mãe de santo se paramenta com roupa específica para a ocasião, saia, torço, touca; reza-se (rezas católicas) e jogam-se as cartas na mesa dos ciganos.
- π Entrega de Iemanjá. Consiste num ritual em que se coloca, numa espécie de cesta ou pacote, vários objetos, entre os quais, velas, espelhos, pente, perfumes e também flores, frutas. Põe num barquinho e solta no rio (obs.: já que nas imediações do terreiro não existe mar, pede-se permissão a Oxum e põe o barquinho no rio).

f) Os Trabalhos

Os trabalhos desenvolvidos no terreiro Tenda de Umbanda Vovó Cambinda (T.U.V.C.) consistem em:

- a) Desenvolvimento de médiuns. Faz-se com obrigação que consiste, sinteticamente, em coroação, comida e banho; limpeza que consiste em limpar os fluidos ruins.
- b) Descruzamento de linha. Faz-se com ponto riscado, obrigação e limpeza. Isso para saber o santo de alguém.
- c) Banho abô. Composto de 27 ervas, entre as quais, alfazema, tapete de oxalá, goiaba e folha de algodão. Feito três vezes por ano.
- d) Sacudimento. Usa-se galinha branca, verduras, prato cozido e prato cru, pinga, mel, pipoca e outros mais.
- e) Baralho cigano.
- f) Batizado dos filhos de santo. Consiste em: água mineral, sabão de coco, rosa branca, cebo de carneiro, sal, vela, fita, toalha de batismo, pomba (branca, azul e amarela), oração de batismo (o pai nosso), padrinho material e padrinho espiritual.

Ponto de Batismo:

ai que lindo batizado que eu estou vendo neste dia,
 São João batizou Cristo com prazer e alegria,
 foi no rio de Jordão que São João batizou Cristo,
 Cristo batizou São João.

Para não membros da comunidade de santo, os trabalhos consistem em:

- a) Baralho cigano
- b) Trabalho de limpeza
- c) Olho grande
- d) Perturbação
- e) Inveja
- f) Rezas
- g) Benzimento. Faz-se com oração católica, rosário e crucifixo.

- h) Banhos. Consiste em vários banhos conforme o problema de cada pessoa.
- i) Remédios. Feitura de garrafadas.

E muitos outros...

g) Seqüência de uma sessão (de um trabalho) na Tenda de Umbanda Vovó Cambinda.

Nos trabalhos (sessão, gira) os médiuns dançam descalços. Quando estão em transe ou possessão iniciam-se os trabalhos; nesse momento, quem está na assistência e quer se consultar com alguma entidade, adentra descalço no espaço sagrado do barracão e aí a consulta se desenvolve.

A seqüência de uma sessão (trabalho espiritual), na Tenda Vovó Cambinda, se realiza desta forma:

- 1) Defumação. Com incenso, goiaba (*Psidium guayaba* L.), bejuin (*Lamanonia temata* Vell), alfazema (*Lavandula angustifolia*), guiné (*Petiveria alliacea* L), arruda (*Ruta graveolens*). Para purificação do terreiro e limpeza do corpo.
- 2) Reza. Pai nosso, salve rainha, creio em deus pai...
- 3) "Bate cabeça"

Imagem 7 – Ritual de bater cabeça



Foto do Autor (2008)

O ritual de bate cabeça, conforme a mãe de santo, consiste em saudar a terra, saudar o terreiro e entregar o mal à terra.

- 4) Os filhos de santo pedem a benção à mãe de santo. Quem é batizado no santo diz muçui, a mãe de santo responde muçui do zambi.

- 5) Saudação aos orixás . "ogum iê"- Ogum; "oké aro" – Oxossi; "atoto"- Obaluaiê; "epapá baba"- Oxalá; "oni beiji"- Cosme e Damião; "odoiá"- Iemanjá; "orateleô – Oxum; "eparrê"- Iansã; "sauvá" – Nanã.
- 6) Saudação ao povo da rua. "alaruê" – Exu.
- 7) Saudação a São Jorge guerreiro. "ogum iê"
- 8) Chamamento dos pretos velhos (abertura dos trabalhos). Cantam os pontos dos Pretos Velhos.
- 9) Chamamento das 7 linhas da Umbanda. Canta-se um ponto para cada uma das sete linhas.
- 10) Término dos trabalhos (Com seu Zé pelintra ou vovó Cambinda)

Imagem 8 – Zé Pelintra



Foto do autor (2008)

Zé Pelintra, na foto ao lado, é uma entidade que, na Umbanda, se liga a linha de Exu ou "linha das almas". Conta-se, de acordo com o mito de Zé Pelintra, que essa personagem teria sido um negro nascido em Pernambuco, vivido e morrido na Lapa, Rio de Janeiro. Essa entidade representaria o arquétipo do malandro.

Obs.: Os trabalhos iniciam-se às 19h e terminam às 23h aos sábados.

h) Elementos das Principais Assentamentos e Seus Respectivos Pontos.

Segundo Beniste (2003,p.50): (...) assentamentos têm por objetivo fixar uma parte da energia do orixá dentro de certos objetos (...) que podem ser pedras , ferros , búzios e outros elementos (...)

Em Magnani (1991, p. 59) também encontramos que assentamento é um "conjunto de objetos rituais que representam os orixás onde reside sua força".

No terreiro aqui estudado, existem quatro assentamentos que ficam fora do barracão, são eles: assentamento do povo do tempo, assentamento (casa) de exu, assentamento dos portões e assentamento das almas.

Imagem 9 – "Assentamento do povo do tempo"

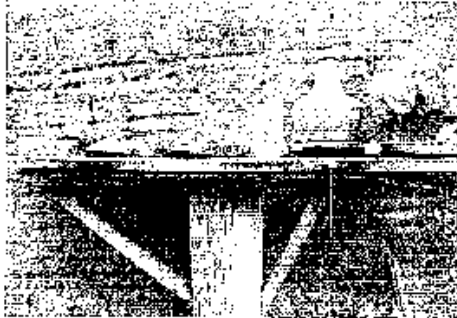


Foto do autor (2008)

O assentamento da foto ao lado é composto de pedras e oferendas de plantas, quartinha, e copo d'água. O povo do Tempo tem como representação Iansã.

Ponto cantado do povo do Tempo

Viva o tempo
 Olha o tempo
 E viva o tempo
 Que o tempo
 mudou
 O povo do tempo
 Viva o tempo

Imagem 10 – Casa de Exu"



Foto do Autor (2008)

Ponto cantado para Exu

Seu tranca rua é uma beleza
 Eu nunca vi um Exu assim
 Seu tranca rua é uma beleza
 Ele é madeira que não dá Cupim

Imagem 11- "Assentamento dos portões"



Foto do Autor (2008)

Nesse assentamento dos portões, vê-se um copo d'água. E Como entidades representativas, conforme essa casa de santo, são: Xangô-Agodô e São Pedro.

Relaciona-se com essas entidades o seguinte ponto cantado:

Um cavaleiro bateu em minha porta
Passa a mão na pomba e vai ver quem é
Ele é São Jorge guerreiro um cavaleiro de
força e fé

Imagem 12 – "Assentamento das almas"

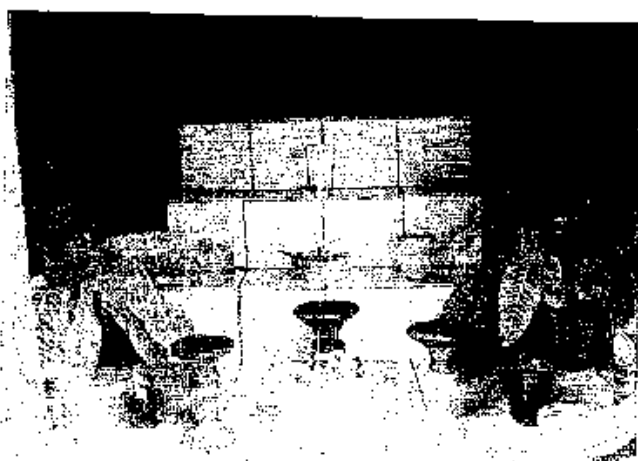


Foto do Autor (2008)

Esse assentamento tem como elemento uma imagem da santa católica, Nossa Senhora do Desterro, e oferenda de plantas e flores variadas, tigela com pipoca. Além disso, percebem-se, na foto, nove copos discriminados desta forma: 1) pirão das almas; 2) Óleo de comida; 3) Copo de vinho; 4) Copo de cachaça; 5) Copo de vinagre; 6) Copo de café (Coffea arabica); 7) Copo de água com mel; 8) Copo de água pura e 9) copo de água de sal.

Para essas entidades tem-se o ponto cantado, enaltecendo as almas e com isso, trazendo coisas boas para a Umbanda. Ei-Ho:

As almas dão para quem sabe aproveitar
salve o povo de Umbanda
saravando esse gongá.

l) Pontos Cantados

É essencial entender que na Umbanda a música tem papel primordial, pois serve à invocação aos orixás e guias, induzindo os médiuns ao transe que facilita a incorporação, servindo como intermediário entre os homens e os deuses.

Azevedo (2008, p. 39)

Pontos cantados são cantigas, entoadas que fazem referências a entidades/divindades ou eventos espirituais.

Acrescenta-se a isso, o que diz Magnani (1991, p. 61): "Ponto cantado: cantiga em homenagem às entidades. - de descida: destina-se a chamar a entidade para se incorporar no médium. - de subida: convite a deixá-lo."

Na Tenda Vovó Cambinda foram registrados os seguintes pontos cantados, os quais, geralmente, trazem os nomes das divindades, das entidades ou simplesmente fazem alusão à situação específica.

São eles:

Pontos cantados para Orixás (divindades)

Pontos de Exu

Seu tranca rua é uma beleza
Eu nunca vi um Exu assim
Seu tranca rua é uma beleza
Ele é madeira que não dá cupim

Quebra a cabaça e semeia a semente
Joga nesse povo que não gosta da gente
Já quebrei torno a quebrar
Joga nesse povo que gosta de mangar

Pontos de Ogum

São Jorge é um grande guerreiro
 Guerreiro de Oxalá, é vencedor de demanda
 Dos filhos desse gongá
 Sua lança e sua espada vieram trazer proteção

São Jorge é um santo guerreiro, combate as forças do mal
 Por estar aqui no terreiro, ele é de ti general
 São Jorge é guerreiro, guerreiro de Umbanda
 São Jorge é guerreiro, é quem manda
 São Jorge é guerreiro, é bom Orixá
 É bom cavaleiro, é do meu gongá.

Pontos de Oxossi

Oxossi está na mata, procurando o quê
 Encontrai os meus caboclos da aldeia de arripembê

Oxossi ele é o rei da mata
 Vem no terreiro, seu ponto vem firmar
 É pai dos brasileiros
 No terreiro ele vem Saravá

Pontos de Oxalá

Oxalá meu pai
 Me atenda essa romaria
 Seus filhos que moram longe meu pai
 Não podem vir todo dia

Ó Zambi com licença do Zambi
 Acredito e tenho fé
 Nosso grande Orixalá
 Ele é o rei do terreiro
 Vamos todos Saravá
 Saravá todas as entidades
 Saravá todos os terreiros
 Saravá todo o povo de Umbanda
 Saravá os curimbeiros

Ponto de Oxum

Eu vi minha mãe Oxum na cachoeira
Sentada na beira do rio
Colhendo lírio
Lírio é, colhendo lírio
Pra enfeitar nosso gongá

Pontos de Xangô

Eu vi meu Xangô
Ele tem chapéu de palha
Xangô desceu a serra
Pra ajudar a vencer batalha

Meu pai São João Batista é Xangô
Dom do meu principio até o fim
Quando me faltar a fé no meu senhor
Derrube sua padreira sobre mim
Subi a serra acompanhando Pai Xangô
No lugar onde ele passa corre água e
nasce flor

Ponto de Nanã buruquê

La vem Nanã
Beirando a praia
Em companhia
De Ogum iara

Ponto de Oxumaré

Aieeô, aieeô minha mãe Oxum
Aieeô, aieeô Oxumaré
Estrela D'alva, estrela divina
É minha mãe Oxum
É minha mãe Oxum que me ilumina

Ponto de Iansã

Santa Bárbara é uma moça bonita
 Ela é dona da seu Jacutã, parrê, parrê, ô
 mamãe
 De arruda segura a pomba que eu quero ver
 Ela vem saravá os seus filhos
 Saravá todo o povo de Umbanda
 Parrê, parrê, ô mamãe de aruanda
 Segura a pomba que eu quero ver

Ponto de Obá

Ó Joana D'Arc guerreira
 Te peço de coração
 Que venha com vrisso soldado
 guerreiro
 Acaba com essas questões
 Ó Joana D'arc guerreira
 Te peço de coração
 Com sua espada sagrada guerreira
 Que está com ela na mão

Ponto de Ossaim

Ossaim é dona das matas
 Vai colher flor no jardim
 Ossaim é dona das folhas
 Vai colher folha para mim

Ponto de Obaluaiê

Obaluaiê oiha seus filhos
 Obaluaiê é a voz que clamo
 Obalulalê oiha nossos cambones

Ponto de Omulu

Meu pai Oxetã é o rei
 Venha me valer
 É o velho Omulu
 Atotô Obaluaiê

Ponto de Iemanjá

Vamos saravá mãe Iemanjá
 Vamos todo mundo jogar flores no mar
 É do mar, é do mar minha sereia
 Papai traça ponto na pedra
 Mamãe risca ponto na areia

Ponto de Ibeji

Cosme e Damião
 Cadê doum
 Cosme e Damião
 Pra nós dois brincar
 Cosme e Damião
 Viajou por água
 Tocando clarinete
 No fundo do mar

Pontos cantados das entidades

Pontos dos pretos velhos

I angolei, i angolei, i angola
 É o pai Josias que chegou pra trabalhar

Olha o congo com o cabocio
 Como brilha o gongá
 Oi chama os pretos velhos
 E vamos trabalhar

Bate a cana na moenda
 Canjerê cadê moinho
 O coltê tava furado
 E a garapa derramou

Preto velho na senzala
 Padeceu, padeceu
 Preto velho não chorava
 Só dizia ai, ai meu Deus

Tia Maria é uma negra africana
Quando baixa no terreiro defende filho de
Umbanda

Na sua urucaia tem quimbombô
Na sua urucaia
Na sua urucaia tem Munguzá
Na sua urucaia
Quem é da Bahia tem seu patuá
Na sua urucaia
Meu senhor do Bonfim já me saravou
Na sua urucaia

Sou da terra do coco
Sou da terra do dendê
Nega veia vó Cambinda
Veio aqui pra te valer

Apanha a laranja no chão tico-tico
Minha toalha é de renda e de bico
Eu não sou daqui eu não sou de lá
Esse povo de Congo pisa no chão devagar

Preto velho quando vem de Angola
Batendo tambor e repicando a viola
Oi viva Deus na Aruanda
Jesus é quem vence demanda

Minha cachimba está no toco
Mandei moleque buscar
No Alto da derrubada
Minha cachimba ficou lá

Pontos dos Baianos

Sou baiana de miçanga
Sou neta de Juremá
Eu vou quebrar o coco
E os pedaços eu vou mostrar
Sou baiana de miçanga
Samba aqui, samba acolá
Eu já quebrei o coco
E os pedaços eu já mostrei

Baiano veio da Bahia
 Ele vem beirando o mar
 Bote a conga no sereno
 Deixa a Conga serenar
 Quem tem baiano pisa
 Eu quero pisar
 Arreia baianada aqui pra trabalhar

Baiano veio da Bahia
 Trouxe azela de dendê
 Quem quiser macumba boa
 Manda baiano bater
 Quem tem baiano pisa
 Eu quero ver pisar
 Arreia baianada aqui pra trabalhar

Ponto de marinheiro

Ó Martin pescador que vida é a sua
 Tomando marafa e sambando na rua
 Ó Martin pescador que pesca em pé
 Ele pesca no mar, no meio da maré

Ponto de Ogum rompe-mato

Oi gira, gira seu girador
 Eu tenho fê que rompe-mato é caçador

Ponto dos calungas das águas

Ó pai calunga deita seu corpo na areia
 Estende a mão e pede força a mãe sereia
 Minha mãe sereia que canta no mar
 Ó pai calunga que chegou pra trabalhar

Ponto de pombagira

Eu caminhava pela alta madrugada
 Eu vi um clarão na mata
 Escutei uma gargalhada
 Linda morena formosa
 Me diga quem você é
 Eu sou dona da rosa
 Pombagira de fé
 Com ordem de congozito
 Não conheceu quem não quer

Ponto cantado para situação específica

Ponto para firmação do terreiro

Cambone afirma seu ponto
 Lá no fundo do gongá
 Ogã firma atabaque
 E mãe de santo canzuá

Eis alguns elementos etnográficos importantes para o conhecimento da Tenda de Umbanda vovó Cambinda, porém vale ainda ter em mente um ditado que circula entre os umbandistas.

A Umbanda tem mironga
 E tem dendê, quem quiser conhecer tem
 muito que aprender.

3. CAPÍTULO III

3.1. ESTUDO DOS VOCÁBULOS BANTU DA TENDA DE UMBANDA VOVÓ CAMBINDA

Neste capítulo serão apresentados os aspectos gerais das línguas bantu, sua estrutura, de maneira sucinta, de modo que se possa examinar o corpus vocabular coletado no Terreiro de Umbanda Vovó Cambinda.

3.1.1. AS LÍNGUAS BANTU: ASPECTOS GERAIS

a) O termo "Bantu"

Com a expressão singular "língua bantu" quer-se referir a uma família de línguas africanas, do equador até o cabo das tormentas, correspondente a aproximadamente 600 línguas. Foi o lingüística alemão Wilhem Bleek quem propôs, em 1862, o termo "bantu" para determinar, para nomear esse conjunto de aproximadamente 600 línguas faladas na África, precisamente, na região centro-sul do continente africano. O termo "bantu" é formado a partir do tema "-ntú" com o prefixo nominal plural de classe 2, "ba", ou seja, bantu < ba- (PN cl.2) + - ntú (tema designando "ser") com o sentido de pessoas. A razão da palavra bantu qualificar esse grupo de 600 línguas está no fato de o tema "-ntú" ser comum a elas.

Amostra de algumas línguas bantu

Esta amostra refere-se a alguns países da África e suas principais línguas. Este quadro baseia-se, com algumas mudanças, no quadro do Prof.º Dr. Jacky Maniacky. (cf. bibliografia).

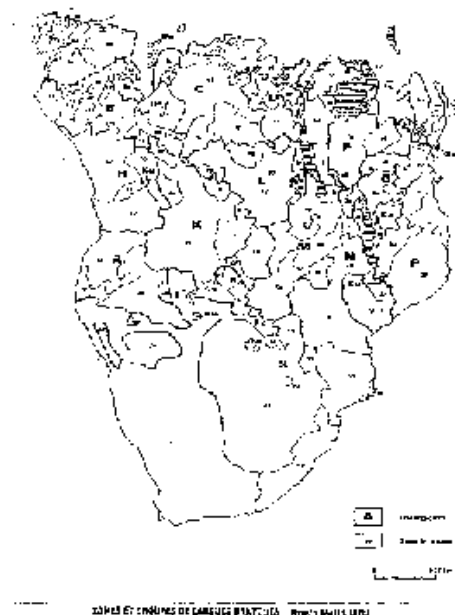
países	Principais línguas
Angola	Umbundu, Kwanyama, Kimbundu, Cokwe, Luvale, Kikongo, Ngangela
Botswana	Setswana, Kalanga
Burundi	Kiswahili
Cameroon	Ewondo, Duala,
Congo-Brazzaville	Munukutuba, Lingala
Congo-Kinshasa	Lingala, Swahili, Kikongo, Fshihaba
Equatorial Guinea	Bubi, Fang,
Gabon	Kota, Mberé, Nzobi, Myenc, Punu, Teke
Kenya	Gikuyu, Luo, Luyia,
Lesotho	Zulu
Malawi	Chichewa, Lomwe, Yao, Ngoni
Mozambique	Lomwe, Makua, Sena, Tsonga
Namibia	Oshiwambo, Herero
Rwanda	Kiswahili
Swaziland	Zulu
Tanzania	Sukuma, Gogo, Haya
Uganda	Luganda, Rumyakitara, Soga
Zambia	Becmba, Nyanja, Tonga
Zimbabwe	Shoua, Ndebele, Manyika, Ndau

todas as cerca de 600 línguas bantu faladas na região centro-sul do continente africano e que a mesma tem sido reconstruída a partir do século XIX.

c) Zonas e grupos de línguas bantu

Foi o linguísta britânico Guthrie que, em 1948, estabeleceu a classificação tipológica em 15 zonas e 78 grupos lingüísticos das cerca de 600 línguas bantu. Essa classificação foi revista em 1978 no Museu de Tervuren (MRAC: Museu Real da África Central), da Bélgica, pelo grupo de pesquisadores desta instituição especialistas em línguas bantu. A revisão mais recente é de Jouni Filip Maho, em 2005.

Veja-se o mapa abaixo



Nesse mapa é possível perceber as 16 zonas delimitadas para as línguas bantu. Essas zonas são agrupadas, tipologicamente, em 5 áreas: área do Noroeste (NW) com 3 zonas A, B, C; área Sudoeste (SW) com 3 zonas H, K, R; área Centro (CE) com 4 zonas D, L, M, N; área Nordeste (NE) com 4 zonas J, E, F, G; área Sudeste (SE) com 2 zonas S, P.

Além disso, as zonas são subdivididas e agrupadas conforme as línguas específicas;

ZONA A (Com 9 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Congo-Brazzaville);

ZONA B (Com 8 Grupos de línguas, faladas nos seguintes países: Gabão, Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa);

ZONA C (Com 9 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Congo – Brazzaville, Congo-Kinshasa);

ZONA D (Com 8 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Congo Kinshasa);

ZONA E (Com 7 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Quênia, Tanzânia);

ZONA F (Com 3 Grupos de línguas faladas em Tanzânia);

ZONA G (Com 6 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Tanzânia, Quênia, Somália, Comoros);

ZONA H (Com 4 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa, Angola);

ZONA J (Com 6 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Congo-Kinshasa, Ruanda, Burundi, Uganda, Quênia, Tanzânia; (zona criada por Tervuren (1978), a partir do desmembramento de algumas línguas das zonas limitrofes)

ZONA K (Com 5 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Congo-Kinshasa, Angola, Zâmbia, Namíbia);

ZONA L (Com 6 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Congo-Kinshasa, Zâmbia);

ZONA M (Com 6 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Congo-Kinshasa, Zâmbia, Zimbábue, Tanzânia);

ZONA N (Com 4 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Zâmbia, Botsuana, Moçambique, Malauí, Tanzânia);

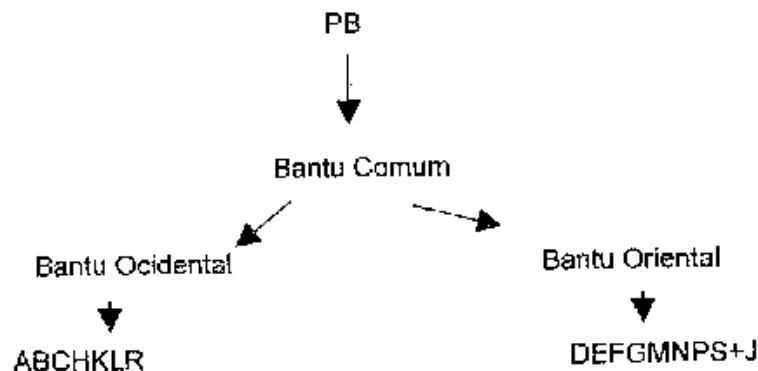
ZONA P (Com 3 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Tanzânia, Moçambique, Malauí);

ZONA R (Com 4 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Angola, Namíbia, Botsuana);

ZONA S (Com 6 Grupos de línguas faladas nos seguintes países: Zimbábue, Botsuana, Moçambique, África do Sul, Suazilândia, Lesoto).

Com relação às zonas, a hipótese de Guthrie é que no proto-bantu teria existido uma fase de bantu comum, esse se dividiu em bantu ocidental e bantu oriental e cada um deu as línguas de zonas lingüísticas:

esquemáticamente: ABCHKLR e DEFGMNPS+J



Estudos existentes mostram que as zonas lingüísticas R, L e M oscilam entre bantu ocidental e bantu oriental, além de formarem um grupo homogêneo.

d) Breve informação histórica

Os primeiros testemunhos escritos sobre as línguas Niger-congo estão em documentos árabes dos séculos X, XI, e XII. Nesses documentos há vocábulos que provavelmente pertençam a essas línguas. Há registro de documentos em português, do século XVI, nos quais se identificaram palavras oriundas da língua Karanga da família bantu.

Existem indícios de que o primeiro livro em língua bantu fora publicado no século XVII por sacerdotes jesuítas, tratava-se de um catecismo português-congo. Há relatos de que uma primeira gramática sobre a língua congo teria surgido por volta do século XVII, seu autor teria sido o missionário italiano Giacinto Brusciotto. (cf. bibliografia. RAMA NÍGER-CONGO)

e) Classificação das línguas níger-congo: breve histórico

Considera-se o século XIX como o início da classificação das línguas Níger-congo. Foi o missionário alemão Sigismund W. Koelle quem primeiro começou a classificar essas línguas através de sua obra POLYGLOTTA AFRICANA no ano de 1854. Nesse trabalho ele propunha a existência de uma relação genética entre elas.

No ano de 1927, o alemão Diedrich Westermann reconheceu a semelhança entre as palavras do grupo lingüístico que ele chamava de sudanês ocidental e as palavras do grupo lingüístico bantu.

Na segunda metade do século XX, em 1963, o lingüista norte-americano Joseph H. Greenberg publica *The Languages of Africa*, fruto de mais de quinze anos de pesquisas e publicações. Nesse trabalho, que integra as publicações anteriores, ele estabelece a origem genética comum entre as línguas sudaneses ocidentais e as línguas bantu, passando a constituir uma família que ele chama de Níger-congo. Essa nomenclatura liga-se aos rios Níger e Congo em cujas bacias situam-se essas línguas.

A família lingüística Níger-congo é a maior família de línguas que existe na África. Isso em função da parte mais ocidental do continente africano, passando pelo leste até o sul. Diz-se que mais de 80% da população africana fala línguas relacionadas com a família Níger-congo; excluindo regiões limítrofes do Saara (línguas Nilo-saarianas), o chifre da África e a África setentrional (línguas Afro-asiáticas). (cf. bibliografia: Doneux e Heine).

f) *Expansão das línguas bantu [Considerações feitas a partir de HUTA-MUKANA. (cf. bibliografia)]

A respeito da localização original da família Níger-congo há algumas especulações sobre a confluência dos rios Níger e Benue. A idéia é de que os povos de grupo benue-congo partiram dessa confluência em direção ao sul e leste do continente africano.

Quanto à origem, assim como à expansão da família lingüística bantu, existem algumas hipóteses. Vejamos.

3.1.2. ASPECTOS SUCINTOS DA ESTRUTURA DAS LÍNGUAS BANTU

Não se tenciona aprofundar-se nas sutilezas estruturais das línguas bantu, porém o que se pretende é apresentar, de forma breve, sucinta, alguns elementos estruturais e tipológicos dessas línguas que dêem embasamento para o exame do corpus vocabular coletado no terreiro Tenda de Umbanda Vovó Cambinda. Sendo assim, vejamos a fonética, a fonologia e a morfologia.

a) Fonética

Para o sistema fonético do proto-bantu foram reconstruídas sete unidades vocálicas que são:

i		u
e		o
ɛ	a	ɔ

Nesse particular, algumas línguas bantu mantiveram esse número de vogais, outras reduziram para cinco essas vogais. O primeiro caso pode-se observar em algumas línguas da zona A; no segundo, na zona L.

Foram reconstruídas para o proto-bantu doze consoantes, que são as seguintes :

Oclusivas	p t c k
	b d j g

Nasais	m n ŋ
--------	-------

No que tange aos complexos nasais, no proto-bantu foram reconstruídas oito unidades, relacionadas abaixo. (as pré-nasais são homorgânicas)

"p	"t	"c	"k
"b	"d	"j	"g

Esses três elementos fonéticos estruturais, isto é, o sistema vocálico, o sistema consonântico e os complexos nasais mantiveram-se nas línguas bantu atuais, de uma forma ou de outra.

b) Fonologia-tonologia

Quanto aos fonemas tonais, elementos fonológicos distintivos, as línguas bantu, de um modo geral, conhecem dois tons de base: Tom alto representado pelo sinal (´) e o tom baixo representado pelo sinal (`), porém a conjugação desses tons resulta em dois tons complexos: tom ascendente representando pelo sinal (ˇ) e tom descendente representado pelo sinal (^).

c) Morfologia

Morfologicamente, e de um ponto de vista genérico, os lexemas das línguas bantu se estruturam em tema e sistema de classificadores. Além desses dois componentes, algumas línguas bantu apresentam um terceiro elemento denominado aumento que consiste num elemento morfológico, hoje sem significado próprio, precedendo o prefixo nominal e com uma forma de duplicação parcial do prefixo.

Base temática: Um vocábulo (substantivo), numa língua bantu, tem uma estrutura temática básica do tipo \boxed{cvcv} onde *c* significa consoante e *v* vogal.

Esse tema pode ser simples ou derivado.

Sistema de classificadores: Entende-se por classe, em lingüística africanista, um grupo de três prefixos PN, PP e PV, respectivamente : o prefixo nominal (**bantu**), que determina a concordância, o prefixo pronominal (dependente, que serve para formar os possessivos, demonstrativos, etc) e prefixo verbal (dependente também, marcando a concordância entre o sintagma nominal sujeito e o verbo). Além desses três, existe um quarto classificador, denominado infix, por aparecer, necessariamente, imediatamente antes da base verbal (i.e. depois do PV e do morfema TMA) – em concordância com o complemento objeto direto do verbo.

TABELA DOS CLASSIFICADORES PROTO-BANTU

CL.	Acento	PN	PP	PV			IN		
				I	II	III	I	II	III
1	*dʔo #	*mo	*bʔo	*n	*o	*ú, *á	*a	*ko	*mo
2	*bá #	*ba	*bá	*n	*mo	*bá	*tʔ	*mʔ	*bá
3	*gú #	*mo	*gú			*gú			*gú
4	*gí #	*mi	*gí			*gí			*gí
5	*dí #	*di	*dí			*dí			*dí
6	*gá #	*ma	*gá			*gá			*gá
7	*kí #	*ki	*kí			*kí			*kí
8	*bí #	*bi	*bí			*bí			*bí
9	*dʔí #	*n	*dʔí			*dʔí			*dʔí
10	*dʔí #	*n	*dʔí			*dʔí			*dʔí
11	*dó #	*du	*dó			*dó			*dó
12	*ká #	*ka	*ká			*ká			*ká
13	*tʔ #	*tu	*tʔ			*tʔ			*tʔ
14	*bó #	*bu	*bó			*bó			*bó
15	*kú #	*ku	*kú			*kú			*kú
16	*pá #	*pa	*pá			*pá			*pá
17	*kú #	*ku	*kú			*kú			*kú
18	*mó #	*mu	*mó			*mó			*mó
19	*pí #	*pi	*pí			*pí			*pí

Como consta no quadro acima, o lexema proto-bantu se distribui em dezoito classes. Esse número não se manteve em todas as línguas bantu atuais.

Crítérios para orientação do trabalho

Para que se processasse, de forma adequada, este estudo, fez-se necessário estabelecer três critérios: as semelhanças, uma língua bantu, os bantuísmos brasileiros.

1) Critério da Semelhança

O critério da semelhança lexical entre vocábulos do PVB (português vernacular brasileiro) e vocábulos de uma ou outra língua bantu, consistindo esse critério em tomar como referencial alguns aspectos da morfologia, da fonética e da semântica.

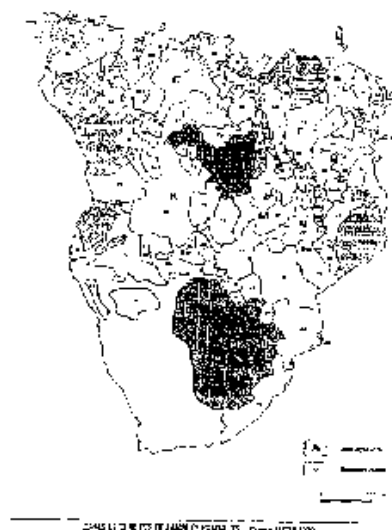
2) Critério de uma língua bantu

Uma língua bantu. Usou-se esse critério com o seguinte objetivo: se em apenas uma língua bantu existir um termo similar (na morfologia e na semântica) com um dos 80 vocábulos do corpus, isso já mostra que este lexema bantu pode ter sido a matriz do lexema do PVB. Foram consultados dicionários e léxicos de 17 línguas das zonas H, R, K, L, S, N, P, J, E. (cf. bibliografia).

Esta seleção levou em consideração as zonas lingüísticas e as regiões geolingüísticas de procedência mais provável das vítimas do tráfico que tinha por destino o Brasil, sendo que as zonas H, R, K e L pertencem ao tráfico atlântico (porto de embarque: Luanda), enquanto que as vítimas do tráfico oriundas das zonas S, N, P, J e E tiveram por porto de embarque Quíloa e Quelimane, seguindo para o Brasil via o Cabo das Tormentas. A escolha das línguas específicas resultou de uma consulta aleatória em função dos dicionários bantu disponíveis.

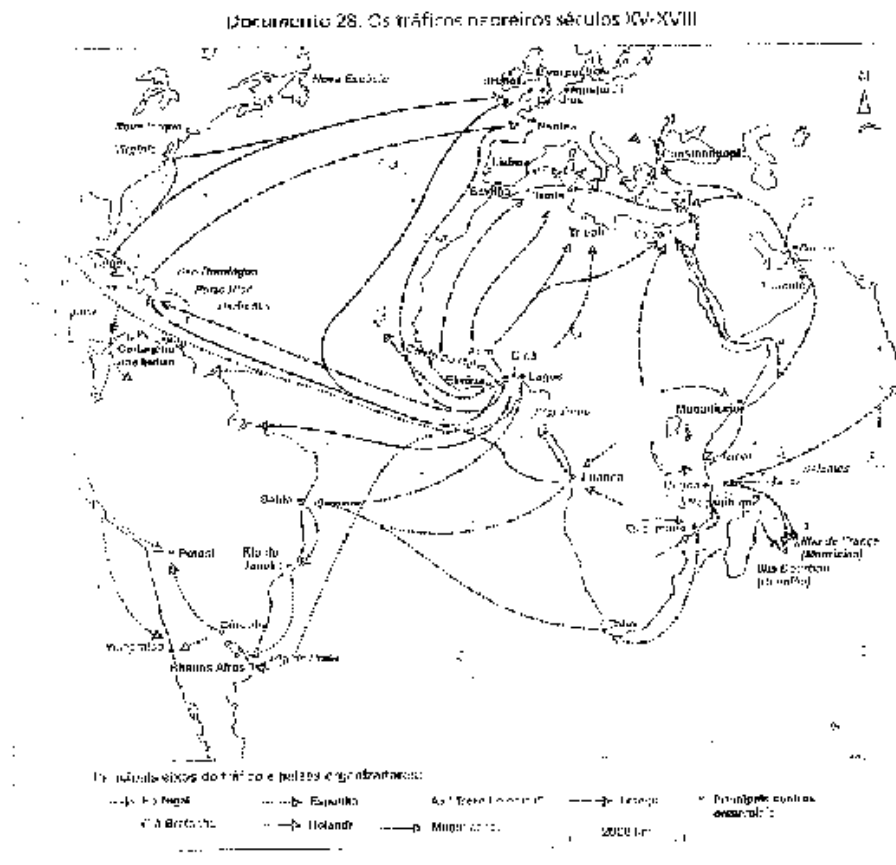
Confira mapas abaixo.

Mapa A - zonas lingüísticas a partir das quais foram selecionadas as línguas bantu. De acordo com as cores, as zonas lingüísticas são respectivamente: vermelha (H), verde (R), amarela (K), roxo (L), azul (S), laranja (N), rosa (P), marrom (J), cinza (E).



Mapa B - regiões geolingüísticas de procedência mais provável das vítimas do tráfico que tinha por destino o Brasil. A vinda, para o Brasil, dos negros africanos

capturados como escravizados era penosa e demorada conforme diz Mendes (2004, p.34): "(...) Esta jornada trabalhosa, e cruel, dura pelo espaço de 1 a 6, 7 e 8 meses (...)".



3) Critério dos bantuísmos brasileiros

Os bantuísmos brasileiros. Levou-se em consideração, para análise dos vocábulos não encontrados nas línguas bantu acima referidas, os bantuísmos brasileiros compilados pelos linguistas brasileiros professores Jean-Pierre e Geraldine Angenot. (cf. bibliografia)

O CORPUS

O corpus obtido para esse trabalho foi organizado a partir de coleta no terreiro Tenda de Umbanda Vovó Cambinda, sendo a informante principal a mãe de santo Maria Costa. Foram levantados 31 vocábulos nos pontos cantados, e 49 foram obtidos através de conversas informais.

Optou-se por uma forma de apresentação do corpus em ordem alfabética.

- | | | |
|--------------|----------------|---------------|
| 1. Alá | 26. Catimbó | 51. Mironga |
| 2. Aluá | 27. Catular | 52. Muafa |
| 3. Amaci | 28. Conga | 53. Muamba |
| 4. Andu | 29. Congo | 54. Mucui |
| 5. Angola | 30. Curimba | 55. Muleque |
| 6. Angu | 31. Dandá | 56. Munguzá |
| 7. Aruanda | 32. Dendê | 57. Muringa |
| 8. Baba | 33. Farofa | 58. Pemba |
| 9. Binga | 34. Fubá | 59. Pombagira |
| 10. Birita | 35. Fundanga | 60. Quenga |
| 11. Bolar | 36. Ganzá | 61. Quiabo |
| 12. Bozó | 37. Garapa | 62. Quimbanda |
| 13. Cabaça | 38. Gira | 63. Quimbombô |
| 14. Caborge | 39. Gongá | 64. Quitanda |
| 15. Cacimba | 40. Ingorossi | 65. Quiumba |
| 16. Cachimbo | 41. Jiló | 66. Quizila |
| 17. Cafinfa | 42. Jinjibirra | 67. Quizumba |
| 18. Calundu | 43. Macaca | 68. Samba |
| 19. Calunga | 44. Macumba | 69. Senzala |
| 20. Cambinda | 45. Maionga | 70. Tata |
| 21. Cambone | 46. Mandraca | 71. Tempo |
| 22. Canjerê | 47. Mangar | 72. Tutu |
| 23. Canjica | 48. Marafo | 73. Umbanda |
| 24. Canzuá | 49. Maxixe | 74. Urucaia |
| 25. Cariru | 50. miçanga | 75. Urucubaca |

- 76 . Urupemba
- 77. Xinxim
- 78. Zambi
- 79 . Zimbo
- 80. Zumbi

Os termos aqui expostos consistem apenas de substantivos, isto é, de palavras com estrutura composta ora de prefixo e tema ora de apenas tema, o que corresponde a uma forma estrutural temática bantu do tipo *cvcv*.

Além disso, considere-se as seguintes abreviações : Kik. H16 (Kikongo H16), Kim. H21 (Kimbundo H21), Laa.H16f (Laadi H16f); Umb. R11(Umbundo R11) ; Cok. K11 (Cokwe K11), Gim.K51(Gimbaia K51); Cil. L31(Cituba L31), Pen.L11(Pende L11) ; Xir.S54(Xironga S54); Kin. J42 (Kinande J42); Run. J62(Rundi J62); Tai.E74a(Taita E74a); TUVG (Tenda de Umbanda Vovó Cambinda); GBB (*Glossário de Bantuísmos Brasileiros*, Angenot e Angenot).

Os 80 vocábulos são apresentados em um único quadro, o que permite uma comparação no sentido de mostrar que para uma parte desses lexemas (49) encontramos similares nas línguas bantu consultadas, sendo que todos eles constam do GBB.

A primeira coluna apresenta em ordem alfabética os vocábulos coletados na TUVG, com o sentido que eles tem para a comunidade do terreiro.

A segunda coluna propõe uma transcrição fonética desses vocábulos dentro da variedade de PVB (Português Vernacular Brasileiro) falada nessa mesma comunidade.

A terceira coluna indica a estrutura morfológica dos eventuais vocábulos similares encontrados na(s) língua(s) bantu elencadas acima.

A última coluna apresenta os eventuais vocábulos similares e a(s) língua(s) dentro das quais eles foram levantados com o(s) seu(s) significado(s), assim como o(s) sentido(s) elencado(s) pelo GBB para os vocábulos não encontrados em nenhuma das línguas bantu consultadas.

Vocábulos da T.U.V.C.	Transcrição fonética em PVB	Estrutura morfológica na(s) língua(s) bantu	Vocábulos bantu/língua(s) bantu/sentido e GBB
Alá – pano para cobrir o santo, para cintura, para as costas.	a'la	-----	Alá – pálio sobre o qual caminham os sacerdotes - GBB
Aluá – bebida de entidade da Umbanda	alu ^{kw} a	A.lua	Ualua (Kim.H21) – garapa, espécie de cerveja.
Amaci – líquido preparado na Umbanda e usado como banho.	ama'si	A + ma - si Aumento PN tema cl.8	Amazi (rundi J62) Maci (taita E74a) - água

Andu – tipo de feijão usado em trabalhos de Umbanda.	ã ^h du		Andu – fruto do anduzeiro, leguminosa, espécie de lentilha - GBB
Angola – lugar da África	ã ^h galm	a-ŋgo'la	Angola (Kik.H16) – d'angola. Do nome da família reinante ngola.
Angu – comida de entidade	ã ^h qu		Angu – massa feita de farinha de milho, arroz ou mandioca - GBB
Aruanda - céu	a ^h r'ã ^h de	a.ru.anda	Luanda (Kim.H21) – quer dizer tributo, porque nestas praias se pagava o zimbo ao rei do Congo.
Baba – mãe de santo, pai de santo	'baba	Ba.ba (cvcv)	Uaba (xironga S54) – pai Baba (diuba L31) – mãe
Binga - isqueiro	'bi'ŋe	Bi.ŋga (cvcv)	Mbinga (Kim.H21) – chifre, corno. Birta – cachaça - GBB
Birta – uma bebida	bi'ritr		
Bolar – fazer feito de santo	bo'la		Bolar – entrar em transe, incorporar entidade
Bozô – feitiço	bo'zo		Bozô – feitiço - GBB
Cabaça – utensílios usado em ritual	ka basr	Ka - baça PN tema cl.12 cvcv	Kabasa (Kim.H21) – 2 ^o do gêmeos, assaz, bastante.
Caborge - feitiço	ka'boxr		Caborge – feitiço, bruxaria - GBB
Cacimba – poço de nenã buruquê, uma divindade	ka'ã ^h 'be	Ka - cimba PN tema cvcv	Kixima (Kim.H21) – poço, sistema.
Cachimbo – fumaça, fumo	ka'ji'bu		Cachimbo – tubo de fumar, tubo para fumar terminado numa espécie de concha - GBB
Cafinfa – uma coisa na cabeça, um pensamento fixo, mal-estar	ka'fi'te		Cafinfa – mal-estar - GBB
Calundu – amuo, mau-humor	kalu ^h 'du	Ka - lundu PN tema cl.12 cvcv	Kilundu (Kim.H21) – ente que dirige os destinos, talismã, feitiço.
Calunga – entidade, divindade, chefe das águas.	ka'lu'ŋe	Ka - lunga PN tema cl. 12	Kalunga (Kim.H21) – ser supremo. Kalunga (Kik.H16) – mar Kalunga (Umb.R11) – deus, rei, senhor, morte além-túmulo.
Cambinda – entidade preta velha que dá	ka ^h mbi ^h 'de	Ka - mbinda PN tema	Cambinda antiga nação africana no

nome ao terreiro estudado		cl.12 cvcv	Brasil, palavra que aparece frequentemente em cânticos folclóricos - GBB
Cambone – auxiliar na sessões de Umbanda	kã ^m bont	Ka - mbone PN tema cl.12 cvcv	Kambondo (kim.H21) – diminutivo de mbondo (baoba) Kambundu (kim.H21) – diminutivo de mbundu (grão bago, semente).
Canjerê – danças dos pretos velhos	kã ^z je ^{re}	-----	- Canjerê – dança - GBB
Canjica – comida de santo	kã ^z jike	Ka - njica PN tema	Kanjika (kim.H21) – guisado de feijão-milho.
Canzua – casa de Umbanda, terreiro, barracão, tenda	kã ^z ua	Ka - nzua PN tema cl.12	Nzo – casa Kanzo – casinha Inzo – casa, morada, habitação (kim.H21)
Cariru – comida de santo: Cosme e Damião	kariru	Ca.riru	Cariru – iguaria feita a base de quabo cortado, temperado com camarões secos, dendê, cebola e pimenta. - GBB
Catimbo – baixo espiritismo, coisa ruim.	katimbo	-----	Catimbo – prática de feitiçaria, baixo espiritismo - GBB
Catular - raspar	katula	Ca.bu.la	Katula (kim.H21) – tirar Katula (kik.18) - remover
Conga – palavra recolhida de um ponto cantado, porém sem um sentido definido	'kõ ^g u	Co - nga (cvcv)	- Konga (kim.H21) – pulseira, vara para tirar frutas. Konga (kik.H18) – recolher os frutos, montão, pilha.
Congo – nome de lugar, dança religiosa	'kõ ^g u	'kõ ^g u	Kongo (kik.H21) – nome de um país, de uma vila, de um povo.
Curimba - dança	ku ^r i ^m ba	Ku - rimba PN tema cvcv	Kuimba (kim.H21) - cantar
Dandá – planta usada em trabalhos de Umbanda	da ^d da	-----	Dandá – planta ciperácea e aromática que serve para perfumar e tem propriedades medicinais - GBB
Dendê – Óleo da palmeira dendê usado na Umbanda	de ^d de	Da.nde (cvcv)	Ndende (Kim.H21) – fruto da palmeira que dá óleo.
Farofa – alimento de entidade.	fa ^r ofa	Fa – rofa PN tema cl.?	Falofa (Kim.H21) – comida feita de farinha, vinagre, azeite.
Fuba – alimento de entidade da Umbanda	fu ^b a	Fu.ba (cvcv)	Fuba (Kim.H21) – farinha, fécula de mandioca. Fuuba (Gim.K51) –

				farinha de mandioca, farinha.
	Fundanga - pólvora	fũ'dã'ya	Fu - ndanga PN tema cl.11	Fundanga (Kim.H21) - pólvora. Fundanga (Kik.H16) - pólvora. Fundanga (Umb.R11) - pólvora.
	Ganzá - instrumento de percussão usado na Umbanda	gã'za	Ganza (cvcv)	Nganza (kim.H21) - cabaca.
	Garapa - líquido de beber, sumo da cana, suco	ga'rapu	-----	. Garapa - caldo da cana, bebida refrigerante de mel ou de açúcar com água - GBB
	Gira - sessão de Umbanda	'zira	Gira (cvcv)	Njila (Kim.H21) - caminho, via. Jila (Cok.K11) - caminho Njila (Cil.L31) - caminho.
	Gongá - altar	gõ'qa	Gn.nga (cvcv)	Ngonga (Kim.H21) - cesto Ngonge (Kim.H21) - ordem, série, conjunto Ngongi (Kim.H21) - junta, juntura.
	Ingorossi - reza	'p'gorosi	Ingo.ro.ssi	Ingorossi - reza da noção angola - GBB.
	Jilo - alimento de santo	zi'la	Ji - lo (cvcv)	Njilu (kim.H21) - planta comestível
	Jinjibirra - planta usado em trabalhos de Umbanda.	zi'zi'hixu	Ji.nji.bi.ra	Jinjibirra - bebida fermentada em cuja composição entram frutas, gengibre, açúcar, etc - GBB.
	Macaca - chicote, estar com coisa ruim.	ma'kake	Ma - Kaks PN tema cl.?	Makaaka (Kik.H16) - crueldade, coragem de importunar, incomodar, arruinar, causar morte.
	Macumba - fazer pomba, fazer trabalho de Umbanda.	ma'ki'mbe	Ma - cumba PN tema cl.? cvcv	1)makumba (plural de rikumba - fechadura, cadeado) 2)makumba (plural de rikumba - trago de bebida, gole, sorvo) OBS: Ambos os termos atestados em kim.H21. 3)makumba (fechadura, cadeado) 4)makumbwa (prodígio, acontecimento maravilhosos) OBS. Ambos os termos atestados em kik.H16
	Maionga - tipo de banho ritualístico.	ma'jó'ga	Ma - ionga PN tema cl.6	Mayungu (Kik.H16) - banho.

Mandraca - feitiço	mã ^h draɓɛ		Mandraca – bruxaria – GBB.
Mangar – zombar, caçoar.	mã ^h ga	Ma.nga (cvcv)	Manga (Kik.H16) – gabar-se de coisas recebidas, afrontar, insultar os outros.
Marafó – cachaça.	ma ^h rafó	Ma – rafó PN tema cl.6	Marafó (Kim.H21) – vinho de palma. álcool, vinho.
Maxixe – alimento de entidade da Umbanda.	ma ^h xi:xi	Ma – xixe PN tema cl.6	Maxixi (plural de rixixi) (Kim.H21) – planta cucurbitácea. Cucumis africanus.
Miçanga – contas de vidro coloridas para enfeites.	mi ^h sã ^h ga	Mi – sanga PN tema cl.4	Misanga (Kim.H21) – contas de enfeitar.
Mironga – segredo, mistério.	mi ^h rõ ^h ga	Mi – ronga PN tema cl.4	Mironga (plural de mulonga) (Kim.H21) – palavra, mistério.
Muafa – estar com "coisa"	m ^h afa	Mua.fa	Muafa – coisa sem valor – GBB.
Muamba – apetrechos de entidades.	m ^h ã ^h ba	Mua.mba	Muamba (Kim.H21) – molho feito de fruta da palmeira. Muamba (Kim.H21) – carreto, carga. "Certo arranjo de paus ou das folhas das palmeiras, engradadas que servem de cestos em que os pretos carregam em viagem". (Dr. Saturnino).
Mucuyi – uma forma de pedir a bênção.	muku:ji	Mu.cu.i	Mukuyu (Kik.H16) – alma do outro mundo. espectro, espírito.
Muleque – menino, rapazote, criança, garoto.	mu ^h leki	Mu – leque PN tema cl.1	Muleeke (Kik.H16) – menino, criança, rapaz, irmão mais novo.
Munguzá – comida de santo.	mũ ^h yu:za	Mu.ngu.za	Mukunza (Kim.H21) – milho cozido..
Muringa – vaso, quartinha para água das entidades.	mu ^h ri ^h ga	Mu – ringa PN tema cl.3	Mudingi (Kim.H21) – vaso, cântaro.
Pemba – espécie de giz branco para riscar ponto.	pẽ ^h ba	Pa.mba (cvcv)	Mpemba (Kik.H16) – caulim branco, sinal de inocência, de bênção, de paz. Pemba (Kim.H21) – argila branca.
Pombagira – entidade feminina da Umbanda	põ ^h ba ^h zi:ra	Po.mba.gi.ra	Pambuaxijila (Kim.H21) – encruzilhada
Quenga – objeto côncavo, cuia, vasilha usada na Umbanda.	kẽ ^h ga	Que.nga (cvcv)	Kienga (Kim.H21) – tacho.
Quiabo – ingrediente de comida de santo	kɛ ^h abi		Quiabo – fruto do quiabeiro, muito usado em cozinha cerimonial

				afro-brasileira.
Quimbanda – um outro ramo da Umbanda, um pólo da Umbanda.	ki ^m bãnda	Ki – mbanda PN tema cl.7		Kimbanda (Kim.H21) – curandeiro, médico, armadilha
Quimbombô - quiabo	ki ^m bô ^m bo			Quimbombô – quiabo - GBB.
Quitanda – espaço, lugar de santo no terreiro de Umbanda	ki ^m tãnda	Ki – tãnda PN tema cl.7		Kitãnda (Kim.H21) – largo, praça, estrada, esteira
Quiumba – espírito ruim, do mal.	ki ^m u ^m ba	Ki.u.mba		Kiniumba (Kik.H16) e Kinyumba (Kik.H16) – espírito do mal, diabo, demônio, fantasia.
Quizila – impedimento religioso, mal estar		Ki – Zila PN tema cl.7		Kizila (Kik.H16) – tabu, interdição ritual (de alimento, de vestuário...)
Quizumba – batuque, feitiço	ki ^m zi ^m ba	Ki – zumba PN tema cl.7		Kizumba (Kim.H21) – brincadeira, divertimento, dança
Samba – cerimônia de Umbanda, gira	sa ^m ba	Sa.mba (cvcv)		Samba (Kim.H21) – rezar, dançar. Saamba (Gim.K51) – invocar os ancestrais. Samba (Pen.L11) – orar, rezar.
Senzala – lugar de escravos	se ⁿ za la	Se.nza la		Senzala (Kim.H21) – povoação, povoado. Sanzala (Kik.H16) – campo de trabalhadores, abrigo, na cidade, para os carregadores.
Tata – pai (tratamento respeitoso a um pai de santo)	tata	Ta.ta (cvcv)		Tata (Cok.K11) – pai Tata (Laa.H16f) – pai. Pessoa respeitosa. Tata (Kin.J42) - pai
Tempo – divindade dos ventos	ti ^m pu	Te.mpo (cvcv)		Kitembu (Kim.H21) – vento. Kitembo (Kik.H16) – vento violento, rajada de vento.
Tutu – alimento de preto velho	tu ^t u	Tu.tu (cvcv)		Kitutu (Kim.H21) – farto, fartura, que tem indigestão, papão
Umbanda – nome de uma religião afro-brasileira	ũ ^m bãnda	U – mbanda PN tema cl.14		Umbanda (Kim.H21) – medicina popular, ofício de curandeiro. Umbanda (Umb.R11) – feitiço, encantamento, fascinação, dar forças mágicas a, talismã, amuleto.
Urucaia -- palavra recolhida de um ponto cantado	uru ^k aja			Urucaia – oração - GBB
Urucubaca – coisa feita	uru ^k ubaka			Urucubaca – má sorte,

	Urupemba – objeto para se jogar búzios	uru'pẽ'ẽn	U -ru – pemba aumento – PN - tema	azar – GBB Lupemba (Cil.L31) – o caulim, a terra branca. Lupemba (Kik.H16) – brancura, esbranquiçado
	Xinxim – comida de entidade da Umbanda	xi'xi		Xinxim – guisado de galinha – GBB
	Zambi - deus	zã'mbi	Za.mbi (cvcv)	Nzambi (Kim.H21) – deus Nzambi (Kik.H16) – deus Zambi (Cok.K11)
	Zimbo - dinheiro	zi'mbu	Zi.mbo (cvcv)	Nzimbu (Kik.H16) – dinheiro, moeda.
	Zumbi – espírito de animal	zi'mbi	Zu.mbi (cvcv)	.Nzumbi (Kim.H21) – espírito, alma de morto.

3.1.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os três critérios acima mencionados, podemos analisar o quadro e, por comparação, verificar os seguintes pontos no que diz respeito aos 80 vocábulos :

1) quanto à fonética

a) Semelhança entre alguns termos da TUVG e os vocábulos encontrados nas línguas bantu mencionadas no quadro.

Exemplos n.ºs 78 e 79 do quadro.

78	Zambi - deus	zã'mbi	Za.mbi (cvcv)	Nzambi (Kim.H21) – deus Nzambi (Kik.H16) – deus Zambi (Cok.K11)
79	Zumbi – espírito de animal	zi'mbi	Zu.mbi (cvcv)	.Nzumbi (Kim.H21) – espírito, alma de morto.

b) identidade entre alguns termos da TUVG e os vocábulos do GBB.

Exemplos n.ºs 74 e 77 do quadro.

74	Urucala – palavra recolhida de um ponto cantado	uru'kaje	-----	.Urucala – oração - GBB
----	---	----------	-------	----------------------------

77	Xinxim – comida de entidade da Umbanda	ʃiˈɕi	-----	Xinxim – guisado de galinha – GBB.
----	--	-------	-------	------------------------------------

2) quanto à morfologia

a) identidade entre alguns termos da TUVC e os vocábulos do GBB.

Exemplos n.ºs 26 e 31 do quadro.

26	Catimbó – baixo espiritismo, coisa ruim.	kaʃiˈmbo	-----	Catimbó – prática de felicitá-la, baixo espiritismo - GBB
----	--	----------	-------	---

31	Dandá – planta usada em trabalhos de Umbanda	daˈda	-----	Dandá – planta ciperácea e aromática que serve para perfumar e tem propriedades medicinais - GBB
----	--	-------	-------	--

b) possíveis metaplasmos (alteração vocabular) entre alguns termos da TUVC e os vocábulos encontrados nas línguas bantu consultadas.

Assim, no n.º 72 do quadro:

72	Tutu – alimento de preto velho	tuˈtu	Tu.tu (cvcv)	Kitutu (Kim.H21) – farto, fartura, que tem indigestão, papão
----	--------------------------------	-------	--------------	--

entre o termo Tutu (da TUVC) e o vocábulo Kitutu (Kim.H21), se é que tutu provém de kitutu, houve aférese do prefixo nominal Ki-

No n.º 54 do quadro:

54	Mucuyi – uma forma de pedir a bênção.	muˈkuji	Mu.cu.i	Mukuyu (Kik.H16) – alma do outro mundo, espectro, espírito.
----	---------------------------------------	---------	---------	--

entre o termo Mucuyi (da TUVC) e o vocábulo Mukuyu (Kik.H16), se é que existe relação de origem entre elas, houve troca de u por i.

Da mesma forma, no n.º 60 do quadro:

60	Quenga – objeto côncavo, caba, vasilha usada na Umbanda.	ˈkɛŋgɔ	Que.nga (cvcv)	.Kienga (Kim.H21) – tacho.
----	--	--------	----------------	----------------------------

entre o termo quenga (da TUV) e o vocábulo Kienga (Kim.H21) teria havido síncope de i.

3) quanto à semântica

a) semelhança, aproximação e conotação de sentido entre os termos da TUV e os vocábulos bantu presentes no quadro.

No n.º 70 do quadro:

70	Tata – pai (tratamento respeitoso a um pai de santo)	'tate	Ta.ta (cvcv)	Tata (Cok.K11) – pai Tata (Laa.H16f) – pai. Pessoa respeitosa. Tata (Kin.J42) - pai
----	---	-------	--------------	--

entre o termo Tata (da TUV) e o vocábulo Tata (Cok.K11) há identidade de sentido.

No n.º 80 do quadro:

80	Zumbi – espírito de animal	zũ'bi	Zu.mbi (cvcv)	Nzumbi (Kim.H21) – espírito, alma de morto.
----	----------------------------	-------	---------------	--

entre o termo Zumbi (da TUV) e o vocábulo Nzumbi (Kim.H21) há semelhança de sentido.

b) identidade, semelhança, aproximação e conotação de sentido entre os termos da TUV e o vocábulos do GBB.

No n.º 46 do quadro:

46	Mandraca - feitiço	mã ^h 'drake		Mandraca – bruxaria – GBB.
----	--------------------	------------------------	--	----------------------------

entre o termo Mandraca (da TUV) e o vocábulo Mandraca (do GBB), há semelhança de sentido (feitiço ≠ bruxaria).

Esses três itens acima exemplificados, e muito outros exemplos podem ser encontrados no quadro acima, já mostram que algumas palavras são, de fato, aparentadas com outras tantas nas línguas bantu examinadas e também confirmam que algumas delas são bantuísmos em virtude de elas terem sido comparadas com as presentes no GBB, o que comprova, com esses mesmos exemplos, a grande

probabilidade de parentesco entre os 80 vocábulos coletados na casa de Umbanda estudada e os vocábulos das línguas bantu apresentados neste trabalho.

É possível, a partir da observação desse quadro, apontar, no sentido de deixar em aberto, para a possibilidade de identificação de resquícios de algumas estruturas morfológicas bantu perdidas ou conservadas na incorporação nos vocábulos portugueses da TUVU. Assim, por exemplo, no nº. 3 do quadro:

3	Amaci – líquido preparado na Umbanda e usado como banho.	ama'si	A + ma - si Aumento PN tema cl.6	Amazi (rundi J62) Maci (taita E74a) - água
---	--	--------	--	---

Constata-se a presença de aumento (um elemento da estrutura morfológica bantu).

Pode-se, dessa forma, concluir que os 80 vocábulos recolhidos no terreiro Tenda de Umbanda Vovó Cambinda têm grande probabilidade de serem parentescos com termos bantu, isto é, semelhantes a termos da família lingüística bantu. É relevante também dizer que esse estudo não é uma conclusão definitiva, acabada, mas, muito pelo contrário, é um trabalho aberto que sinaliza para outras possibilidades, outras pesquisas que possam sanar possíveis equívocos.

Além disso, nessa pesquisa, em se tratando de um estudo etnolinguístico, fica patente a relação interna entre a língua de um determinado grupo social e sua cultura, expressa em traços de tradição, hábitos, usos e costumes.

Por fim, apóiam esta consideração final os parâmetros relacionados com os seguintes pontos: a) a conservação de muitas palavras provavelmente de cunho bantu por parte da Umbanda, b) o fato dessas palavras estarem com grande probabilidade de desaparecerem na comunidade religiosa na qual foi realizada esta pesquisa, c) a inexistência de estudo que comprovem o parentesco lingüístico entre os termos aqui estudados e os vocábulos bantu.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de e FILHO, Walter Fraga. *Uma História do Negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares. 2006.
- ALVES, Albino. *Dicionário etimológico bundo-português*. Lisboa: s.ed., 1951.
- ANGENOT, Jean-Pierre e ANGENOT, Geralda de Lima. *Glossário dos Bantuísmos brasileiros*. Guajará-Mirim: caderno de ciências de linguagem. Publicação on line. 2007.
- ANGENOT, Jean-Pierre. *Cognato e Étimo não são Sinônimos: um equívoco da tradição comparativista dos bantuístas no Brasil*. 2007.
- ARAÚJO, Wilma Inês de França e TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues. *Elementos para o Estudo dos Cultos de matrizes africanas em Porto Velho*. s.l., s.ed., 2006.
- AZEVEDO, Janaina. *Tudo que você precisa saber sobre Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008, v1.
- BAMGBOSE, Ayo. *A Grammar of Yoruba*. London: Cambridge University Press. 1966.

- BARBOSA, Adriano. *Dicionário Coíwe-português*. Coimbra: Centro de Estudos africanos, 1985.
- BARCELLOS, Mário César. *Jamberesu: as cantigas de Angola*. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.
- BARROS, Elizabete Umbelino de. *Traços do Kimbundu numa casa de candomblé Angola*. 155 p. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2000.
- —————. *Linguas e linguagens nos candomblés de nação angola*. 288 p. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2007.
- BARROS, José Flávio Pessoa de (et alli). *A galinha d'angola: Iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- _____, *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BENISTE, José. *Órun-Àiyè: o encontro de dois mundos, o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a terra*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil , 2004.
- _____, *As Águas de Oxalá : (áwon omi ósálá)*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2003.
- BENTLEY, W. Holman. *Dictionary and grammar of the Kongo language*. Londres: Baptist Missionary Society, 1887.
- BORZACOV, Yêdda Maria Pinheiro. *O Folclore de Rondônia*. Compêndio de História e Cultura de Rondônia. Porto Velho, V 3, p. 95-110, 1993.
- BRAGA, Júlio. *Candomblé: tradição e mudança*. Salvador: P555, edições, 2006.
- _____, *Fuxico de Candomblé*. Ferreira de Santana: UEFS, 1988.
- CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1977.
- CARDOSO, F. H. *Capitalismo e Escravidão no Brasil meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Salvador: s. l., Edições de Ouro. s.d.
- CARVALHO, José Jorge de. *Cantos sagrados do Xangô de Recife*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. *Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: FFLCHLUSP, CER, 1987.
- _____, *Caboclo e pretos-velhos da Umbanda*. In: Prandi, Reginaldo. *Encantaria brasileira : o livro dos Mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro : Pallas, 2001.
- COSTA, José Rodrigues da. *Candomblé de Angola: nação Kassanje*. Rio de Janeiro: Palhas, 1996.

- CHICO de Ogum. *Dicionário de Umbanda: vocabulário de Magia*. São Paulo: Confronto, 1995.
- *Dicionário Cinyanja-Português*. Lisboa: missionários da Companhia de Jesus, 1963.
- *Dictionnaire français-kituba, Kiluba-francaie*. Congo evangelista mission, B.P., 29, Katanga, Republique démocratique du Congo, 1469.
- DONEUX, Jean Léonce. *Histoire de La Linguistique africaine: des précurseurs aux années 70*. Provence. Publications de L'université de Provence, 2003.
- FÉLIX, Cândido Emanuel. *A cartilha de Umbanda*. Rio de Janeiro: ECO, 1965.
- FERNANDES, Florestan. *O Preconceito contra as pessoas de cor no Brasil e a luta jurídica*. In: *Anuário Staden*, São Paulo, tomo I, 1952.
- FREITAS, Byron Torres de e PINTO, Tancredo da Silva. *Fundamentos da Umbanda*. Rio de Janeiro: Editora Souza, 1956.
- FREITAS, Byron Torres de e PINTO, Tancredo da Silva. *Camba de Umbanda*. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1957.
- GIUSEPPE, Frizzi. *Dicionário de Emakhuwa – Português e Português Emakhuwa*. s.d.; s. ed.; s.l.
- GUILHERME, José e MAGNANI, Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1991.
- GUSIMANA, Barth. *Pende Wordlist*. 1972.
- HORTON, Albert. *A dictionary of Luvale*. USA: Rohn Brothes printing and lithozrophiing Co. 1953.
- HEINE, Berme and NURSE, Derek. *African languages an Introduction*. Cambridge: Cambridge University press, 2000.
- HUTA-MUKANA, Daniel Mutombo. *Notas de aulas de Linguística Histórico-Comparativista*. 2008.
- JACQUOT, André. *Lexique Laadi*. Paris. O.R.S.T.O.M, 1982.
- KAVUTIRWAKI, Kambaie et MUTAKA, Ngessimo M. *Dictionnaire Kimande-français*. Belgique: Musée Royal de L'Afrique Centrale, 2006.
- LAGOS, Nilza de Menezes Lino. *Arreda homem que ai vem mulher... representações de gênero nas manifestações da pombagira*. São Bernardo do Campo, junho de 2007, 17 op. Dissertação de Mestrado em ciências de religião, programa de pós-graduação em ciências de religião, faculdade de filosofia e ciências da religião, Universidade Metodista de São Paulo.
- LAMAN, K.E. *Dictionnaire Kikongo-français*. Bruxelles: s. ed., 1936. V₁ e V₂.

-
- LECONTE, Jean-Marie. *Lexique Gimbala – française – Kikongo*. Eegenhoven, 1956.
 - LIMA, Marta Valéria de. *Barracão de Santa Bárbara em Porto Velho: mudanças e transformações das práticas rituais*. 478p. dois volumes. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2001.
 - ----- . *História e Estrutura Ritual de um terreiro GeGê-Nagô em Porto Velho*. Revista Primeira Versão, EDUFRO, nº 112, ano I, setembro, Porto Velho, 2002.
 - LIMA, Marta Valéria de. e MENEZES, Nilza. *Pintando o santo*. Revista primeira versão, EDUFRO. nº 112, ano I, setembro, Porto Velho –RO. 2002.
 - LODY Raul. *Candomblé: religião e resistência cultural*. São Paulo: Ática, 1987.
 - LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
 - MATA, J.D. Cordeiro da. *Dicionário Kimbundo – Português*. Lisboa: Editora Antônio Maria Pereira, 1893.
 - MATOS, Alexandre Valente de. *Dicionário Português – Macua*. Lisboa: Junta de investigações científicas do ultramar, 1974.
 - M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009, tomo I (até o século XVIII).
 - MENDES, Luis Antonio de Oliveira. *Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravidão entre a Costa d'África e o Brasil*. Salvador: P555, 2004.
 - MENEZES, Nilza. *Com feitiço e com fetiche: a trajetória do bairro de mocambo em Porto Velho – Rondônia*. Em Revista Antropológicas. Pós-graduação em antropologia da UFPE – 1998. ano III, volume 8. Série: ensaios. núcleos de religiões populares. Organização Maria do Carmo Brandão.
 - MOURA, Clovis. *Brasil: Raízes do Protesto Negro*. São Paulo: Global. 1983. P.40-46, 100-105: Ideologia de Branqueamento das Elites Brasileiras e os Dilemas da Negritude.
 - MUDINDAAMBI, Zumbwe. *Dictionnaire Mbala – française*. Cuba, 1977.
 - NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. s. l.: Instituto Nacional de Linho, 1966.
 - ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda – integração de uma religião numa sociedade de classes*. Petrópolis: Vozes, 1978.

- PEIXOTO, Lillian Marilac Cornélio de Freitas. *A Fala do Vaqueiro no Sertão baiano: análise semântico-lexical*. 108p. Dissertação de mestrado em Letras e Linguística. Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia. 2007.
- PORDEUS JUNIOR, Imael. *Magia e Trabalho: a representação do trabalho na macumba*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.
- POVOAS, Ruy do Carmo. *A linguagem do Candomblé: níveis sócio-linguísticos de integração afro-portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- QUERINO, Manuel. *Costumes africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938
- QUINTÃO, José Luis. *Dicionário Xironga – português e Português – Xironga*. Lisboa: Agência geral das colônias – divisão de publicação e biblioteca, 1951.
- RIBEIRO, José. *Catimbó: a magia do nordeste*. Rio de Janeiro: Palla, 1992.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977[1932].
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo, Perspectiva, 1993.
- SANDER, W. H. *Vocabulary of the Umbundu language*. Boston: s. ed., 1885.
- SARACENI, Rubens. *Umbanda sagrada : religião ,ciencia ,magia e mistérios*. São Paulo : madras,2002.
- SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. Rio de Janeiro: Ática, 1994.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- SWARTENBROECKX, Pierre. *Dictionnaire Kikongo et Kituba-français*. Zaire, Cuba, 1973.
- TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. *A macumba em Porto Velho*. Compêndio de História e Cultura de Rondônia. Porto Velho, Volume 2, p. 47-75, setembro 1994.
- _____. *Dos Campos d'Ouro à Cidade das Ruínas: Apogeu e Decadência do Colonialismo português no Vale do Guaporé: Séculos XVIII –*

- XIX. 182p .Dissertação de Mestrado em História. Departamento de Pós-Graduação em História. UFPE, 1996.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: Deuses Iorubas na África e o Novo Mundo*. São Paulo: corrupio, 1993.
 - VIANA, Miguel José. *Dicionário de Português – Chi-yao e Chi-yao-Português*. Moçambique: Mem. Inst. Invest. Cient. Moçamb., 1961.
 - WARMENHOVEN, João. *Vocabulário de Língua do Kimbundo de Angola*. Nêderland: Missie Informadie Dienst, 1994.
 - WILLENS, Emile. *Dictionnaire tshiluba-français*. Lutualourg Archidiocese, 1936.
 - WOODS, R.E. Broughall. *A short introductory dictionary of the kaonde Language*. Londres: the religious tract society, 1924.
 - RAMA NÍGER-CONGO. Disponível em: < http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/congokor/niger_congo>
 - Jacky Maniacky. Disponível em : < <http://www.bantu-languages.com> >

ANEXOS



ANEXO A – fotos do terreiro

Imagem 13 – Espaço do público

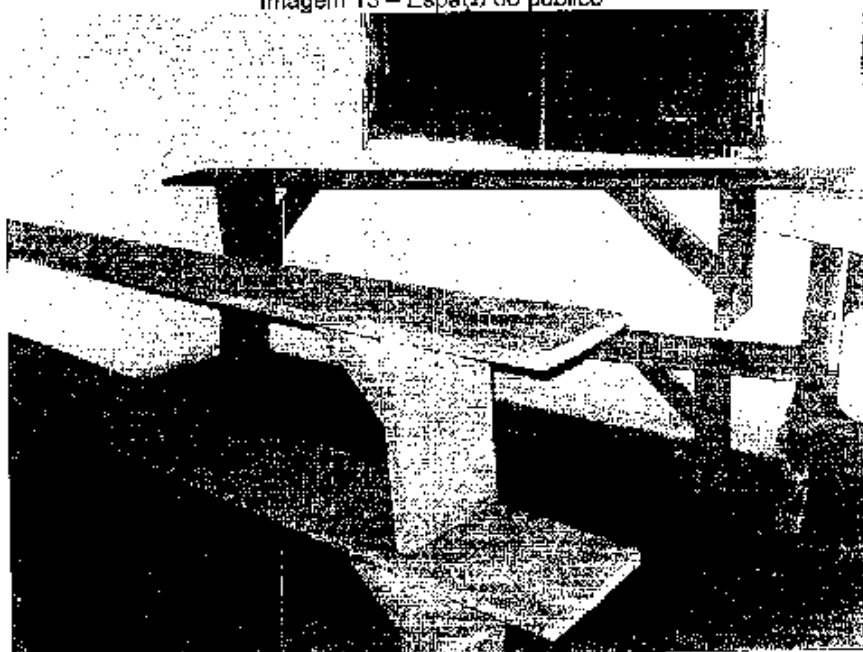


Foto do Autor (2008)

Imagem 14 – Diploma da mãe de santo

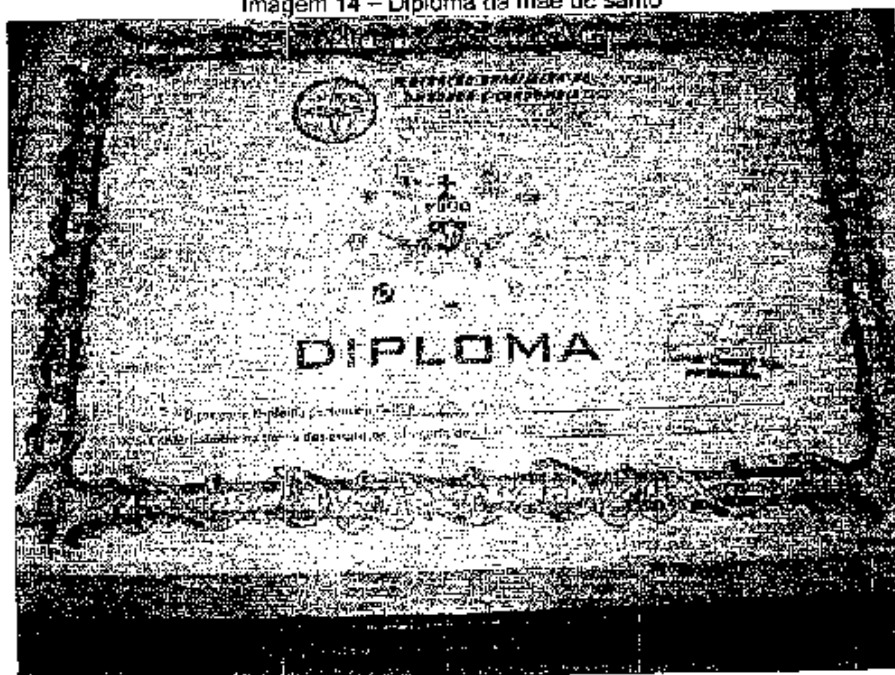


Foto do Autor (2008)

Imagem 15 – Alvará de funcionamento

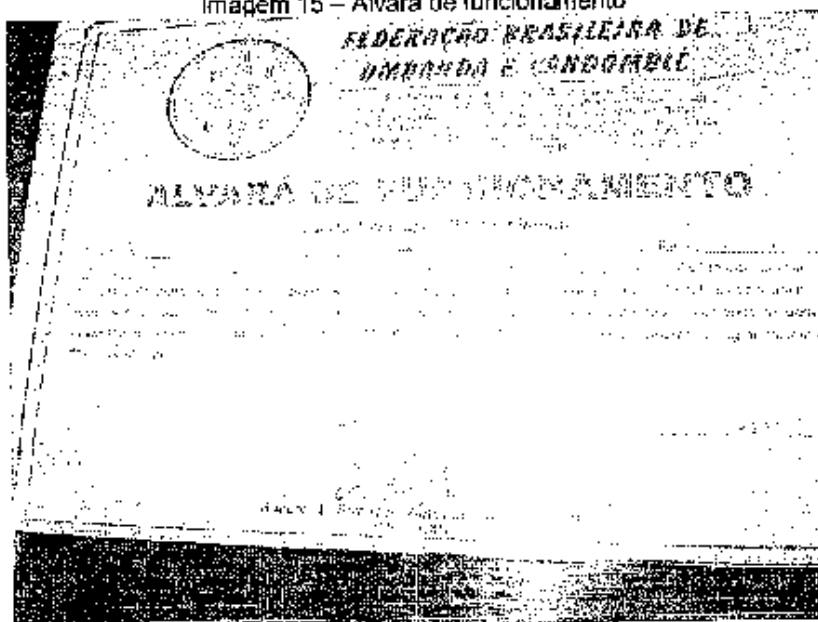


Foto do Autor (2008)

Imagem 16 – Interior do barracão



Foto do Autor (2008)

Imagem 19 - Certificado de Ração
Imagem 17- Pertences dos boiadeiros

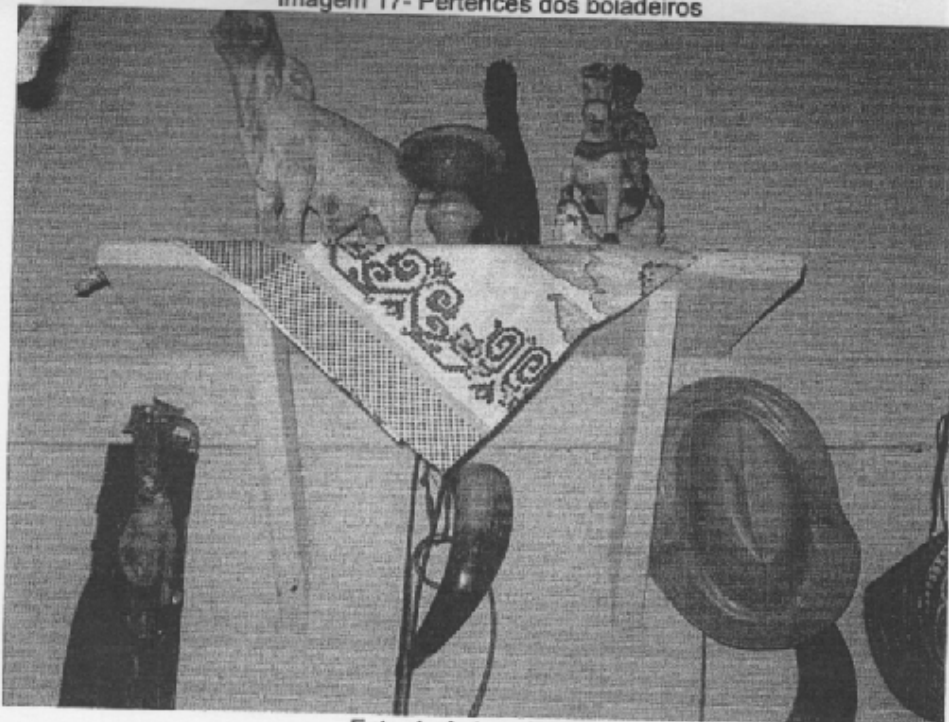


Foto do Autor (2008)

Imagem 20 - "Assentamento de Xangô"
Imagem 18- Os ciganos

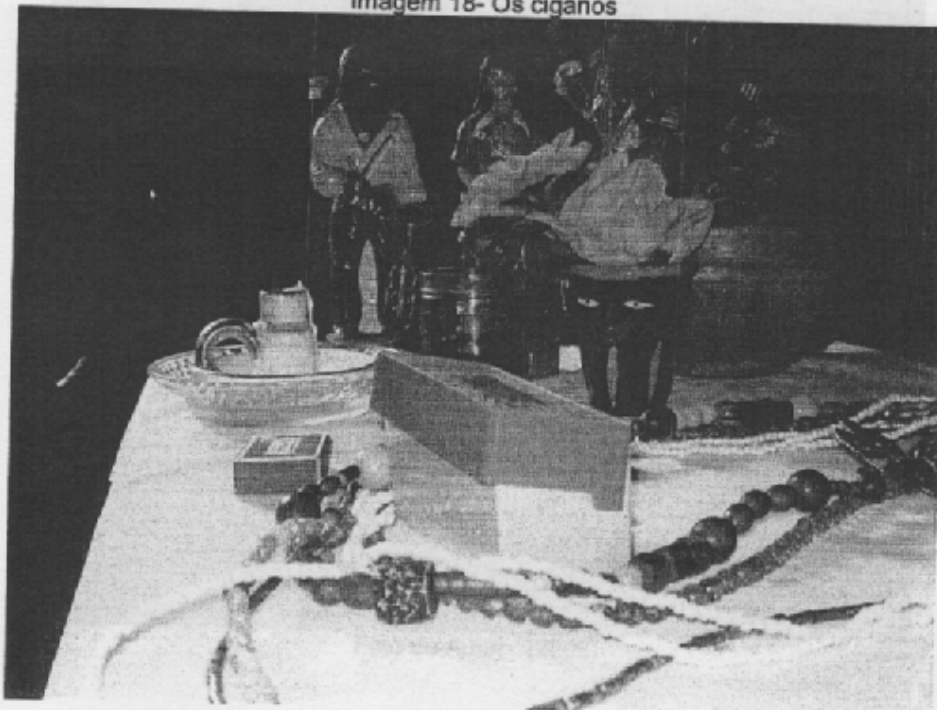


Foto do Autor (2008)

Imagem 19 – Certificado de filiação

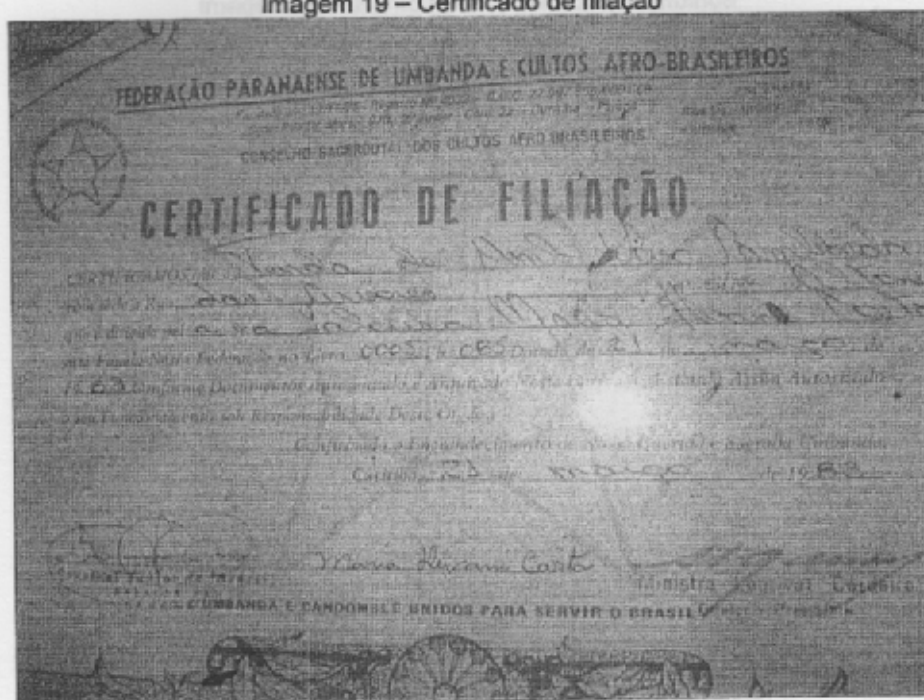


Foto do Autor (2008)

Imagem 20 – "Assentamento de Xangô"



Foto do Autor (2008)

Imagem 21 – Ponto riscado da Vovó Cambinda

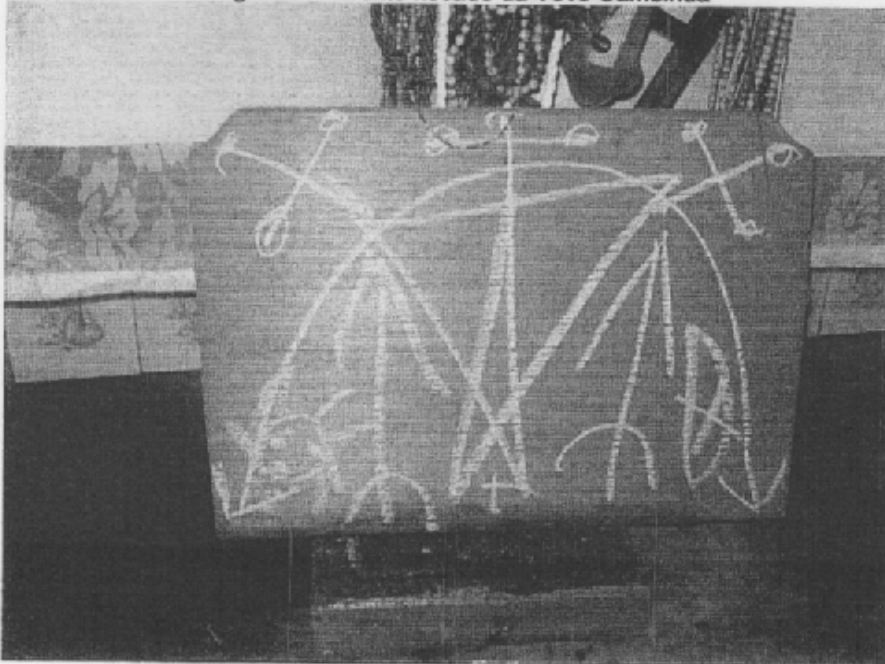


Foto do Autor (2008)

Imagem 22 – “Assentamento de Oxum”



Foto do Autor (2008)

Foto do Autor (2008)

Imagem 23 – Pertences dos marinheiros



Foto do Autor (2008)

Imagem 24 – Sessão de Umbanda

Imagem 24 – "Assentamento dos baianos"

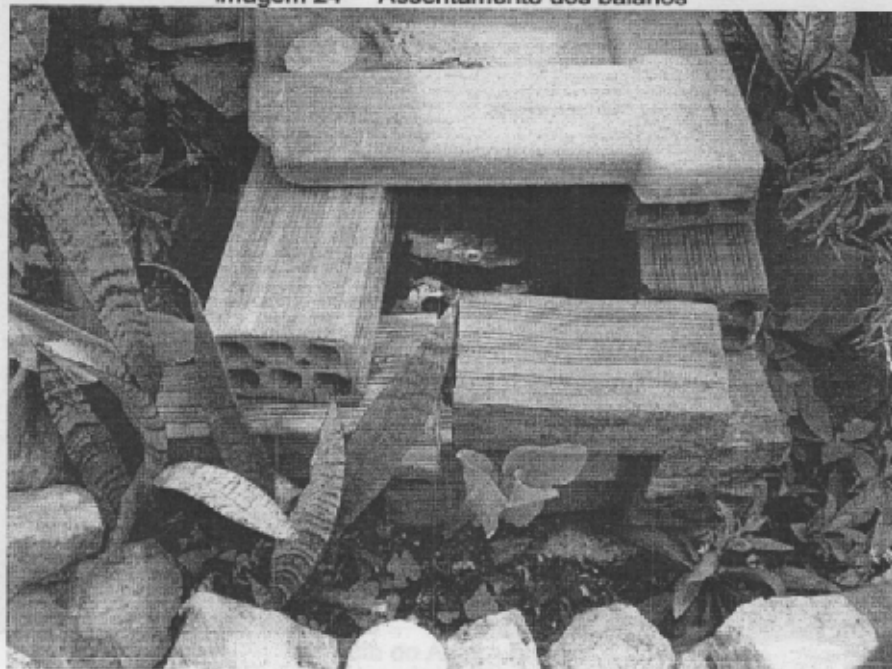


Foto do Autor (2008)

Imagem 25 – Sessão de Umbanda



Foto do Autor (2008)

Imagem 26 – Sessão de Umbanda

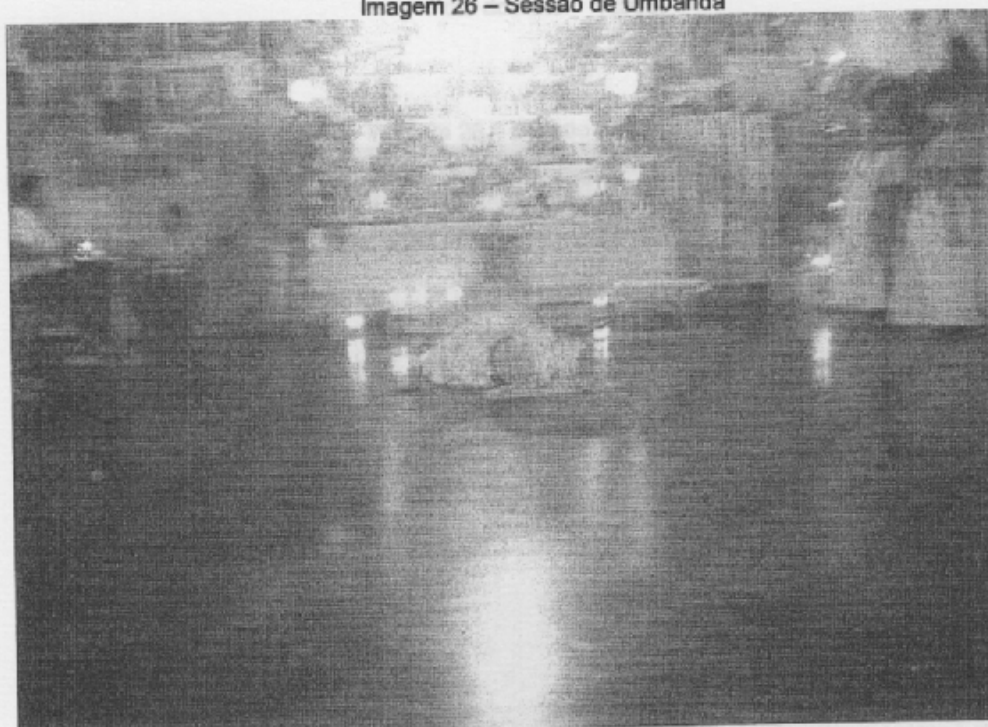


Foto do Autor (2008)

Foto do Autor (2008)

Imagem 27 – Sessão de Umbanda



Foto do Autor (2008)

Imagem 28 – Sessão de Umbanda



Foto do Autor (2008)

Imagem 29 – Sessão de Umbanda



Foto do Autor (2008)

Imagem 30 – Sessão de Umbanda



Foto do Autor (2008)

Imagem 31 – Sessão de Umbanda



Foto do Autor (2008)

Foto do Autor (2008)

Imagem 32 – Sessão de Umbanda



Foto do Autor (2008)

Imagem 33 – Sessão de Umbanda



Foto do Autor (2008)

Imagem 34 – “Assentamento de Ifá” (conforme a mãe de santo)



Foto do Autor (2008)

Embora Ifá não seja, no candomblé keto, uma entidade e sim um oráculo; na Umbanda, Ifá sincretiza-se com o espírito santo e nesse sentido constitui uma entidade, portanto digna de assentamento.

Imagem 37 – Presépio (no detalhe a figura de um índio)

Imagem 35 – Presépio



Foto do Autor (2008)

Imagem 36 – Presépio (no detalhe um caracol)



Foto do Autor (2008)

Foto do Autor (2010)

Imagem 37 – Presépio (no detalhe a figura de um índio)

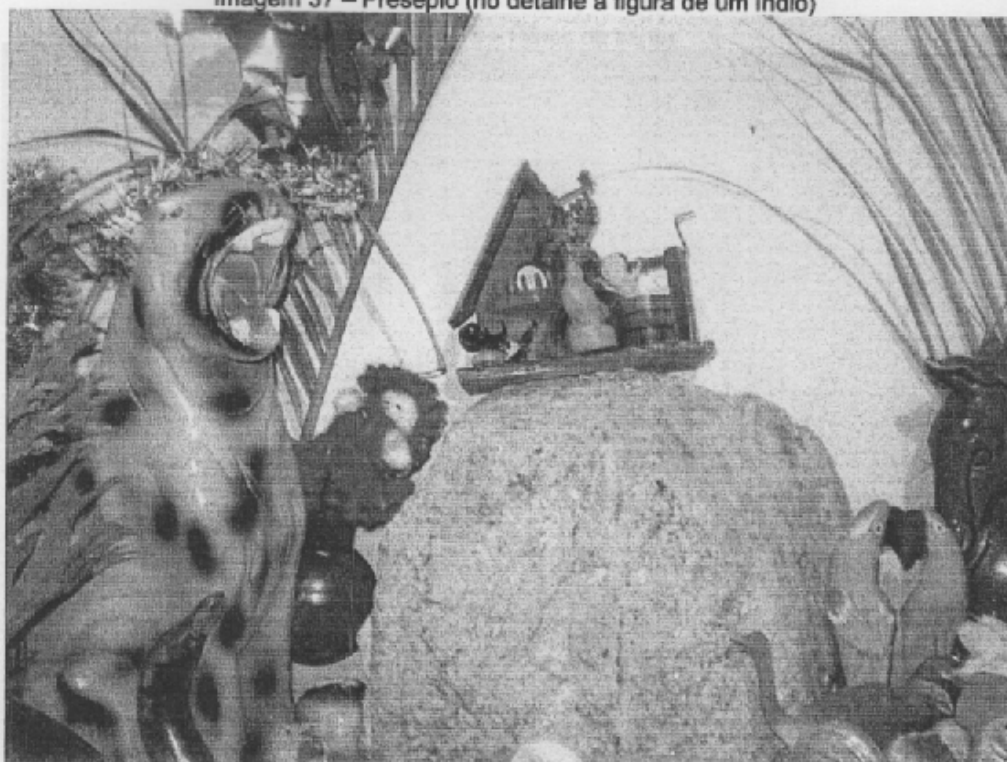


Foto do Autor (2008)

Foto do Autor (2008)

Imagem 38 – Presépio



Foto do Autor (2008)

Imagem 39 – Filhos de santo



Foto do Autor (2008)

Imagem 40 – Mãe de santo Ana Maria

Imagem 40 – Filhas de santo



Foto do Autor (2008)

Imagem 43 – Ovela Vaidir Sigmato e Mafra Carvalho

Imagem 41 – A mãe de Santo Maria Costa



Foto do Autor (2008)

Imagem 44 – Mãe de Santo Maria Costa e as companheiras Leonina Chaves e Nise Sigmato

Imagem 42 – Mãe pequena Ana Maria



Foto do Autor (2008)

Imagem 43 – Ogãs Valdir Signato e Matias Carvalho



Foto do Autor (2008)

Imagem 44 – Mãe de Santo Maria Costa e as cambones Leonina Chaves e Nice signato



Foto do Autor (2008)

Imagem 45 – Diploma da mãe de santo Maria Costa

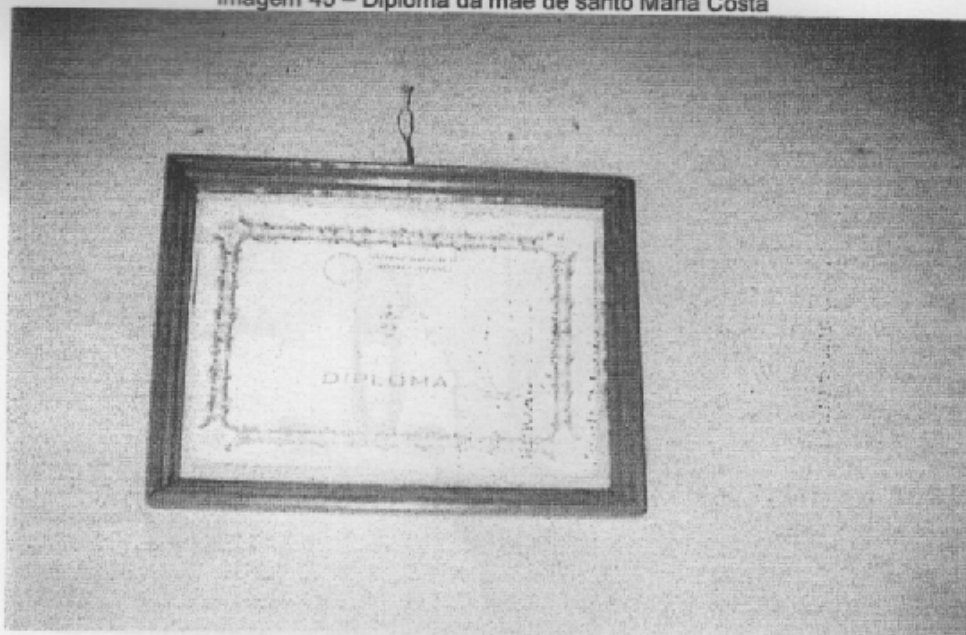


Foto do Autor (2008)

Imagem 46 – Interior do barracão

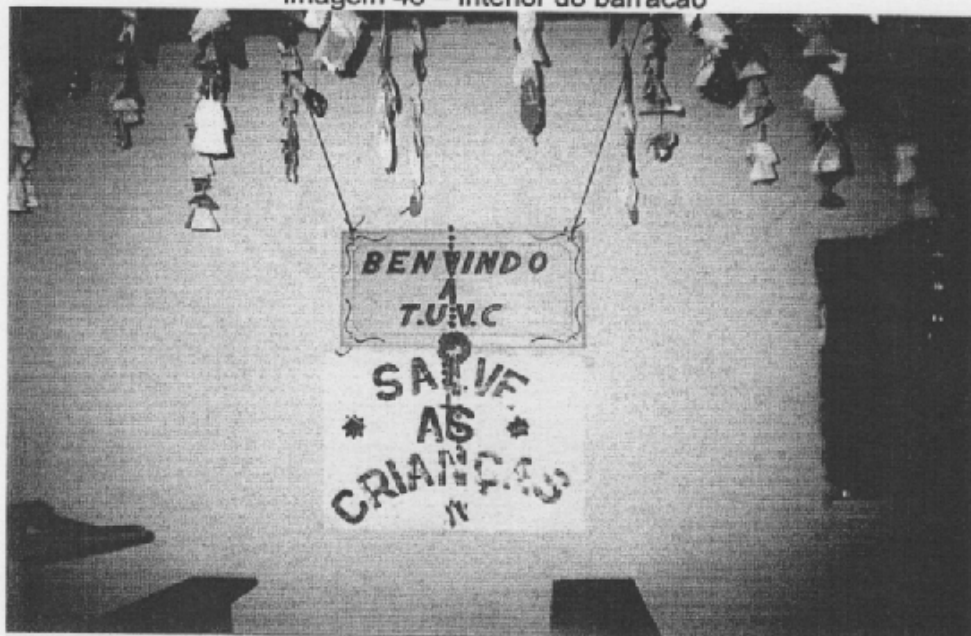


Foto do Autor (2008)

Imagem 47 – A mãe de santo Maria Costa



Foto do Autor (2008)

Foto do Autor (2008)

Imagem 48 – Construção do barracão



Foto da Mãe de Santo (1988)

Foto do Autor (2008)

Imagem 49 – (gongá) interior do barracão

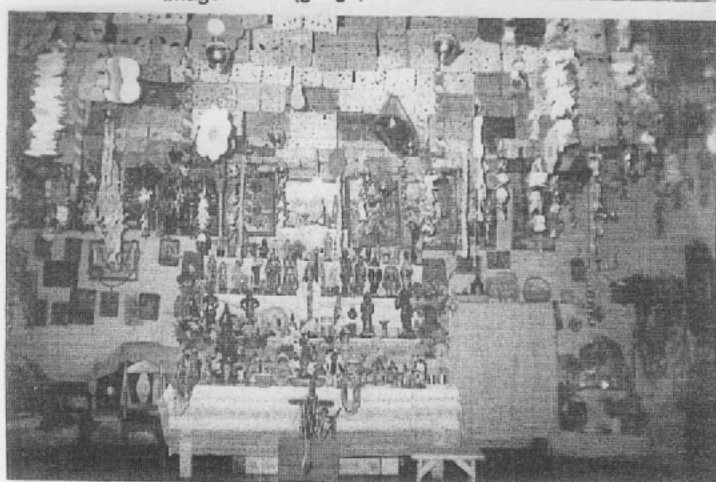


Foto do Autor (2008)

Imagem 50 - Alvará de funcionamento

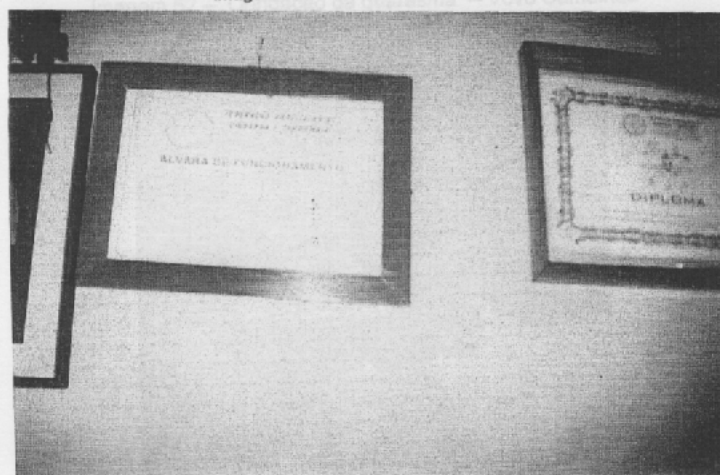


Foto do Autor (2008)

Imagem 51 – Vovó Cambinda



Foto da Mãe de Santo (1999)

Foto da Mãe de Santo (2002)

Imagem 51 – (Zé Peltrera) Interior do barracão

Imagem 52 – "Obrigação da quaresma" – Vovó Cambinda



Foto da Mãe de Santo (1985)

Imagem 53 – Vovó Cambinda e os pretos velhos



Foto da Mãe de Santo (2002)

Imagem 54 – (Zé Pelintra) interior do barracão

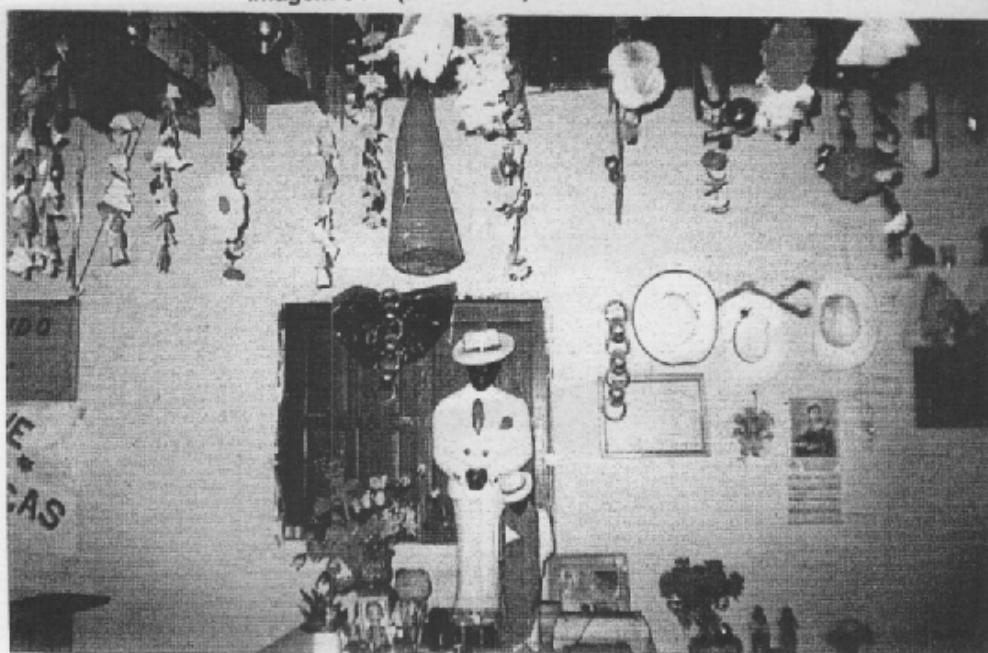


Foto do Autor (2008)

ANEXO B – DISCOGRAFIA

Imagem 55– (“Assentamento de Xangô”) interior do barracão



Foto do Autor (2008)

Imagem 56 – Festa de Cosme e Damião



Foto da Mãe de Santo

ANEXO B - DISCOGRAFIA

Disco 01

**SARAVA****o rei dos terreiros**

LADO A

- 1ª - PAI JOÃO E MÃE MARIA
(Italucia - R. Stanganelli)
- 2ª - ROSAS VERMELHAS PARA MOÇA BONITA
(Italucia - R. Stanganelli)
- 3ª - OLHO GORDO
(Italucia - R. Stanganelli)
- 4ª - SARAVA O REI DOS TERREIROS
(Italucia - R. Stanganelli)
- 5ª - LANÇA DE SÃO JORGE
(R. Stanganelli - E. Barreto)
- 6ª - FÉ NO MEU ORIXÁ
(R. Stanganelli - F. Barreto)

LADO B

- 1ª - CABOCLIO PENA VERDE
(R. Stanganelli - F. Barreto)
- 2ª - SALVE COSME E DAMIÃO
(Italucia - R. Stanganelli)
- 3ª - SARAVA OCEM
(Italucia - R. Stanganelli)
- 4ª - MATA ILUMINADA
(R. Stanganelli - F. Barreto)
- 5ª - A GRANDE LIZ
(R. Stanganelli - F. Barreto - A. Guardião)
- 6ª - ENCHA O COERAÇÃO DE FÉ
(R. Stanganelli - Ari Guardiã)

SLP-01000

Lado A

Lado B

SOM INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A. - 12088 Guarulhos - Rua Espírito Santo, 112 - Tel. 011-248-0000 - Cx. Postal 100 - CEP 01100-000 - SÃO PAULO - SP

SOM INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A. - 12088 Guarulhos - Rua Espírito Santo, 112 - Tel. 011-248-0000 - Cx. Postal 100 - CEP 01100-000 - SÃO PAULO - SP

SOM INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A. - 12088 Guarulhos - Rua Espírito Santo, 112 - Tel. 011-248-0000 - Cx. Postal 100 - CEP 01100-000 - SÃO PAULO - SP

SOM INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A. - 12088 Guarulhos - Rua Espírito Santo, 112 - Tel. 011-248-0000 - Cx. Postal 100 - CEP 01100-000 - SÃO PAULO - SP

Disco 02 (1970)



ABERTURA E ENCERRAMENTO

LP - 1 26 413 137
K7 - 1 26 765 167

J. B. de Carvalho
apresenta **SÃO JORGE** MAGIA DE
O REI do TERREIRO AND

Face A

BEIRA MAR - Bolão
(J. B. de Carvalho - Assis Maga - G. Faria)
E-E-E-E (Cobocão 7 Frazão) - Botafogo
(J. B. de Carvalho - Flávio Pimenta)
CABOÇO DA CACHOEIRA
(J. B. de Carvalho - Renato Farias)
OGUM MEU PAI - Maracatu
(J. B. de Carvalho - A. F. Gonçalves)
OXUMARÉ - Maracatu
(J. B. de Carvalho - G. Faria)
CANCIRA - Maracatu
(R. Hesteb - P. Rodrigues)

Face B

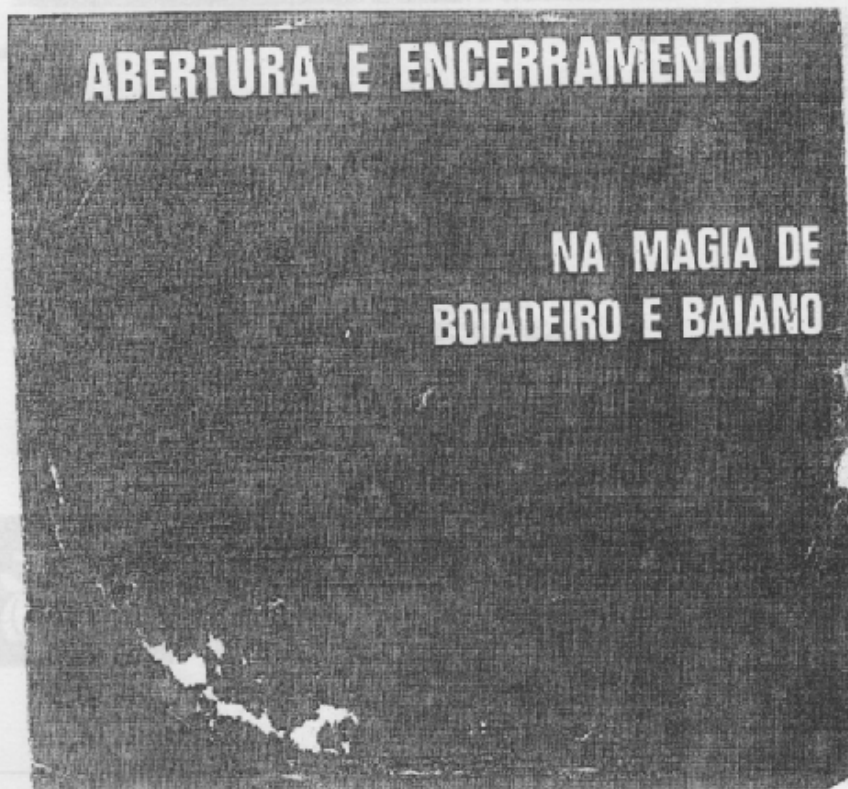
SÃO BENEDITO - Maracatu
(J. B. de Carvalho - A. Maga - J. Reis)
TRANCA SUA - Bolão
(J. B. de Carvalho - G. Faria)
CAROLIA IUREMA
(J. B. de Carvalho)
CONGO-E - Maracatu
(J. B. de Carvalho - A. Santos)
DIA DAS OBIANCAS - Botafogo
(R. Farias - J. B. de Carvalho)
PONTO DE ANIVERSÁRIO (OGUM E DANÇAS)
(J. B. de Carvalho - G. Faria) Maracatu



Continente

DISCO-GRÁFICA
STEREO

Disco 03 (1983)



Disco 04 (1974)

LP204-00-20
1974-07-20

NA GIRA DO PRETO VELHO

- | LADO A | LADO B |
|---|--|
| 1 VELHO CASANJE
(Luis de França) | 1 PRETA VELHA DA BAHIA
(Stanny da Comédia) |
| 2 PAI JOAQUIM
(Osvaldo C. Miranda-Serapim Guimarães) | 2 VOVO TEM 7 SAIAS
(Berdine Guimarães Gomes) |
| 3 SENCE VAI GAMBÁ
(Tullio Laurat) | 3 VOVO CATARINA
(Dias da Cruz-Geraldo Gomes) |
| 4 PRETO VELHO TA CANSADO
(Raulino da Cunha-Zélio Soares) | 4 VOVO DA BAHIA
(Osvaldo Pacheco) |
| 5 BATE TAMBOR NA ANGOLA
(pito de Almeida-Suzanna da Silva) | 5 VOVO JOACIBINA
(Osvaldo C. Miranda-Serapim Guimarães) |
| 6 SINHO MACIÇA
(Beraldo Sobrinho) | 6 VOVO TAMBÉM MANDA
(2000 Garças-Berardo da Silva) |



STEREO
DISCO E CULTURA
TAMBÉM EM SINICASSETTE

ANEXO C - Documentos

Documento - 1 (certidão)


 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 COMARCA DE LONDRINA ESTADO DO PARANÁ
 1º OFÍCIO DE REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
 RUA PIAUI, 211 - GALERIA FOLHA DE LONDRINA - LOJA 2 - FONE 22-1900

Giovanni Losi
(TITULAR)

Arnaldo Anuziato
(CF. MAIOR)

CERTIDÃO

CERTIFICADO - a pedido verbal de pessoa interessada que, revendo o Livro "A" de Registro Civil das Pessoas Jurídicas, encontrei a Inscrição - sob nº 234 de 14.05.74, apontada sob nº 29.517 do Protocolo A-1, de seguinte teor: "Registro do extrato do estatuto apontada sob nº 29.517, apresentado por Maria Hevany Costa, conf. req. assinado pela mesma, em 03.03.74, com firma rec. pelo Tabelião de Altonia, acompanhado de uma cópia dos Estatutos e um exemplar do Diário Oficial do Estado nº 22, Edição de 18.04.74, hoje arquivado: - "Extrato de Estatuto para fins de Registro - Denominação: - "TERÇA DE UMBANDA NOVA D'AMBINDA", fundada em 05.03.74; com sede e fóro na cidade de Altonia, Estado do Paraná; Finalidade: - Estudo teórico, espiritual e prático do Culto de Umbanda, de acordo com seus princípios cristãos universalmente conhecidos e aplicados pela sociedade de conformidade com o regimento interno que adotar; Tempo de duração: - Indeterminado; Patrimônio: - É constituído das bens que possui ou venha a possuir; Os sócios: - Dividem-se em quatro categorias: - Honorários, Benemeritos, Hamidos e Contribuintes. Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações da sociedade. Da administração: - Compete à diretoria administrar a sociedade. Os reformos dos Estatutos: - somente poderão ser reformados após dois anos de sua aprovação. No caso de dissolução o patrimônio da sociedade revertter-se-á em benefício de uma sociedade congênera. Presidentes: - Maria Hevany Costa. Londrina, 25 de março de 1974. (a) Arnaldo Anuziato, Oficial Maior". Nada mais. Londrina, 14 de Maio de 1974. (a) Arnaldo Anuziato, Oficial Maior". Era somente o que se continha em dito registro do qual tom o presente extrai a presente Certidão e reportando-se ao seu original. Dou fé. Eu, Oficial Maior, a detilografar e assino.-

O referido é verdade e dou fé.-

Londrina, 14 de Maio de 1974.-



Arnaldo Anuziato,
Oficial Maior. AA/-

Documento - 2

ATA DE REUNIÃO

Ata de reunião na Tenda de Umbanda
Nova Condição, fundada em 06-03-74

Por 16 dias do mês de agosto de 1980
na Tenda de Umbanda Nova Condição, foi
formada uma reunião com entidades que
vem frequentando esta Tenda Umbanda, para
que poderiam formar uma nova entidade
que por motivos de mudanças das Sociedades Anteriores, deixamos de fazer as Atas passadas.

Logo iniciou a reunião iniciando
a palavra da Presidente, a Sr.^a Maria Hevany Costa,
que por sua vez pediu a mediunidade para ter
firmeza e que fossem presentes em todas
reuniões, e que também trabalhassem de acordo
com a lei, pois esta Tenda jamais teve alguns
problemas, e não se queria que a tivesse, em
seguida ela entregou a palavra a Secretária
Ana Maria de Souza, que após deu o estatuto
e determinações, que seria formada a Sociedade
e que cada Socio, teria que pagar uma mensalidade
de 20,00 mensais, pois todos os sábados
que trabalham com ela vem fazendo muito e
assim não teria condições para os trabalhos.

Logo depois a Presidente Maria Hevany
Costa, solicitou que todos os presentes elegessem a
nova Entidade do referido Centro. Após a votação
a entidade ficou assim constituída por unanimidade.
Presidente: Maria Hevany Costa

Vice Presidente: Maria Carralho Costa

1.^o Secretária: Ana Maria de Souza

2.^o Secretária: Laura Berto de Oliveira

1.^o Tesoureira: Jacilite James da Silva Santana

2.^o Tesoureira: Janete Barbosa de Almeida

Documento - 3

CERTIFICADO DE MATRIMÔNIO ESPIRITUAL (CASAMENTO)

Casamento

(4)

Certificamos o matrimônio espiritual de José dos Santos, nascido em (01) um de (07) julho de (1969) um mil novecentos e sessenta e nove no município de Figueiras no estado de Sergipe, filho de dona Josefa Narcisa dos Santos, e ela Cassia Magalli Pereira, nascida em (19) dezenove de (05) maio de um mil novecentos e sessenta e oito (1968) no município de Santo Anastácio no estado de São Paulo. Filha de Aparecida Pereira e dona Helena de Lima Aires Pereira.

A cerimônia matrimonial aconteceu na Tenda de Umbanda Uovo Cambin da às 21:30 - horas do dia onze de setembro neste município.

O regente cerimonial foi o orixá Uguem Rompe Mato.

Os matrimoniados

Ele: José dos Santos

Ela: Cassia Magalli Pereira

Os padrinhos espirituais

Ele: José Relintra

Ela: Uovo Joana Baiana

Os padrinhos materiais

Ele: Gilberto R da Silva

Ela: Antonia dos S da Silva

Colim de Moura, 11 de setembro de 2004

Documento - 4

COMPROVANTE DE PAGAMENTO E FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA E CANDOMBLÉ

BANCO DO BRASIL		1001-91		Recibo do Escado.	
Qualquer Banco Ativo Vencimento				Valor Escado	
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA E CANDOMBLÉ				10 = 11 = 2005	
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA E CANDOMBLÉ				1179-7/ 12438-0	
Espécie Doc. Anula Data Processamento				Número Série	
10-019				83.000.701.171-8	
Valor				(-) Valor de Desconto	
37				0,00	
35				(-) Outras deduções (previdência)	
18				(-) Outras deduções (lucro)	
				(+/-) Outras Acreditações	
				(+/-) Valor líquido	
Poupança				Código de Banco	
1179-7/1171-1				Administração centralizada	

08/11/2005 - BANCO DO BRASIL - 11:26:27
140617463 0095

COMPROVANTE DE PAGAMENTO DE TÍTULOS

BANCO DO BRASIL S.A.

001973839570117111792000124381007000000000000
 NÚMERO 93827701171
 CONVÊNIO 00730377
 FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA
 AGENCIA/COD. CEDENTE 1179/00612438
 DATA DO PAGAMENTO 08/11/2005
 VALOR DO DOCUMENTO 60,00
 VALOR COBRADO 60,00
 NR. AUTENTICAÇÃO 9.848.666.90C.830.842

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)